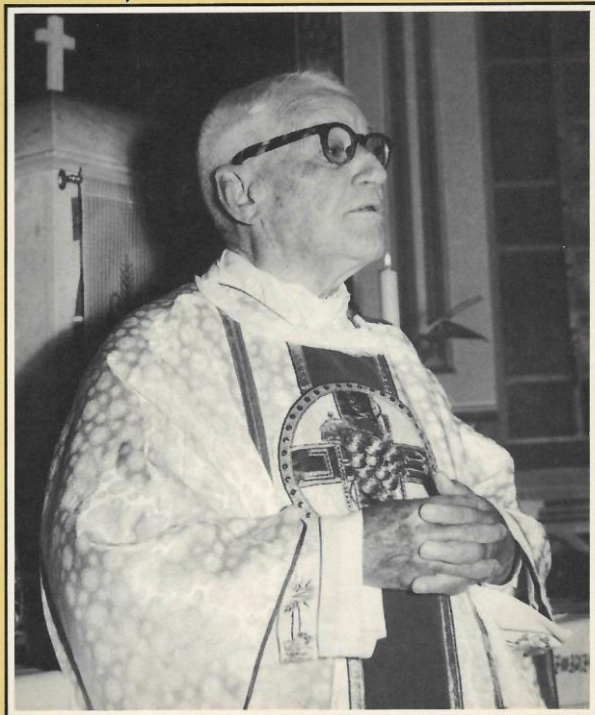


Monsenhor
Albino Alves da Cunha e Silva
Apóstolo da Caridade



2ª EDIÇÃO
Revista e Complementada

Mons. Victor Rodrigues de Assis
Pe. Synval Januário (Apêndice)

Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva

APÓSTOLO DA CARIDADE

MONSENHOR VICTOR RODRIGUES DE ASSIS

PADRE SYNVAL JANUÁRIO

Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva

APÓSTOLO DA CARIDADE

Vida e Realizações do virtuoso, dinâmico e

Caridoso Mon. Albino Alves da Cunha e Silva

2.º Vigário de Catanduva

Obra idealizada, elaborada e publicada em homenagem

às Bodas de Ouro de 4 gratas efemérides: Elevação de
Catanduva a Município 14/4/1918

- 1 Mudança do nome de Vila Adolpho, pelo de
Catanduva 14/4/1918
- 2 Posse do 2.º Vigário Mon. Albino Alves da Cunha e Silva
28/4/1918
- 3 5.º Centenário da morte do Papa Santo Hilário, que como Mons.
Albino, perseguido, fugiu para não morrer 1468
(Tudo, por defender os direitos da S. Igreja)

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 14 DE ABRIL DE 1968

Domingo de Páscoa

DEDICATÓRIA

MÃE!

A MÃE E ROSEIRA, EM FLOR,
ENCANTO DA VIDA HUMANA,
NO JARDIM DO PURO AMOR,
AMOR QUE DE DEUS DIMANA.

A memória do meu falecido pai –
Sebastião Rodrigues de Assis;

A minha querida Mãezinha - Maria
Ignácia Verônica - que, tendo sido sempre
pobre, teve a honra de criar 15 filhos -
número igual ao dos mistérios do Rosário de
Nossa Senhora – e que, apesar de seus 83
anos de idade, ainda trabalha o dia inteiro e
reza até altas horas da noite;

A quem devo a minha existência, minha
fé e formação religiosa;

Como prova de amor a minha gratidão;

Dedico este modesto trabalho, de todo o
meu coração!

Mons. Victor R. de Assis

“Nas mãos das mães está o futuro da Pátria e da Igreja”.

“Dai-me boas mães e eu salvarei o mundo”.

São Pio X

AGRADECIMENTO

Imensamente grato, quero deixar aqui o meu sincero e profundo agradecimento ao ilustre filho de Catanduva Revmo. Sr. Cônego Synval Januário.
- meu prezadíssimo amigo e colega, que muito cooperou comigo na confecção do presente livro.

O Autor

CARTA DE DOM LAFAYETTE

São José do Rio Preto, 2 de fevereiro do 1968.

Mui prezado Mons. Victor Rodrigues de Assis

Louvados sejam Jesus. Maria e José!

Soube do seu propósito em escrever os fatos mais notáveis da vida de nosso caríssimo Mons. Albino, venerando Pároco de Catanduva

Ha 37 anos o conheço de perto e posso afirmar que ele, realmente, encarna em si as virtudes de verdadeiro sacerdote.

Exemplo de humildade profunda, aliada ao amor a Nossa Senhora, e a Jesus Cristo na Eucaristia e no pobre.

Mons. Albino poderá dizer como São Paulo aos seus fiéis: “Sede meus imitadores como eu Sou de Cristo”.

O seu trabalho, meu caro Mons. Victor, fara cair graças sobre as almas sacerdotais.

Deus abençoe seus esforços.

Lafayette, Bispo Titular de Giro de Tarásio

PREFÁCIO à 2ª EDIÇÃO

Em boa hora vem a lume está 2ª edição da vida de Mons. Albino. Ela vem reavivar suas grandes virtudes e obras na memória dos que conheceram e o admiram, e levá-las ao conhecimento dos vindouros, como luzeiros que orientam e estimulam.

Elas ecoam ainda hoje em todos os recantos da cidade e da região, e fazem vibrar em uníssono os corações de todos, crentes ou não.

Sente-se por toda a parte a riqueza de sua influência e o vazio de sua ausência.

Deus inspirou aos hagiógrafos os livros sagrados que nos ensinam por palavras, mas move agora os justos a viverem seus ensinamentos, e é assim o verdadeiro autor do que aqueles ensinaram e do que estes realizam. Por isso é igualmente proveitoso conhecer as obras de uns e os escritos de outros.

Ainda há pouco, em Puebla, a América Latina alçava bem alto a bandeira da opção preferencial pelos pobres, mas, já muito antes, Mons. Albino a realizara. Aí estão em Catanduva suas múltiplas iniciativas mobilizando a todos e atingido todos os aspectos das necessidades e todas as pessoas. Nunca ninguém fez tanto a tantos, com amor e com tanto sacrifício. Seu nome está escrito a ouro na história de Catanduva e gravado a fogo no coração de todos

Suas obras e os monumentos o testemunham. Mas bem prodigiosas são as pirâmides do Egito e, entretanto, são mudas e sujeitas a ruína e esquecimento, como mortas. Há também em nossas cidades monumentos e placas que hoje pouco falam às novas gerações. É preciso que se conheça o porquê dos monumentos e das homenagens. Aí está o valor do livro. “O livro é memória viva e estátua animada”, dizia Frei Luís de Souza, “com tantas línguas para públicas as grandezas como tem de letras e com tantas asas para voar e fazer estimar, como tem de folhas”.

É assim que Mons. Victor, com seu livro, vem dar vida ao testemunho das obras e dos monumentos. Vem ajudar a compreender e a conservar nas obras o espírito com que foram criadas, o sacrifício pessoal em que têm suas raízes e o amor que lhes garantiu a perenidade. Só com este espírito, a dar vida na continuidade, é que suas obras serão autênticas.

Parabéns à Fundação Padre Albino pela feliz iniciativa da reedição e parabéns ao emérito historiador Mons. Victor, pelo que escreveu e pelo benefício que assim presta à história e à cidade.

Mons. Victor, somos-lhe gratos. Sua obra é uma joia preciosa de brilho singular engastada no florão das homenagens a Mons. Albino. Ela aviva sua presença e ajuda a frutificar seu testemunho.

Que o exemplo da vida e da ação de Mons. Albino sejam foto de luz a nos orientar e lareira de amor a nos mover.

José de Aquino Pereira

Bispo de Rio Preto

PREÂMBULO

Vida e realizações de Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva, segundo e atual Vigário de Catanduva.

A incumbência de escrever a vida de Mons. Albino foi, para mim, mais do que uma honra. Foi uma graça e grande graça.

Este livro, sem embargo da incompetência e imperfeições do biógrafo, mas em atenção ao biografado, deveria ser lido e meditado pelo Clero e pelo povo.

Mons. Albino está perfeitamente enquadrado nas seguintes palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo:

"Todo aquele que deixar: a casa, os pais, os irmãos, a mulher, os filhos e os campos, - por causa do meu nome - receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna". (1)

"Estando, um dia, o grande São Francisco de Assis padecendo cruciantes dores, em súbito seu, movido de compaixão pelo santo pai espiritual, disse-lhe:

-Por que V. Revma. não pede a Deus que o livre dessa amargura? São Francisco, como sempre, abrasado no amor de Deus, respondeu-lhe:

- Se eu não conhecesse a tua reta intenção e simplicidade, expulsar-te-ia da nossa ordem, pela tua temeridade em te opores à vontade santíssima de nosso bom Deus!

(1) Mat. 19,29.

De tudo o que se passa no universo, exceto o pecado, nada acontece, sem o concurso e a vontade de Deus, cujos desígnios são infinitamente sábios e têm por objeto o nosso bem! (1)

Mons. Albino, sofrendo sempre as maiores dores morais e físicas, jamais se abateu e nunca se irritou e nem reclamou!

"Lutar! Que importa, se afinal venceste?

Chorar! Que importa, se afinal sorris?

A tempestade, se não rompe a estátua,

Lava-lhes os pés e a triunfal cerviz!" (2)

Grata homenagem aos 4 belos Jubileus - Bodas de Ouro:

1.º - Elevação de Catanduva a Município ... 14-4-1918

2.º - Mudança do nome de Vila
Adolpho pelo de Catanduva
14-4-1918

3.º - Posse do 2.º Vigário Monsenhor
Albino Alves da Cunha e Silva
..... 28-4-1918

4.º _ 5.º centenário da morte do Papa
Santo Hilário que, por defender a
causa de Deus, foi perseguido e
fugiu para não ser morto
..... 1468

-
- (1) Pe. Lambillote S. J. Em o “Consolador dos aflitos”.
(2) Castro Alves “Espumas Flutuantes”.

NASCIMENTO

Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva nasceu a 21-9-1882, na aldeola denominada Codeçoso, Concelho de Celorício de Basto, província do Minho – Portugal.

“Não pode uma árvore boa dar maus frutos”. (1)

“Pelos frutos se conhecem as árvores”. (2)

São palavras do Divino Espírito Santo, exaradas na Sagrada Escritura.

Os pais de Mons. Albino foram Avelino Alves da Cunha e Silva e Ana Joaquina da Mota e Andrade. Pessoas de sólida formação moral e alto grau de religiosidade. Possuidores de uma fortuna considerável, porque honestos e trabalhadores.

Naquele abençoado lar, onde a honra existia na realidade, reinava o amor verdadeiro; virtudes cristãs, paz e prosperidade eram os seus melhores bens. O amor recíproco do feliz casal era o fruto do amor de Deus, que também, produzia o amor do próximo. A conservação da honra e de um labor constante muito contribuía para a santidade daquela modelar família.

O sr. Avelino era um homem enérgico, prudente e calmo, porém de ação decidida. Bem equilibrado, austero e trabalhador.

(1) Mat. 7,18

(2) Mat. 7,20

Dona Ana, dotada das mesmas qualidades, bastante religiosa, esposa carinhosa e boa, mãe extremosa e santa – era o anjo do lar, “Bem-aventurada a mãe em cujo seio palpita o próprio Deus. Seus dias são um Natal perene. Em cada ato seu, renasce o Cristo”.

Em consequência de tudo, era um casal feliz e rico; de uma riqueza bem adquirida e melhor dirigida. Havia, naquela casa, o necessário conforto, porém, sem luxo ou vaidades. Aqueles dois corações, transformados em um só coração, jamais se petrificaram endurecidos pela riqueza.

Dona Ana, rica e cheia de conforto, conservou sempre o seu puro coração abrasado no amor de Deus e do Próximo. Quando assistia aos atos litúrgicos da Santa Igreja, ficava toda encantada e via, na pessoa do sacerdote, um outro Cristo na terra.

O atilado menino Albino, inteligente e observador, de olhos meigos e sorriso angélico, procurou imitar aos seus venerandos progenitores, em todos os pormenores de seu modo de viver.

Adestrou-se na luta do “bom combate”, isto é, amor a Deus e ao próximo como a si mesmo. Amos à honra e ao trabalho.

Naquele ambiente sadio e santo, cresceu e desenvolveu-se o agigantado lusitano que, por todos é conhecido – Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva. O homem escolhido por Deus, para ser um santo sacerdote e benfeitor da humanidade. E isto está provado pelos fatos.

NA ESCOLA

Os primeiros anos do dileto filho de Avelino e Ana, correram sem novidades. Vida comum, como a das demais crianças.

Atingindo a idade escolar, ingressou no curso primário na cidade de Amarante. Pelo seu bom comportamento, boas maneiras no trato com os colegas e professores; pela inteligência e assiduidade, venceu, com galhardia, a primeira etapa escolar. Ainda naquela tenra idade, já demonstrava ter o senso de responsabilidade. Na cidade de Amarante, no meio ambiente em que vivia, foi tornando-se um menino conhecido e admirado por todos.

O curso secundário foi feito com maior brilho e intensidade.

Por essa ocasião com mais descortino e cultura, o bom estudante começou logo a pensar, seriamente, no seu futuro. Escolher uma carreira devia ser a sua principal preocupação. Que devo seguir, para bem desempenhar o meu papel aqui na terra?! . . .

Depois de muito rezar e pensar, teve uma ideia, certamente inspirada por Deus, de entregar-se, de corpo e alma a Deus, pela vida eclesiástica. Ser padre.

O senhor seu pai, sem embargo de suas qualidades, não queria que ele fosse padre. Desejava ardentemente ver o seu filho formado em Direito.

A senhora sua mãe pensava de modo contrário. O seu maior desejo e sonho encantador, era vê-lo, um dia, galgando o altar de Deus! Era vê-lo, no altar, majestosa e angelicalmente paramentado, tratando

com Deus para o bem de sua alma e a favor da humanidade. E o sonho da piedosa mãe se concretizou!

Terminado o curso superior, com bastante brilho, na cidade de Braga, ali fora ordenado sacerdote, nas têmporas de Setembro de 1905.
(1)

O JOVEM SACERDOTE

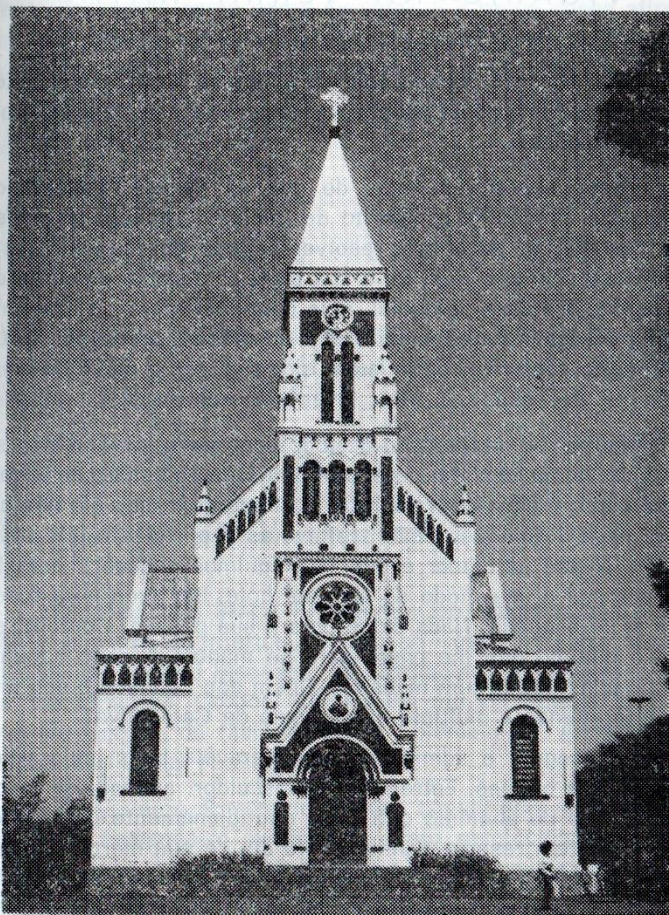
Na infância e na mocidade, o neo-sacerdote demonstrou sempre ser um homem de temperamento músculo. Caráter firme, destemido e sem rispidez. Brando e sereno, sem o menor vislumbre de languidez. Manso e humilde, tolerante e cativante, mas sempre dominante sem autoritarismo. Seu meigo e acolhedor olhar; seu sorriso comedido e angelical; seu semblante sempre alegre e um todo de homem bem equilibrado foi, ininterruptamente, o segredo de suas vitórias.

Nunca, em tempo algum de sua vida, jamais altercou com ninguém. Nunca brigou, nem no tempo de sua infância. Durante o tempo de estudante, não sofreu repreensões e muito menos castigos. Se algum imprudente companheiro o procurava, para uma discussão ou briga, terminava brigando . . . sozinho, porque o nobre e elevado Albino, sem se mostrar contrafeito, dava-lhe o desprezo que é a mais contundente arma. Medo, nunca teve e nem da morte. S  temia ofender a Deus. E esta conduta edificante e imponente era a consequência certa dos dois grandes amores que sempre o acompanharam na vida.

Amor ar pessoa adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Amor verdadeiro a pessoa do próximo; máxime aos pobres.

(1) Nessa data, o autor do presente trabalho tinha, apenas, 5 meses de idade. Nascido, em uma serra de Minas Gerais, num casebre de sapé, mais ou menos semelhante a “um ranchinho beirão-chão” e só era iluminado nas noites de luar.



IGREJA MATRIZ DE SÃO DOMINGOS, DE CATANDUVA.

Depois de ordenado padre, revelou-se ao mundo e todos viram, em sua modesta pessoa, o homem talhado para as grandes realizações.

Seus superiores, mais do que os demais, observando bem a sua modéstia, o espírito de iniciativa, energia e mansidão, “fortiter et suaviter”, resolveram logo dar-lhe uma paróquia e seu primeiro redil foi a sua terra natal. Sem embargo de ter paróquia a casa paroquial, quis continuar morando em companhia dos pais. Estes como eram abastados, tendo boa fortuna e muito conforto, continuaram, por sua vez, a dar tudo aquilo de que necessitava o filho, jovem sacerdote.

Padre Albino, cercado de todo conforto e carinho, não só dos pais, como também de seus diletos paroquianos, entregou-se de corpo e alma ao trabalho. É curioso notar, que ele não cobrava nada de ninguém, não aceitava as esmóltulas a que tinha direito. Nesse particular é que conseguimos descobrir a razão de ser esse o seu modo de agir até hoje. Faz tudo para todos e de si se esquece. Nada exige para sua pessoa. Contenta-se com o mínimo que lhe baste para se manter. E sabe adquirir e sabe administrar com maestria. Quem não conhece o seu movimento imenso e múltiplo na paróquia de Catanduva?

Conseguiu e administra consideráveis bens, cujo valor vai a vários bilhões. Entretanto, é possuidor, apenas, da roupa que veste e do alimento que toma quotidianamente para poder viver. Não tem reserva nenhuma. No dia de sua morte, não haverá inventário e nem testamento. Esse quase inacreditável desprendimento de tudo é o esplendor ou halo de sua pessoa admirável e edificante.

De vigário encomendado, passou a Vigário colado, mediante concurso difícil e brilhante. Tornou-se, por isso, facilmente conhecido como padre de valor. E a prova dessa afirmativa está em que os seus

superiores o promoveram a uma grande e rica paróquia. Entretanto, não tomou posse.

Tudo ia às mil maravilhas! Mas! ... a bonança durou pouco!

A GRANDE TEMPESTADE

“Todos os habitantes das ilhas estão cheios de espanto com a tua ruína. Todos os seus reis, feridos por esta tempestade, mudaram de rosto”. (1)

Foi na tenebrosa noite de 3 de Outubro de 1910 que, no bom e católico Portugal, rebentou a revolução! E no dia 5 do mesmo mês, na Câmara Municipal de Lisboa, foram proclamados a República e o Governo Provisório, que ficou assim constituído:

Dr. Theóphilo Braga, Presidente; Dr. Antonio José de Almeida, Ministro do interior; Dr. Afonso Costa, Ministro da Justiça; Dr. Bernardino Machado, do Estrangeiro; Prof. Basílio Telles, das Finanças; Coronel Correia Barreto, da Guerra; Capitão Azevedo Gomes, da Marinha e das Colônias; Dr. Antonio Luiz Gomes, das Obras Públicas.

O Governo Provisório, assim constituído, dirige-se ao País e ao Estrangeiro, explicando o ato revolucionário e indicando as suas ideias e intenções que logo se revelaram anticlericais, positivistas, jacobinas, etc.

(1) Ezequiel, 27,35.

A 10 de Outubro o governo provisório põe em vigor as antigas leis de Pombal que expulsaram os Jesuítas de Portugal e também o decreto ditatorial liberal que suprimiu todos os conventos, mosteiros e estabelecimentos religiosos. Instituiu-se o divórcio, a secularização dos cemitérios, proibiu-se o ensino religioso nas escolas primárias. Decretou-se a separação da Igreja do Estado.

Alguns elementos do Clero acomodaram-se com a situação. Mas “o bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas” (1), resistiu denodadamente.

PADRE ALBINO NA ARENA

O modesto, humilde e tolerante jovem sacerdote era portador de uma energia ímpar! Fiel aos princípios dos Santos Evangelhos e dos postulados da Santa Igreja, não se dobrou diante da prepotência dos homens. O grupo infrene, apoiado pelos gendarmes, enveredou contra os lutadores inermes! Padre Albino, armado de ardor e fé pela causa de Deus, enfrentou tudo e a todos os torcedores das leis. Mas nada adiantou! ... Como sempre acontece, fora vencido, brutalmente vencido! Foi condenado à prisão e degredo na África. E, na triste situação, foi obrigado a fugir para que a Igreja não perdesse um bom combatente.

A FUGA

Arranca a sua querida batina, para não ficar sem ela e a vida, deixa crescer o bigode, enverga um terno modesto e foge pressurosamente.

(1) Jo. 10,11.

“Vós, por causa do meu nome, sereis odiados. Aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo. Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra”. (1)

Compreendendo bem a gravidade do momento; impedido de trabalhar para o reino de Deus; correndo o risco de perder a vida, foge. Fugir à perseguição, não é traição, mas obra de salvação.

Empreendeu uma terrível jornada, a pé, da cidade de Amarante à cidade de Braga. Nessa cruciante excursão, chegou a perder a unha do dedo grande do pé esquerdo.

De Braga, parte de trem para Monção, na divisa da Espanha. Estando ali, vai à casa do padre que foi seu vigilante no Seminário Maior. Este sacerdote, também sofredor, arranja um contrabandista que introduziu o Padre Albino na Espanha, através do Rio Minho, em Salva Terra dos Magos.

Em seguida, Padre Albino vai morar em Tuí, pequena vila espanhola. Sem vacilação e perda de tempo, aguarda o momento oportuno e o mais rápido possível para deixar sua terra e sua gente!

A BANDEIRA BRASILEIRA

Achava-se ancorado, no porto de Vigo, o vapor “Zelândia” ostentando a Bandeira Brasileira que estava destinada a proteger os foragidos desejosos de imigrar para o Brasil. Sem mais delonga, o Padre Albino toma essa nau com destino ao Brasil.

(1) Mat. 10,22 e 23.

Antes disso, Padre Albino, nas suas dolorosas jornadas fugitivas pela Europa, foi auxiliado pelo seu extremoso pai que, por isso, sofrera prisão e maus tratos por parte da polícia. Só com a roupa do corpo e sem dinheiro, o humilde sacerdote, filho de ricos, correu, correu até escapar à sanha dos perseguidores.

Quando estava partindo para o Brasil, onde deveria fazer tanto bem, como realmente o fez, seu irmão acadêmico de Direito e colega de classe do Eminentíssimo Sr. Cardeal Cerejeira, trouxe-lhe um auxílio em dinheiro, o que bastou para que o bom estudante sofresse também como o pai.

“Sai da tua terra e da tua parentela, da casa de teu pai e vem para a terra que eu te mostrar. Abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás bendito”. (1)

Estas palavras do próprio Deus Nosso Senhor, dirigidas ao grande patriarca Abraão, coadunam, perfeitamente, com os fatos da vinda feliz do Padre Albino para o Brasil.

Deixou, com saudade imensa, o seu querido Portugal; deixou seus idolatrados pais, parentes e amigos; ao perder de vista o torrão natal, quando o barco vagava em alto mar, é de se supor que lágrimas lhe rolaram pelas faces; certamente lançou seu derradeiro e profundo olhar de dolorosa despedida e recolheu-se dentro de si mesmo para pensar e meditar!

A viagem não lhe foi, certamente, um mar de rosas! No meio de estranhos e caminhando para um país desconhecido! Pouco dinheiro e pouca roupa, como simples imigrante e emigrado fugitivo, sem poder prever quando poderia voltar à Pátria querida!

Mas tudo venceu, como é costume vencer todo aquele que é escolhido por Deus, para grandes empreendimentos.

(1) Gênesis, 12,1 e 2.

CHEGA AO BRASIL

No dia 21 de Setembro de 1912, com 30 anos de idade e 7 de sacerdócio, pisou, pela primeira vez, em terra brasileira o grande ministro do altar e apóstolo da Caridade.

Com seu terninho esfarrapado, bigodinho crescido e mal alimentado, permaneceu entre os imigrantes, dormindo sobre uma esteira, estendida no chão, aquele que deveria, mais tarde, dar roupa, cama e comida a muitos pobres brasileiros.

Do Rio de Janeiro escreveu ao seu grande amigo jesuíta, o padre José Coelho da Rocha, fugitivo também de Portugal. O Padre Rocha residia em São Carlos do Pinhal, ao lado de D. José Marcondes Homem de Mello - Bispo daquela Diocese.

O bom jesuíta intercedeu pelo Padre Albino diante do Senhor Bispo que, a princípio, julgou ser o Padre Albino algum sacerdote pouco digno. Mas o valoroso filho de Santo Inácio defendeu ardorosamente o seu protegido e D. Marcondes resolveu aceitá-lo. Nomeou-o coadjutor do padre João Carreli na paróquia de Jaboticabal. Depois, coadjutor na paróquia de Jaú. Mais tarde, **vigário de Barra Bonita**, onde aconteceu uma coisa bonita. Veremos depois essa pequena história.

Nessa paróquia, iniciou de pronto a reforma da Igreja. Como sempre fora de seu feitio, movimentou a vida religiosa e foi adquirindo o necessário para bem funcionar o culto entre os fiéis. Promoveu festas e quermesses, a fim de conseguir dinheiro suficiente, etc.

O VALENTÃO

Havia, nessa paróquia, um tal senhor valentão que era a asa negra da população. Diziam mesmo que o ignorante já era autor de mortes. Gostava de dar pancadas. Nas festas religiosas fazia bagunças. Arrematava nos leilões, comia e bebia, mas não pagava coisa nenhuma. Era temido por todos.

O Padre Albino, no verdor de seus trinta e poucos anos, português forte, humilde e manso, porém destemido, promoveu suas festas. Numa delas, havia muito entusiasmo por parte de todos. O leilão corria animado e na mais perfeita harmonia. Mas . . . eis que surge o fantasma. Todo empavonado, ia arrematando e falando alto. O padre, na sua peculiar modéstia, foi observando tudo. Deu ordem ao dirigente da festa que não entregasse nenhuma prenda ao atrevido arrematante.

Bastou! Enfureceu-se o touro no picadeiro! ... Encaramujou-se num canto, com um grande relho na mão; com olhos chamejantes, balbuciava algo que ninguém entendia. Estava marcando o padre.

A festa terminou. O povo se retirou. Padre Albino ficou no coreto, sozinho, para recolher as prendas arrematadas pelo bicho papão. Nessa altura, aproxima-se o rinoceronte ... Dirige-se ao padre com palavrões dos mais feios e nojentos. Xingou o padre de todos os nomes, esperando que este fizesse o mesmo, a fim de lhe descer o relho. Padre Albino aguentou firme. Não temia e não tremia. De olhar firme e complacente, limitou-se a dizer o seguinte:

-Pode ser que eu seja tudo o que você falou, mas eu não devo nada a ninguém. E você deve e não quer pagar.

Nova tempestade brota daquela boca imunda. Enquanto falava, agitava o relho no ar. O padre, impávido, repetia a mesma dose ou xaropada:

- Eu aceito os seus insultos, mas não devo nada a ninguém e você deve e não quer pagar.

Resultado: desmontou o homem. Este, todo desapontado, foi saindo descontrolado, enquanto curiosos o observavam de longe.

Não bateu no padre. Ficou desmoralizado e desprezado por todos. O manso e piedoso padre quebrou o tabu do homem. Algum tempo depois, esse pobre homem, que era administrador, foi assassinado por um colono.

Na paróquia de Barra Bonita, o Padre Albino permaneceu até 1918.

O sr. Bispo Diocesano, sabendo da capacidade, piedade e prudência do vigário de Barra Bonita, resolveu nomeá-lo para a paróquia de Catanduva. E a 28 de Abril de 1918, tomou posse da nova grei.

CATANDUVA

Primitivamente, chamava-se São Domingos do Cerradinho. No linguajar popular, Cerradinho dos maus costumes, devido às malandragens aí reinantes.

Quando simples lugarejo, em 1882, o lado direito do Rio São Domingos pertencia ao município de Monte Alto, comarca de Jaboticabal. O lado esquerdo, ao município e comarca de São José do Rio Preto.

Em 1909, passou a ter o nome de Vila Adolpho. O seu primeiro cartório de paz foi do Sr. Cornélio Ramalho.

A 1-5-1912, inaugurou-se a Estação de Estrada de Ferro Northen, de Paulo Deleuse. (1)

(1) Até há pouco tempo existia, na zona compreendida entre a capela de Elisiário e a Rodovia, uma plataforma e uns restos de trilhos.

Se não estou enganado é a atual Caputira. Essa estrada de ferro que iria até Ibira foi empreitada por uma firma alemã que desistiu do empreendimento.

O nome de Vila Adolpho era devido ao grande chefe político riopretense Adolpho Guimarães Correia, que manobrava o eleitorado de toda a região. Como esse influente político não se interessasse muito pelo desenvolvimento do lugar, os seus habitantes, em represália, tiraram o nome de Vila Adolpho.

A 14-4-1918, tendo sido elevada a Município, como a terra do perímetro cidadão era muito fraca e pouco produzia, puseram-lhe o nome de **Catanduva** (terra ruim), se bem que a terra de todo o município era e é bastante fértil.

O seu primeiro prefeito foi o Sr. Ernesto Ramalho. Em 7-2-1920, Catanduva é elevada à categoria de comarca e o seu primeiro Juiz foi o Sr. Dr. Raimundo Cândido de Mergulhão Lobo.

Antes de ser criada paróquia, Catanduva pertencia, eclesiasticamente, à paróquia de Tabapuã.

Em 1915, foi criada paróquia e o seu 1.º Vigário foi o Revmo. Sr. Padre Maurício Caputo, italiano de Salerno, o qual tinha, naquela época, 33 anos de idade, pois nasceu em 1882. Ali permaneceu até 1918. Era bom sacerdote, amigo de todos, demasiado tolerante e por todos muito estimado. (1)

Catanduva tinha, naquele tempo, apenas, umas 200 casas de madeira. Entretanto, atualmente, possui 60.000 (sessenta mil) habitantes.

O 2.º VIGÁRIO DE CATANDUVA

A 28-4-1918, tomava posse da paróquia o seu 2. ° Vigário - Padre Albino Alves da Cunha e Silva que, com a avançada idade de 85 anos, ainda

- (1) O Cônego Maurício Caputo faleceu a 3 de Dezembro de 1967, em José Bonifácio, com idade de 85 anos.



DR. ANTONIO ALVES DA CUNHA E SILVA, ADVOGADO, IRMÃO DO MONS. ALBINO, LADEADO PELO SEU NETO, DR. OCTÁVIO EDGARD, MÉDICO E SUA ESPOSA DA. MARIA ARMINDA. FOTO TIRADA NO DIA DO SEU CASAMENTO A 03/09/1967.

trabalha como um padre novo e ardoroso.

Não foi bem recebido pelo povo, que chorava a saída do Padre Caputo, por ser este muito popular.

As próprias autoridades olhavam o padre português com certa prevenção. Pois o Padre Albino era um sacerdote reservado, austero, nobre e circunspecto. Nunca foi orgulhoso. Quando ele passava pelas ruas, sempre humilde e recolhido, não era compreendido pelo povo. Todos estavam enganados! Redondamente enganados! A maioria não sabia que ali estava um sacerdote santo, apostólico e caridoso!

Quantas vezes o Padre Albino, ao passar pelas ruas, recebia insultos soezes! Alguns tossiam propositadamente, e escarravam perto de seus pés! Entretanto, não se revoltava. Suportava tudo calado e sem perder a calma. Nem sequer fazia cara feia!

O SACRISTÃO

O seu primeiro inimigo gratuito foi o próprio sacristão. Este, acostumado com o primeiro vigário, que tudo deixava em suas mãos um tanto ligeiras . . . não se conformava com a atitude enérgica do segundo vigário que sabia governar a Igreja e as . . . esmolas dadas pelo povo para a fábrica da Matriz. Procurou mesmo difamar, perante o povo, o sério e piedoso padre. Chegou ao cúmulo de dizer que o português secarrão era . . . ladrão de galinhas! Quanto a isto, veremos depois.

De acordo com as circunstâncias adversas, no princípio, o lutador sacerdote pouco ou nada pôde fazer. Muitas e grandes dificuldades se lhe depararam no começo de seu paroquiato. E para mais aumentar o peso de sua cruz, sobrevem a famosa gripe espanhola que ceifou muitas vidas preciosas.

VIA DOLOROSA

“Se alguém quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”. (1)

O sinal mais seguro e certo de uma vida de santo, é o sofrimento. O milagre nem sempre é prova de santidade. Pois consta na Sagrada Escritura que, ao final dos tempos, aparecerão falsos profetas que farão coisas prodigiosas.

A vida inteira de Mons. Albino foi sempre um sofrer contínuo. A sua cruz jamais o abandonou. Verdadeiro imitador de Cristo, de Cristo crucificado! Cristo perseguido e menosprezado em sua terra natal; Cristo enxugando lágrimas e recebendo insultos; semeando o bem, amparando os pobres e caluniado; Cristo multiplicando pães . . .

“Não há profeta sem honra, senão na sua pátria e na sua casa”.
(2)

Estas palavras emanaram dos lábios do próprio Jesus!

Mons. Albino, nascido e criado no maior conforto; feito padre, nomeado vigário da sua terra natal; cercado de carinho por parte de todos; no entanto, perseguido e foragido! Quanto lutar, quanto sofrer!

O sofrimento é o fruto da dor. Esta pode ser: moral ou física. Mons. Albino sofreu as duas. Sofreu 12 quedas e várias fraturas. Duas vezes, queda de avião. Passou por 7 grandes operações.

No segundo ano de paroquiato, iniciou as obras da Matriz. Para realizar essa empresa, saiu, pelas ruas da cidade, pelos sítios, buscando donativos. Debaixo de sol ou chuva; a pé, a cavalo e de auto; de dia e de

(1) Mat. 16,24.

(2) Mat. 13,57.

noite, passando fome e sede, e sofrendo decepções!

O seu primeiro “inimicus homo” foi o preto sacristão que estava acostumado a controlar ... as esmolas da Igreja; fazia e desfazia no seu ambiente sacristânico. Mandava um “pedaço” na igreja, devido ao temperamento do bondoso padre Caputo.

Mas, ... como com o Padre Albino as coisas eram bem diferentes, tudo mudou de rumo. Quem governava a Igreja e as esmolas, dadas pelo povo, para a construção do templo, era o padre. Por isso, o calo de alguém doeu! Mas o Padre Albino venceu.

AS OBRAS DA MATRIZ

Naqueles tempos, em que quase toda a zona araraquarense não passava de um sertão bravio, como é óbvio, as comunicações eram difíceis e cheias de amarguras. Muito mato, maus caminhos e falta de condução. Falta de formação e pouca compreensão por parte do povo que, no fundo é sempre bom. E, como sempre acontece, as boas obras sempre sofrem os seus reveses. Mil e muitas dificuldades.

ANGARIANDO DONATIVOS

O povo, embora sempre bom, estava um tanto ... desconfiado! Não conhecia as altas qualidades do Padre Albino. Alguns sabiam, apenas, das más notícias dadas pelo “exímio” sacristão.

O Padre Albino celebra a santa missa pela manhã; reza o breviário todo diante e bem pertinho do Santíssimo Sacramento do altar

como até hoje o faz; toma algum alimento e sai. Chega à casa do paroquiano e pede auxílio para a construção da Igreja. Quase todos dão, como sempre, o mínimo. Alguns negaram. Padre Albino não se mostra zangado. Agradece, pelo que não recebeu, e continua a via dolorosa. Os pobres nunca negaram. Davam de boa vontade. Em toda casa onde chegava sentia-se obrigado a aceitar o cafezinho que nem sempre lhe fazia bem. E o povo então dizia:

-Uai! o nosso padre não é ruim! Ele é bonzinho; não é orgulhoso; toma o nosso café com tanta bondade!

Atualmente Mons. Albino, com seus 85 anos de idade, nos conta, com muita graça, que quando chegava de volta à casa sentia-se mal e à noite perdia o sono, pela quantidade de café tomado, durante o dia, nas diversas casas por onde passava.

Entretanto, pela sua bondade e virtudes, foi logo tornando-se conhecido e amado de todo o povo, que via nele o homem de Deus; o sacerdote piedoso e austero; que sabia empregar bem o dinheiro do povo nas suas obras religiosas; e, afinal, venceu maravilhosamente bem.

OS INCIDENTES

Certa vez saiu a pé o humilde vigário de Catanduva a pedir esmolas. Tomou chuva e sol no mesmo dia. Anoteceu.

Estava ainda a caminho. Perdeu a direção e estava só. Chegou à beira de um caudaloso córrego, onde a enchente havia arrancado a ponte. E agora! Fazer o que? Atravessar, não podia.

Morreria certamente. Voltar, não sabia mais por onde e nem para onde. Começou a gritar e gritar com todas as forças de seus

pulmões! “Ô! ... Ô! ... ô! ... E assim continuou até que uma voz longínqua lhe respondeu. E ele então disse: “Vem acudir-me, senão eu morro”! Um homem fazendeiro acende uma lamparina e vem ao encontro do suplicante. Chega perto e ... temendo até uma traição, pergunta:

- Quem está aí?

- Sou o padre, meu filho! Eu estou perdido aqui! Já estou até pensando na morte!

- O que é isso, senhor padre! A estas horas, no escuro, em dia chuvoso. O senhor está perto de um grande perigo! Aí não dá mais passagem. Venha comigo e vamos para minha casa. Amanhã, mandarei levá-lo à cidade. Mas o padre, muito emocionado e grato pela deferência do seu bom paroquiano, não aceitou pousar fora de casa, uma vez que de manhã devia celebrar e dar a Sagrada Comunhão às pessoas piedosas da sua paróquia. (1)

O MENINO MISTERIOSO

Um belo dia saiu Mons. Albino, pelos sítios, percorrendo muitos quilômetros a cavalo, com a inseparável mala de sacos, em busca de donativos. Andou o dia todo, debaixo de um sol ardente, quase sem alimento, aceitando, por delicadeza, o inevitável cafezinho que nem sempre lhe fazia bem.

(1) Mons. Albino foi sempre um madrugador. Desde moço até agora, com seus 85 anos de idade, levanta-se todos os dias, às 5 horas da manhã, vai para a Igreja e celebra a Santa missa. Nem que se deite tarde da noite, não atrasa o seu despertar.

Anoiteceu! Padre Albino achava-se bem longe de casa. E, como não usava pousar fora, procurou voltar.

Muito mato, maus caminhos, noite escura, ameaçando chuva. Em certa altura desnor-teou-se. Perdeu a direção da cidade. Era uma subida. Umas 9 horas da noite mais ou menos! ...

Que fazer? Seguir ou voltar para onde? Começou a rezar, pedindo à Divina Providência que o guiasse.

Eis que se lhe depara um menino ... Padre Albino interroga-o:

- Menino, você poderá informar-me ou ensinar-me a direção da cidade? Estou perdido neste deserto! Preciso chegar em casa!

O bom menino disse-lhe de pronto:

- O senhor pode continuar subindo. Logo que terminar o morro tome o lado direito, siga pela lombada e chegará ao seu destino.

O padre reanimou-se e seguiu. Depois de andar uns 20 metros mais ou menos, lembrou-se de gratificar o menino e voltou apressadamente. E gritou pelo menino:

- Menino, ô menino, meni ... no!

Nada. Não viu mais o menino e nem ouviu resposta. Seguiu viagem e, obedecendo a direção recebida, chegou à cidade. E contou a diversas pessoas o que lhe acontecera. (1)

(1) "Meu anjo marchará adiante de ti e te conduzirá" (êxodo, 23,23).

LIVRE DOS ASSALTANTES

No seu doloroso mister de tirar esmolas para construir a igreja,

(1) "Meu anjo marchará adiante de ti e te conduzirá" (êxodo, 23,23).

foi um dia à casa do senhor Amâncio Pereira, administrador de uma fazenda. Havia, para o acesso dessa residência, dois caminhos. Tomou um deles. Tendo caminhado certa distância, encontrou-se com o senhor José Pedro da Mota, rico fazendeiro, proprietário na mesma região, em seu belo e fogoso cavalo. Este, vendo e sabendo quem era e o que andava fazendo, disse-lhe imediatamente:

- Padre Albino, abra os olhos e tome cuidado! Não vá por este caminho! Faz poucos minutos que fui assaltado por alguns bandidos! Eu me defendi, mas o senhor, sem malícia como é, irá sofrer alguma coisa.

Padre Albino, sem embargo de ser destemido, humildemente escuta o conselho do bom homem e segue pelo outro caminho. Nada lhe aconteceu.

ONDE A VACA MORREU

Já nestes últimos tempos, Mons. Albino saiu, a pé, com sacrifícios que o não impedem no seu trabalho, em busca de donativos. E, desta vez, era para os seus queridos pobres.

Passando perto de um abismo, quase invisível por viçoso capinzal, abismo este provocado por grande enxurrada, onde havia caído e morrido uma vaca, cai ali, também, o Padre Albino! Despenhando-se, pelo barranco abrupto, vai ao pego! Quebrou a perna direita, fraturando o fêmur! Pela idade e reveses sofridos nas suas lutas, o seu estado de saúde tornou-se grave. E, por isso, chegou a receber o Sacramento da Extrema-Unção!

Ficou hospitalizado, na Beneficência Portuguesa, em São Paulo, pelo espaço de 6 meses.

Sarou, mas ficou com a perna mais curta do que a outra uns 3 ou 4 centímetros. Foi tratado pelo dr. Godoi Moreira.

O bom povo de Catanduva, pelo grande amor e gratidão que tem para com o seu querido Vigário e pai, custeou toda a despesa. Isto aconteceu em 1958.

O JEEP

Também recentemente, Mons. Albino saiu a trabalho pelos seus pobres.

Lá perto de Urupês o Jeep, que o conduzia, rolou por um despenhadeiro.

Mas, pela mão da Divina Providência, o veículo prendeu-se a um forte toco e não chegou ao fundo, que estava cheio de água. Livrou-se dessa também.

IMITADOR DE CRISTO

“Se alguém me ama guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e faremos nele morada”. (1)

“Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz, todos os dias, e siga-me”. (2)

“Cristo me enviou a pregar, não com sabedoria de palavras, para que não se torne inútil a Cruz de Cristo”. (3)

(1) Jo. 14,23.

(2) Luc. 9,23.

(3) Cor 1,17.

O grande São Bernardo, nas suas diversas entrevistas, que tivera com o Divino Mestre Jesus, certa vez perguntou-Lhe:

“Qual a dor física que mais Vos acabrunha, meu adorável Pai?”

Jesus respondeu-lhe imediatamente:

–“Eu tinha uma chaga, no ombro em que carreguei a minha pesada Cruz. Essa chaga era a mais dolorosa que as outras”.

Foi desse diálogo do grande Santo com Jesus, que nasceu a tão conhecida devoção da chaga do ombro do Divino Salvador.

“Se houvesse, realmente, alguma coisa melhor e mais útil à salvação dos homens que o sofrimento, Cristo, certamente, nô-lo teria mostrado por palavras e por exemplos”. (1)

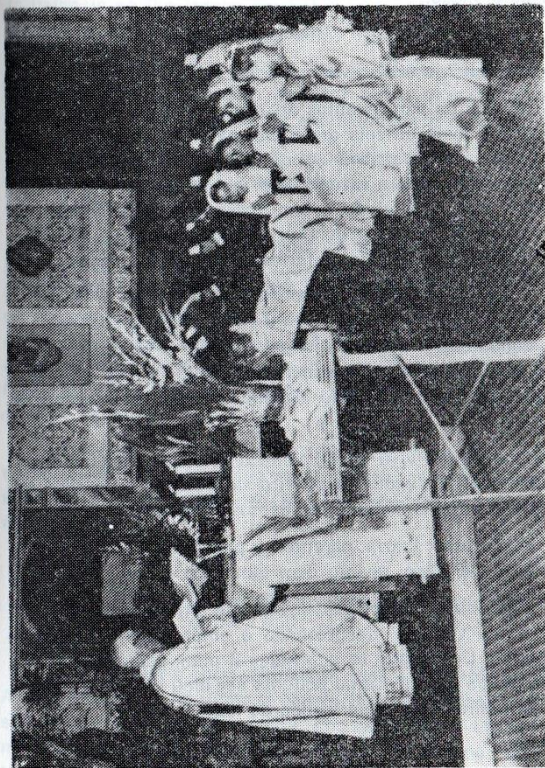
“Quando, exteriormente, somos desprezados e mal julgados dos homens, melhor buscamos a Deus, que vê o nosso íntimo”. (2)

Quem segue, de verdade e bem de perto, a Nosso Senhor Jesus Cristo, jamais caminhará nas trevas. Pelas palavras de Jesus –“quem me segue não andará nas trevas” - somos todos convidados, amoravelmente, a segui-lo, não só por palavras, mas pelo exemplo e pelos costumes de vida. Vida simples e humilde; senso de justiça e amor à verdade; não vingar, não menosprezar e nem humilhar, por recalques ... a quem quer que seja. Principalmente os pobres filhos de pobre! ...

Mons. Albino é, realmente, o verdadeiro imitador de Cristo. Simples, bondoso, tolerante, sem ser relaxado, sofredor para

(1) Imitação de Cristo, liv 2.º - cap. 12.

(2) Imitação de Cristo, liv 1.º - cap 12.



MONSENHOR ALBINO CELEBRANDO A MISSA DA MEIA NOITE, DO DIA 24 DE DEZEMBRO DE 1967, NA CAPELA DO HOSPITAL PADRE ALBINO.

amenizar o sofrimento alheio; suportador de injúrias e perdoador de ofensas.

Quem poderá negar estas qualidades de Mons. Albino?

Desprendido e sem vaidades, só cuida de fazer o bem.

Não são os pensamentos abstratos ou concepções especulativas das mais difíceis questões; palavras sublimes e frases encantadoras; diatribes e argutos argumentos filosóficos que elevam o homem e fazem, dele, um santo. Mas uma vida eficiente e boa, espargindo o bem, para o bem de todos; aumentando a glória externa de Deus e dilatando o seu reinado, salvando almas e pensando as feridas do próximo, nisto consiste o valor do homem que segue Aquele que é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem!

“Ainda que o homem soubesse de cor a Bíblia; pudesse expor e explicar todas as máximas dos santos e dos filósofos, de nada serviria isto, se não tivesse caridade e a graça de Deus”. (1)

Eis o quadro vivo e edificante da vida de Mons. Albino! Português bem português, brasileiro de coração, que tem sabido abraçar os corações sofredores dos brasileiros pobres!

Deixou tudo. Pátria, parentes e patrícios. Armado de Fé, Esperança e Caridade, quanto bem tem feito à humanidade!

“Filho, diz o Divino Mestre, deixa-te a ti e acharás a mim. Vive sem tua vontade, desprezando o amor próprio e tirarás mui proveito. Desde que te entregues a mim, sem reserva, receberás muitas graças. Como poderás ser meu e eu teu, se não estiveres inteiramente desprendido de tudo?” (2)

(1) Imitação de Cristo, liv. 1.º - cap.1.º.

(2) Imitação de Cristo, liv. 3.º - cap. 37.

A cruz foi sempre a sua companheira inseparável. O trabalho já se lhe tornou um hábito e a vida de piedade é-lhe o barco em que singra os mares.

O seu edificante amor a Nosso Senhor Jesus Cristo - no Santíssimo Sacramento do altar é um verdadeiro modelo que deveriam seguir todos os eclesiásticos e o povo.

Já um tanto alquebrado pelos anos que lhe sobrepesam, ainda trabalha afanosamente, como se estivesse no verdor de sua mocidade.

Há pouco tive a felicidade de assistir a uma Santa Missa celebrada pelo Mons. Albino. Fiquei realmente edificado pela sua piedade. E mais emocionado ainda fiquei, quando o vi, logo após a celebração, colocar-se sentado - por não poder ficar de joelhos - bem juntinho ao Sacrário, dar sua ação de graças e, em seguida, rezar o seu breviário. Isto me fez muito bem. E fiquei sabendo, também, que foi este, sempre o seu costume, desde o tempo de moço.

Antes de iniciar os seus trabalhos, que são executados, todos os dias, com rigorosa pontualidade, com entusiasmo, interesse e amor, é junto do Sacrário que ele vai haurir suas forças.

A CAPELA DO SANTÍSSIMO

Quem tiver a oportunidade de passar pelo Hospital Padre Albino, fazendo uma visita a Nosso Senhor Sacramentado, em sua encantadora capela, sentirá, por certo, uma verdadeira comoção, por ver, ali, o carinho, o amor e a adoração com que é tratado Jesus! Principalmente nesta época, em que o nosso misericordioso Jesus está sendo um tanto esquecido ou desprezado por alguns! Faz bem à alma cristã, ver Jesus no Santíssimo Sacramento do altar cercado de adornos que bem traduzem a realidade dos corações.

Neste despretenso trabalho –“Vida de Mons. Albino Alves da Cunha e Silva -Apóstolo da Caridade” - o autor faltaria com a justiça, se omitisse citar aqui os trabalhos, a extensa dedicação e o amor com que as abnegadas e virtuosas Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição zelam de tudo, máxime da capela do Santíssimo.

Estas denodadas e caridosas Irmãs vieram para o Brasil, trazidas por Mons. Albino, em 1930.

EFICIÊNCIA DO AMOR

A boa revista “Renovação Cristã” - em o número de novembro de 1967 - apresentou um pequeno e precioso trabalho sobre o amor. Chegou mesmo a afirmar que o amor embeleza e prolonga a vida da criatura humana na terra. Esse trabalho foi fruto de uma pesquisa feita pela Academia de Ciências de Viena. Tem como título: “O AMOR PROLONGA A VIDA”. E, como subtítulo: “A PSICOLOGIA MODERNA CONFIRMA O EVANGELHO”.

Quanto ao título, nada temos que observar. Mas, o subtítulo merece uma pequena e séria advertência. É que o Santo Evangelho não necessita de confirmação de quem quer que seja.

Entretanto, a psicologia moderna encontrou, apenas, uma verdade eterna, porque ensinada por Deus. São João, não só no Evangelho, como ainda em suas cartas, deixou bem claro o ensinamento divino.

Transcrevamos, aqui, o que nos trouxe a referida revista.

O amor prolonga a vida. Claro está, que não um amor qualquer; interesseiro, egoísta e mesquinho, mas o verdadeiro amor, isto é, amor a Deus e amor ao próximo. Este prolonga a vida do homem sobre a terra. Entre centenas de entrevistados, de conhecida longevidade

e das mais diversas condições sociais, acima de noventa por cento confessaram que deviam sua longevidade a um grande amor. Amor concretizado na dedicação de uma pessoa, uma obra ou uma instituição. Não importa. Em todos os casos, um grande amor.

Mais uma vez a psicologia moderna acaba de descobrir uma verdade antiga. Já o Evangelista São João o consignara em sua maravilhosa carta: “Sabemos que passamos da morte à vida, porque amamos os nossos irmãos. Meus filhinhos, quem não ama, permanece na morte”. (1)

Na sua mensagem de amor a todos os homens, de todos os tempos, São João acrescenta ainda uma realidade igualmente descoberta pela psicossomática: O ódio também mata. Eis o texto: “Quem odeia seu irmão, este é um homicida”. (2)

Seria interessante um estudo mais profundo de como podemos matar o nosso irmão com o nosso ódio. Mas por hoje fiquemos, apenas, com a parte positiva: “O amor prolonga a vida”.

No mesmo trabalho, apresentado pela revista, encontramos mais um pequenino tópico. É o relato feito sobre uma senhora irlandesa, professora de inglês. Com 83 anos de idade, inválida por ter uma perna quebrada, franzina de corpo, ainda ministra suas proveitosas aulas aos seus queridos alunos. Vive ela numa casa de religiosas. Pela manhã, recebe, em seu juvenil coração, a verdadeira fonte de vida e amor - Jesus na Sagra-

(1) 1 Jo. 3,14.

(2) 1 Jo. 3,15.

grada Eucaristia. Essa irlandesa - Dona Bety é uma velha moça. E moça longeva, cheia de alegria e vida.

Eis aí, prezado leitor, o segredo das vitórias do Padre Albino! Ele, também, com 85 anos de idade, é um verdadeiro jovem no coração, na alma e nas suas realizações! Padre Albino ama a Jesus e ama também seus irmãos!

Jesus, porque ama infinitamente os homens, morreu pregado na cruz!

Mons. Albino, porque ama a Jesus, viveu e vive uma vida cheia de dores! Carregou sempre contente a cruz que Deus lhe dera. Sofreu 12 quedas em que teve várias fraturas; sofreu insultos e ameaças, sem se afligir, sem se queixar, sem odiar a quem quer que seja. Nunca brigou, nunca discutiu, jamais gritou com pessoa alguma.

Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Dom Lafayette Libanio, quando era ainda Bispo Diocesano de Rio Preto, em Visita Pastoral, feita à paróquia de Catanduva, exarou no livro do Tombo dessa freguesia, de próprio punho, um excelente documento a favor do nosso biografado, o qual vamos transcrever aqui. Ei-lo:

“O Exmo. Mons. Albino faz do preceito: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, a sua vida heroica de sacerdote de Nosso Senhor Jesus Cristo. Na sua matriz e em suas obras de caridade, reina o espírito de caridade cristã. Tudo em ordem, graças a Deus”.

(a) Lafayette, Bispo Diocesano

Em Visita Pastoral aos 8 de Julho de 1962. (1)

(1) Livro do Tombo, fls.12 v.

JESUS REDIVIVO EM MONSENHOR ALBINO

“Deus é caridade. Quem permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele”. (1)

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como um bronze que soa, ou como um címbalo que tine. Ainda que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; tivesse toda a fé, a ponto de transportar montes, se não tiver caridade, não sou nada. Ainda que distribuísse todos os meus bens no sustento dos pobres e entregasse meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, nada (disto) me aproveita”.

“A caridade é paciente e é benigna. A caridade não é invejosa e não é nem temerária. Não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses. Não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre”. (2)

Foi essa a magistral definição da caridade feita pelo Apóstolo São Paulo. E nessa definição está retratado, integralmente, o Mons. Albino.

SUA VIDA NA PARÓQUIA

Ao lado dos serviços apostólicos de evangelização, catequese e organização paroquial, deu também início no árduo mister de construir uma Igreja matriz condigna para o movimento litúrgico.

(1) 1 Jo. 4,16.

(2) 1 Cor. 13,1-7.

A cidade de Catanduva, nesse tempo, era mui pequena e de poucos habitantes. O povo, sem embargo de ser sempre bom, era todavia sem formação e, por isso, apareceram sérias dificuldades e incompreensões. O bom Vigário, com o seu coração abrasado no amor de Deus e do próximo, atacou afanosamente as obras. Mas, para isso precisava do auxílio de todos e nem todos compreendiam bem a causa na sua essência.

Padre Albino saía, pelos sítios, a pé, a cavalo, raramente de auto, sofrendo todas as consequências daquele ambiente espinhoso. De dia, debaixo de um sol ardente, ou chuva torrencial, lá ia o ardoroso padre carregando mala de sacos que eram distribuídos pelas casas a fim de recolher, depois, os donativos dos corações generosos.

Quando alguns poucos negavam, o padre não se mostrava zangado e ainda agradecia caridosamente, com um “Deus lhe pague”, até mesmo para aqueles que nada deram! Tratava a todos com mui carinho, aceitava o indefectível cafezinho que aliás lhe “fazia mal e assim foi conquistando a simpatia de seus paroquianos. E, com isso, a cruz foi diminuindo de peso!

Depois de muita oração e profunda meditação, estudando bem o ambiente, prevendo o futuro esperançoso da paróquia, planejou-se a obra, chamou-se um competente engenheiro, fez se a planta que apresentava um templo belo e condigno para ser a matriz, que é hoje um motivo de orgulho são do bom povo de Catanduva. Para aquela época, a Igreja parecia ser grande demais, mas, no decorrer dos tempos, todos viram que o Padre Albino acertou. A Matriz de São Domingos de Catanduva é e será para o futuro, uma verdadeira joia engastada na coroa de glória do Padre Albino e seus bondosos paroquianos. Esta matriz histórica não contém o ranço das antigalhas e nem os arrebiques esdrúxulos do modernismo desenfreado.

Como todos nós sabemos, toda obra decente e boa,



MONSENHOR ALBINO LADEADO PELAS MENINAS QUE
FIZERAM A PRIMEIRA COMUNHÃO. NA MISSA DA MEIA
NOITE DO DIA 24 DE DEZEMBRO DE 1967.

principalmente em se tratando de coisa sagrada, concretiza-se mediante ferrenha luta e muitos dissabores. O diabo não gosta de ver as coisas ou causa de Deus em pleno florescimento. Daí as incompreensões ou refrataríssimo por parte daqueles que, não entendendo patavina, tudo querem saber e criticar. “Ciência do insensato reduz-se em palavras mal dirigidas”. (1)

A construção do templo iniciou-se pelos alicerces da capela mor.

Antes de tudo, devemos notar a índole pacata e boa do Padre Albino, em todos os seus atos. Sacerdote austero e disciplinado; filho obediente e humilde da Santa Igreja; tudo realizava de acordo com a Autoridade Eclesiástica. Por isso, ao começar a obra da construção da matriz, pediu orientação ao Sr. Bispo Diocesano - Dom José Marcondes Homem de Mello - DD. Bispo de São Carlos.

Dom Marcondes determinou o local e o tamanho do templo. Mas quanto ao local, o povo não concordou. Eis o primeiro óbice. O Padre Albino, como súdito humilde e disciplinado, ficou ao lado de seu Prelado. Prudente, calmo e afável, mas firme e intemorato diante das peripécias. Não cedeu. O povo, ou melhor, alguns metidos e mandões queriam a Igreja no quarteirão de cima. O Sr. Bispo queria no quarteirão onde se acha atualmente. Aí ficou. Iniciou-se a obra.

Eis que surge outra dificuldade. Muitos acharam uma loucura construir uma Igreja daquele tamanho, em uma cidade tão pequenina como era naquele tempo está bela e grande Catanduva! Padre Albino, como sempre, sereno, amável e humilde, porém, firme como aroeira ou bronze, venceu e sem briga. Combatia o bom combate, sempre e sempre sem debate, sem orgulho e vaidade, porque homem da verdade!

(1) Eclesiástico, 21,21.

Respaldados os alicerces da capela mor, viram todos que a dimensão era grande. E agora? Desmanchá-los? Diminuir o tamanho? Não! Não e não! Tocou para frente e todo o corpo da Igreja obedeceu a extensão prevista.

Com mil dificuldades, angariava donativos, pelos sítios principalmente, e contando mais com os paroquianos pobres que nunca negaram seu pequeno óbolo, assim terminou a obra com espanto geral, de todos.

PINTURA E DECORAÇÃO DA MATRIZ

O Juiz, Sr. Mergulhão Lobo, entusiasmado e contente com as realizações do dinâmico Padre Albino, propôs e levou avante a ideia de buscar em Santos o grande pintor brasileiro Benedito Calixto para enriquecer, com seus quadros maravilhosos e valiosos, a Igreja de São Domingos de Catanduva. Assim o fez. Razão por que até hoje e sempre a cidade de Catanduva, pela sua preciosa Matriz, tornou-se uma cidade turística.

BENEDITO CALIXTO EM CATANDUVA

O grande pintor brasileiro, artista de renome internacional, paulista de Itanhaém, chegando a Catanduva, foi hospedar-se no hotel.

A notícia correu célere, como era natural em lugar ainda pequeno. Como na futura Catanduva a cultura era ainda um tanto curta, poucos eram os que sabiam dar valor aos valores.

O proprietário da estalagem era um senhor que conhecia Calixto só de nome. Quando o mestre chegou e se dirigiu ao estalajadeiro, este perguntou-lhe:

- O senhor é o pintor Benedito Calixto?

O grande homem respondeu-lhe enfaticamente:

- Eu sou professor!

-Sim, senhor professor, desculpe a minha incultura. Eu sempre escutei dizer que o senhor é um grande homem! Tenho prazer imenso em conhecê-lo pessoalmente. Aqui, neste pobre hotel, o senhor está em sua casa. Calixto alojou-se e foi procurar o Vigário a fim de contratar o serviço.

Tendo combinado tudo, voltou para sua casa litórea. Lá, planejou e traçou, em linhas gerais, a sua obra maravilhosa. Auxiliado pela sua filha, que executava o esboço feito pelo pai, pintaram-se 19 quadros bíblicos para a Matriz de Catanduva. Entretanto, na pintura dos apóstolos, faltou a pessoa de Judas ... E assim, até São Judas Tadeu ficou, nos trabalhos calixtinos, um tanto prejudicado, graças à antipatia que o artista tinha à pessoa do infeliz Iscariote. E, para suprir a indevida falha, pintou o Apóstolo São Paulo. Então, nessas alturas, encontraram-se dois homens. Padre Albino e Benedito Calixto. Este, a princípio, quis teimar e convencer o Vigário. Padre Albino não cedeu. Na sua humildade, delicadeza e franqueza, chamou a atenção do mestre. Calixto teve que ceder. Mas quis solucionar a questão do seguinte modo:

Pintou um judasinho (pequena figura de Judas) bem menor que a dos demais apóstolos e arrancou a do Apóstolo São Paulo, levando-a para o altar de Nossa Senhora. E assim ficou até hoje. Quem entrar na Igreja de Catanduva, poderá notar, no quadro dos Apóstolos, a miniatura de Judas, graças ao grande horror que Benedito Calixto tinha do execrando traidor!

FEITURA E COLOCACÃO DOS QUADROS

Quem contempla os belos e preciosos quadros de Calixto, na Matriz de Catanduva, tem a impressão de que os mesmos foram pintados ali, mediante grandes andaimes. É engano. Não foi assim a execução da obra. Os quadros foram pintados em Itanhaém, transportados para Catanduva e colados lá onde estão. A colagem foi feita com tanta perfeição e arte, que ninguém percebe ser coisa colada. E tem a grande vantagem de que, se um dia for necessário mudar os quadros, pode-se tirá-los e colocá-los de novo onde se quiser.

Bem no centro e no teto da Igreja, está o maravilhoso quadro de São Domingos de Gusmão, Padroeiro de Catanduva, recebendo das mãos de Nossa Senhora o Santo Rosário.

Terminada, ornamentada e equipada a Matriz, todo o mundo observou a eficiência dinâmica do humilde, calado, tolerante e realizador vigário Padre Albino. Já nessa época, todos os paroquianos passaram a admirar, respeitar e amar intensamente o seu modelar guia espiritual. O padre, que no princípio fora insultado e mal recebido, já havia conquistado todos os corações para Deus, e todos o tinham bem dentro do coração. Já se tornara o pai querido de todos os seus filhos diletos.

Sua Excelência Reverendíssima o Sr. Bispo Diocesano - Dom José Marcondes Homem de Mello - convencido das grandes virtudes e capacidade do ínclito vigário de Catanduva, quis transferi-lo para a paróquia de Jaboticabal, a fim de construir ali a tão desejada igreja matriz. Mas o Padre Albino, com humildade e modéstia, não aceitou a transferência-promoção e muito menos o povo, que já o idolatrava.

Padre Albino cuidava simultaneamente de tudo. Construção da Igreja; desenvolvimento da vida religiosa de seus queridos paroquianos; pregando por palavras e mais ainda pelo bom exemplo de sacerdote

cheio de virtudes; belo modelo de piedade e cuidadoso também do bem-estar de todos.

BORRASCA INOPORTUNA

Tendo aparecido, na cidade de Catanduva, uma grande onda de morféuticos mendicantes e não muito edificantes em seus atos, o vigário viu-se obrigado a tomar algumas medidas a benefício da população ordeira e boa, sem faltar com a caridade e proteção aos próprios doentes. Conseguiu dar-lhes esmolas fora do povo e protege-los com o necessário à vida. Mas eles não se conformaram com a separação. Queriam, realmente, misturar-se com todos. Não o conseguiram. Revoltaram-se e tentaram matar o Padre Albino. Mas não conseguiram.

Como já foi dito, quando o Padre Albino entrou em Catanduva, não só não foi bem recebido, como ainda fora desprezado e insultado pela maioria.

Entretanto, como verdadeiro homem de Deus, por Deus foi sempre amparado. Encontrou ali dois grandes advogados: Um, homem velho e maltrapilho, sem cultura e projeção, assistia aos atos religiosos de pé no chão e sem paletó. Quando voltava da Igreja e se encontrava no meio da sociedade catanduvense ao ouvir críticas gratuitas contra o Padre, dizia com firmeza e energia:

-Vocês estão enganados! O Padre não é o que vocês estão pensando e dizendo! Ele é bom! E religioso! É necessário ver como ele reza e administra os Santos Sacramentos. O tempo dirá!

Esse humilde e pobre homem do povo não estava enganado. Ele enxergava mais do que muita gente! ...

E como são os desígnios de Deus! Quando é que ele podia supor que um dia, a bela e florescente Catanduva de hoje, havia de ter uma avenida com o seu nome - Minguta. Pois, após quase 50 anos decorridos, temos, nessa grande cidade, a Avenida Minguta! Deus, na sua infinita sabedoria e bondade, sabe recompensar os seus eleitos.

O outro bom advogado de Padre Albino foi o humilde e grande cidadão Manoel Estrela. Proprietário do antigo “Hotel Estrela”, aí recebeu e amparou o então desprezado Padre, quando outras portas lhe foram fechadas, e lhe servia as refeições, acompanhando em tudo, o dinâmico, o benfazejo e santo vigário em suas lutas. Mons. Albino falara, mais tarde, numa alocução radiofônica, do “pequeno hotel onde comia”.

O sr. Manoel Estrela era casado com a avó de Pe. Synval Januário, filho de Catanduva, atual secretário do Bispado de Rio Preto, o qual o insubstituível Mons. Albino espera que seja o seu substituto.

Pe. Synval é - quem sabe? - um presente de Deus conferido a Catanduva como prêmio a caridade do avô!

PERENE MOCIDADE

O Exmo. e Revmo. Mons. Albino, com seus 85 anos de idade, alquebrado pelos sofrimentos, dores, lutas e vitórias; com uma perna (a direita) mais curta que a outra, pela fratura do fêmur; andando devagar e mancando, sem nem sequer podendo genufletir, no entanto mostra, ao visitante, as suas maravilhosas obras construídas, em construção e em planejamento, com um entusiasmo e vivacidade de um jovem padre cheio de vida e ideal!

Pela avançada idade em que esta, pelos seus feitos maravilhosos e empreendimentos atuais, pelas múltiplas preocupações, parece que já deveria ter renunciado a paróquia. Entretanto, não! É o pároco.

Tem sacerdotes auxiliares, operosos e dedicados, mas que nas suas iniciativas paroquiais, sob a orientação do venerando Monsenhor, nada mudam sem seu conhecimento e aprovação, fiéis ao respeito que lhe consagram. Monsenhor Albino tudo dirige com impressionante organização:

O hospital, que a todos beneficia;

O asilo, abrigo dos pobres velhos;

O orfanato, amparo das criancinhas pobres;

Visita, todos os dias, todas as enfermarias;

Sai, pelos sítios e cidades vizinhas, angariando donativos.

Mantém continua contato com os magnatas, políticos, católicos, acatólicos e anticatólicos; com os poderes públicos e o comércio.

Está sempre a par de tudo o que se passa no Brasil e fora dele, pela infalível leitura dos jornais;

Madrugador e pontual em tudo.

Levanta-se pela manhã, prepara-se e vai, devagar e mancando, segurando a batina com as duas mãos, vai para a capela. Não genuflete e não ajoelha porque não pode. Celebra, na hora certa - 6 da manhã - com piedade angelical. Logo após a Santa Missa, uma religiosa coloca uma cadeira no altar mor, bem perto do Sacrário, onde ele da sua ação de graças, reza todo o seu breviário, atende, ali mesmo, a confissão de quem deseja confessar-se e, depois, vai tomar o seu café. Tudo dentro do mais

rigoroso horário. Em seguida, vai para a sua mesa de trabalho. Dali sai para os demais afazeres.

É simplesmente edificante! É igual a um jovem e jovem ardoroso.

E um invencível. Tudo consegue, nada o abate e de nada se queixa.

Quando Mons. Albino nos conta uma das muitas peripécias por que passou, fala com simplicidade e bom humor. E como se estivesse contando uma história comum. Sempre sorrindo das amarguras passadas. Fala de seus gratuitos e passados adversários, como se falasse de pessoas amigas.

O HOMEM INALTERAVEL

Monsenhor Albino está sempre sério e de bom humor.

De pouco riso, porém, de semblante alegre. Não discute e não age com violência. Não é autoritário. Razão porque nunca perdeu sua autoridade. Tem, no olhar, serenidade e meiguice encantadoras e acolhedoras. A todos serve, sem todavia, exigir que o sirvam.

Quando prega, não mexe ... com a lata de lixo! ...

MONS. ALBINO E O CONCÍLIO VATICANO II

Antes dos Papas Joao XXIII e Paulo VI, consequentemente do Concilio por eles realizado, já o Padre Albino vivia a sua doutrina. Jamais atacou os irmãos separados. Pelo contrário, foi sempre amigo de todos e de todos recebeu sempre auxilio e cooperação sem nunca lhe fazerem dificuldades.

PROMOÇÃO E REMOÇÃO

Tendo sido criada a Diocese de Rio Preto, em 1939, a paróquia de Catanduva passou a pertencer a essa Diocese.

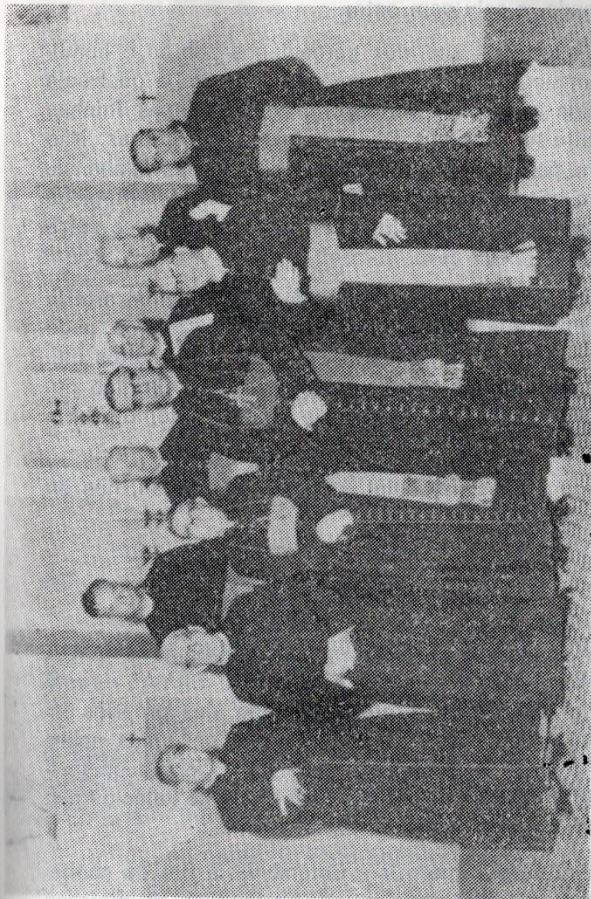
Sua Excelência Reverendíssima Dom Lafayette Libanio, primeiro Bispo da nova Diocese, tomando conhecimento da pessoa invulgar do Padre Albino, vendo, com seus próprios olhos, o valor desse ínclito ministro de Deus; sua piedade, austeridade, bondade, prudência e capacidade para grandes empreendimentos, admirável tino administrativo, antes mesmo de criar o Cabido Diocesano, resolveu pedir a Santa Sé, que lhe conferisse o nobilitante título de Monsenhor. Feito isto, pensou em retirar-lo da Paróquia de Catanduva e trazê-lo para a Sede Episcopal, contando com tão grande valor, para enfrentar a luta que não era pequena.

Mons. Albino, humilde e sem pretensão; inteiramente sem ilusão; aquele sacerdote abnegado que deixou tudo para carregar, gostosamente, a cruz de Jesus para bem servi-lo, não se abalou com tais promoções! ... Não aceitou. O povo de Catanduva muito menos ainda. A ideia ficou sem execução, pois, não adiantava bater em ... ferro frio!

Mons. Albino, imóvel quanto a saída e ativo quanto aos seus grandes e beneficentes empreendimentos, continuou, intangível, em sua paróquia.

OS QUERIDOS POBRES DE MONS. ALBINO

Tendo terminado as obras de sua querida Matriz de São Domingos, onde os humildes, da cidade e dos sítios, tiveram papel



PRIMEIRO PLANO: — DA ESQUERDA PARA A DIREITA CÔNEGO VICTOR J. HERRERO; MONSENHOR ALBINO ALVES DA CUNHA E SILVA — O BIOGRAFO; DOM LAFAYETTE LIBANIO — BISPO RENUNCIANTE; DOM JOSÉ JOAQUIM GONÇALVES; MONSENHOR LEIBNITES C. CASTRO — CURA DA CATEDRAL

SEGUNDO PLANO: — DA ESQUERDA PARA A DIREITA CÔNEGO ALTAMIRO DE ASSIS RODRIGUES; MONSENHOR VICTOR RODRIGUES DE ASSIS; MONSENHOR GREGORIO NAFRIA; CÔNEGO BRAULIO F. DE MELO E CÔNEGO DOMINGO PLANILLO, NO DIA DA ELEIÇÃO DO VIGARIO CAPITALAR, EM 1 DE DEZEMBRO DE 1966.

saliente, Mons. Albino parou, por alguns instantes, meditando e raciocinando, e saiu com esta:

- “Já que meus queridos paroquianos pobres e humildes ampararam-me em tão árduo empreendimento - qual seja a construção da Matriz, - vou agora, com todas as minhas forças, confiante na proteção Divina, amparar os pobres. Não só os de minha paróquia, como também os da circunvizinhança. Vou fundar um hospital, onde, principalmente os desprotegidos da sorte possam encontrar lenitivo para as suas dores e sofrimentos.

De início, construiu, perto da Igreja, na principal artéria da cidade, que é a Rua Brasil, um prédio de dois andares, onde funciona, atualmente, o Educandário São José com muitos meninos órfãos. Esse estabelecimento de caridade é dirigido pelas abnegadas Irmãs Missionárias de Santo Antonio Maria Claret.

Reformou a casa paroquial e construiu capelas, nos sítios e na cidade.

A CASA PAROQUIAL

Em 1934, o autor deste desprezível trabalho –“VIDA

DE MONSENHOR ALBINO ALVES DA CUNHA E SILVA”

- tendo vindo a São José do Rio Preto, e ouvindo, dos próprios lábios do Senhor Bispo Diocesano, os maiores encômios sobre a pessoa do Vigário de Catanduva, resolveu fazer-lhe uma visita.

O tracejador destas linhas ficou hospedado no Palácio Episcopal. E, um belo dia, disse a S. Excia. Revma.:

- Senhor Bispo, quero ir a Catanduva, a fim de conhecer esse tal padre Albino, a quem V. Excia. tece os maiores elogios.

- Pode ir, disse Dom Lafayette, mas não pense você que ele vai ficar de conversa comprida, contando lorotas, etc. Chegando lá, você será bem recebido, mas ... logo ele vai cuidar de seus afazeres.

Pensei, com “meus botões”: Certamente esse colega deve ser um grande . . . “secarão”! Mas não me detive. Fui. Tomei o trem, em São José do Pio Preto - aquele trem tocado a fogo, queimando a roupa da gente, - desembarquei em Catanduva e subi a pé até a Matriz. Lá fiz minha visita a Nosso Senhor Sacramentado e desci a casa paroquial. Bati. Saiu o padre.

Ao deparar-se-me aquele edificante colega, perguntei-lhe logo:

- O senhor é o padre Albino, vigário desta paróquia?

- Sim, respondeu-me ele atenciosamente. Expressão de bondade, olhar meigo e acolhedor, disse-me:

- Entre. A casa é sua. Disponha.

Como eu já estava avisado, depois de rápida conversa, disse-lhe imediatamente:

- Padre Albino, sei que o senhor é homem de muitos afazeres, vim, apenas, conhece-lo e conhecer sua paróquia. Não lhe vou tomar o tempo.

- Fique à vontade. Se precisar de alguma coisa, estou as suas ordens. Pode visitar a casa, a igreja e a cidade. Desculpe-me, por me não poder demorar consigo, pois tenho, neste momento, um negócio urgente para cuidar.

Num só golpe de vista observei tudo:

Casa humilde e sem aparatos; sala de visita, com uma tosca mesa, sem verniz e sem toalha; sobre a qual havia, apenas, uma moringa e alguns copos; moveis rústicos e cômodos simples, porém, tudo na mais perfeita ordem e limpeza.

Logo apareceu o sacristão, com quem conversei um pouco. Perguntando-lhe quantas pessoas eram na casa, ele me respondeu:

- Só nos dois. Eu e ele. Eu cuido da casa e da Igreja. A cozinha não funciona. Comemos de marmita. O padre Albino é madrugador. Pontual ao extremo nos atos religiosos e na administração da paróquia. É muito piedoso, bom e caridoso. Não faz distinção de pessoas e dá preferência aos pobres. Trabalha de manhã a noite. Tem horário para tudo. Não falta com sua palavra em coisa nenhuma.

Depois disso, dei uma pequena volta pela cidade e, quando retornei a casa paroquial para me despedir, encontrei aquela moringa cheia de uma gostosa limonada. Penso que foram espremidos uns dez ou mais limões galegos e mais de meio quilo de açúcar, para tanta limonada.

Voltei para São Jose do Rio Preto com a melhor das impressões a respeito do edificante vigário de Catanduva.

Mons. Albino, com 85 anos de idade, 63 de vida sacerdotal e paroquial, nunca teve em tempo nenhum, uma só empregada.

(O HOSPITAL PADRE ALBINO) - SANTA CASA

Em 1926, começou a construção da Santa Casa de Misericórdia. Aquela Santa Casa de Misericórdia é hoje o Hospital Padre Albino. Posteriormente, anexou-se-lhe a maternidade.

Os trabalhos e dificuldades, com que construirá a Igreja, diminuiram consideravelmente, porquanto o povo já conhecia e amava intensamente o seu querido vigário. Todos confiavam nele, porque convictos de sua honestidade e capacidade. Já as pessoas abastadas ajudaram-no a construir tão benéfico estabelecimento.

Todo pobre, que se sente na premente necessidade de tratamento de sua saúde, dirigindo-se ao Hospital Padre Albino, não sai dali sem ser atendido e com o máximo desvelo.

Todos os competentes e caridosos médicos especializados, que prestam seus serviços naquele confortável nosocômio, amigos e admiradores do Padre Albino, cuidam dos seus enfermos, com extremado carinho e amor.

As piedosas e dedicadas Religiosas - Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição, que, com edificante cooperação, cuidam do corpo e da alma dos doentes ali abrigados, a todos dão magnífico exemplo de amor a Deus e ao próximo. Todos os enfermeiros e enfermeiras, ali empregados, estão a altura do estabelecimento e seus dirigentes. Numa palavra: O Hospital Padre Albino é, indiscutivelmente, um centro de assistência médica e social a toda a zona araraquarense.

Brevemente haverá, ao lado do Hospital, um importante manicômio para o alívio dos aflitos mentecaptos. Tudo obra do grande Mons. Albino.

Além de todos os estabelecimentos beneficentes, dentro da cidade de Catanduva, existem, ainda, uma pequena chácara defronte ao aeroporto, para engorda de porcos para a manutenção dos estabelecimentos de caridade; uma outra chácara na divisa de Itajobi; uma fazenda de 100 alqueires de terra, no Paraná, para as mesmas finalidades. Quantos bilhões vale tudo isto? Entretanto ... o Mons. Albino tem, como sua propriedade ou bens unicamente a sua santa batina

(1) que traz no corpo. Quando morrer esse grande homem - sacerdote modelar - não haverá inventario nem testamento, porquanto nada possui! ... Quem quiser duvidar destas afirmações, que vá examinar se é ou não é verdade.

Grande parte dos bens beneficentes, acima enumerados, foi uma generosa, caridosa e patriótica doação do Sr. Ricardo Lunardelli.

O COLÉGIO NOSSA SENHORA DO CALVARIO

Este valoroso educandário, dirigido pelas cultas e virtuosas Religiosas de Nossa Senhora do Calvário, tem concorrido, exuberantemente, para o bem cultural, moral e religioso da juventude feminina da região. A história da sua fundação e entrada, na cidade de Catanduva, é bela e emocionante. Fruto dos esforços de Mons. Albino.

As jovens, ali formadas, são verdadeiros arautos na difusão e desenvolvimento da cultura e formação cívico-religiosa da mocidade brasileira.

Entre as religiosas operantes naquele Colégio, sobressai a figura edificante da Irma Ana Maria. Esta muito colaborou, com o autor do presente livro, não só fornecendo-lhe preciosos subsídios, como ainda encorajando-o na confecção do mesmo.

-
- (1) Monsenhor Albino nunca, jamais apareceu, em público, sem a sua idolatrada batina preta, embora faça grande calor. E Monsenhor não usa meias roxas. O seu “clergyman” e sempre sua batina. Batina e sapatos sempre limpos.

ARTIGO, DA LAVRA DA IRMA ANA MARIA, LIDO NA
RADIO DIFUSORA DE CATANDUVA, EM PREPARACAO DAS
SANTAS MISSÕES

“Nestes dias, em que Catanduva está realizando um intenso e profícuo trabalho de preparação, para as Santas Missões, nada mais oportuno do que relembrar alguns traços biográficos daquele que foi e continua sendo o **autêntico Missionário** (o grifo é nosso) desta cidade: Monsenhor Albino.

Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva nasceu, em Portugal, a 21 de setembro de 1882. Atraído por Deus, seguiu a vocação sacerdotal, ordenando-se em Braga, no ano de 1905.

Passando Portugal, do regime Monárquico, para o Republicano, o governo começou a perseguir o Clero. Padre Albino, não podendo mais semear em sua pátria, saiu a semear em outra terra que ele escolheu para sua nova pátria - o Brasil.

Aqui, ele desembarcou no dia 21 de setembro de 1912, exatamente quando completava 30 anos de idade.

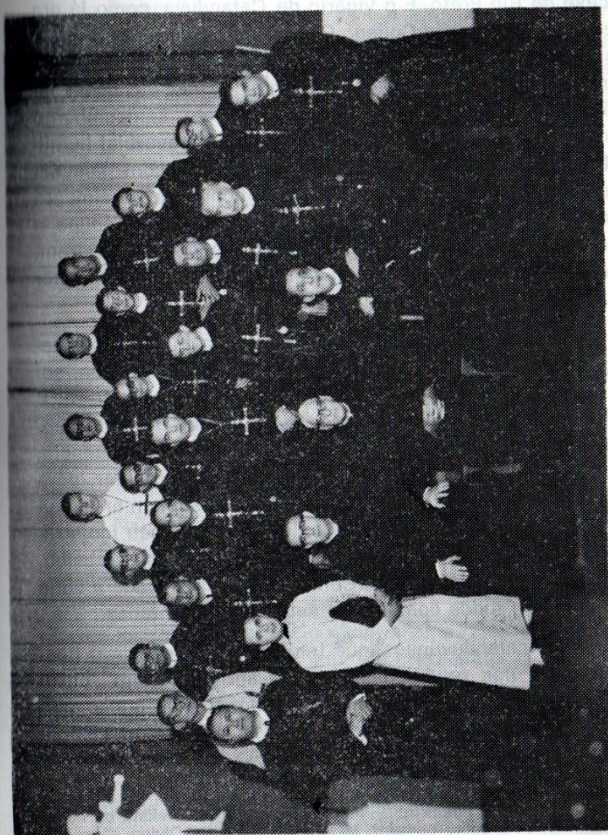
Nesse dia, o Brasil, sem saber, estava ganhando de Portugal um precioso presente: UM SACERDOTE SANTO. Logo foi nomeado coadjutor na paróquia de Jaboticabal. Depois, passado algum tempo, na de Jau e, em seguida, vigário de Barra Bonita. A 28 de abril de 1918, vigário de Catanduva.

Nossa cidade, que há pouco havia nascido, seria o campo de seu apostolado. Padre Albino, olhando para sua nova e nascente paróquia, viu, com seu penetrante olhar, o quanto havia para fazer. Não desanimou. Com seus olhos fixos no Divino Mestre, entregou-se à obra, semeando, batizando ou confessando, estava à procura de donativos para as suas obras de caridade. E ninguém ousava negar-lhe a sua contribuição. Por menor que ela fosse, recebia sempre de Monsenhor Albino um grande “Deus lhe pague”, tão cordial e espontâneo, que já era uma recompensa para o doador. E, de sua abnegação e colaboração de todos, surgiram as belas e beneficentes obras de que se orgulha, hoje, Catanduva: A igreja matriz de São Domingos; a Santa Casa de Misericórdia a que deu o povo o nome de “Hospital Padre Albino”; o Asilo dos velhos; a Vila de São Vicente; o Colégio Nossa Senhora do Calvário; a Casa da Criança “Sinharinha Netto”; o Orfanato “Ortega-Josué”; o Educandário São José”; Não se esqueceu das vilas adjacentes da cidade e fez ergueras capelas de: Elicíria, Caputira e Quilometro Sete.

Sua vida foi sempre piedosa, simples e austera. Nada queria para si. Tudo o que recebia pertencia aos pobres. A caridade o dominava e estabelecia, em sua alma, um impulso de ascensão a Deus e de compaixão para com o próximo. “Quando uma alma é chamada por Deus e o segue, não se isola das demais, separa-se somente dela mesma”. Foi o que aconteceu ao Padre Albino. O seu profundo amor de Deus arrancou-lhe a alma a si mesmo, para dedica-la ao serviço do próximo. Por isso, ele conquistou os corações de todos os seus paroquianos e, através de sua imensa bondade, leva Deus a todos os corações.

Foi ainda o seu dedicado amor ao próximo que o levou a Roma, em 1949, onde, junto do Cardeal Mazella, conseguiu a vinda dos revmos. srs. padres Doutrinários para Catanduva. A cidade crescia e progredia cada vez mais. Havia muito o que fazer, porquanto, junto ao progresso material, aparecia e crescia a artimanha diabólica para

corromper as almas. Padre Albino facilmente compreendeu a necessidade de auxiliares eficientes. Razão por que trouxe os padres Doutrinários. Ergueu-se logo o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, criando-se, ali, nova paróquia para os recém-chegados sacerdotes.



MISSÕES, PREGADAS PELOS REV. SRS. PADRES REDENTORISTAS (22 SACERDOTES) NA CIDADE DE CATANDUVA, DE 11 a 25 DE DEZEMBRO DE 1965. AO CENTRO, SENTADO, MONSENHOR ALBINO LADEADO PELO PE. ORLANDO VISCONTI E O CHEFE DAS MISSÕES, PADRE SIQUEIRA.

Em 1951, foi criado e instalado o Cabido Diocesano desta Diocese de Rio Preto. E o vigário de Catanduva, como já era Monsenhor, foi nomeado Cônego Catedrático do Cabido e é, hoje, o seu Presidente e Protonotário Apostólico. Por essa grata efeméride, o bom povo de Catanduva, movido por um dever de gratidão, prestou-lhe grande homenagem. E ele, sem embargo de ser grande merecedor, tudo recebeu na sua proverbial humildade. E, aproveitando da oportunidade, devolveu, com palavras sinceras, ao povo de Catanduva, aquelas honrarias. Realmente é assim a alma humilde. Aniquila-se, para que Deus ocupe o lugar vazio. Essas honras todas, ao invés de a envaidecerem, serviram para mais o unir ao seu Deus! E o seu afanoso lutar e realizar prosseguiu na mesma cadência.

Numa de suas viagens pelos sítios, em busca de donativos, para os seus pobres, como vítima agradável a Deus, sofreu um grave acidente, entre outros muitos que já sofrera. E assim permaneceu no leito de dores, pelo espaço de meio ano. Como sempre, nunca soltou a menor lamentação. Sua ausência, na paróquia, foi angústia para todos, de modo particular, para os seus queridos pobres. De todos os corações subiam ardentes preces a Deus, pelo completo restabelecimento de seu idolatrado pároco. Recuperada sua saúde, pôs-se de novo ao trabalho, com o mesmo ardor de sempre. Com sua avançada idade e alma sempre jovem, a todos comunica o seu dinamismo tenaz.

Nós, os catanduvenses, que temos o privilégio de o possuir entre nós, nos rejubilamos, porque abrigamos um “outro Cristo”. Como

(1) Não só lições de literatura, como também nunca se envolveu com a vida particular de ninguém! ... Jamais se meteu a moralista ou negativista, desanimando o pobre pecador. Mas, como o Mestre Divino, sabe elevar e levar as almas a Deus, pelo caminho da verdade caridade. Pois, a boca fala ... daquilo que lhe encheu o coração. – (Nota do autor)

Jesus, quando pregava, Monsenhor nunca deu lições de literatura em seus sermões. (1). Na sua linguagem simples, correta, com simplicidade ensina a Doutrina santa do Santo Evangelho.

Monsenhor Albino sempre foi de poucas palavras e muita ação. Pois, os silenciosos são como os corpos transparentes: comunicam luz e calor, enquanto os faladores são opacos.

Bastante e eloquentemente falam os seus exemplos e a sua bondade - exemplos de humildade e caridade”.

ESTILO DE MONSENHOR ALBINO

Para que todos possam ter uma ideia, mais ou menos, do estilo, expressão, simplicidade e humildade de Mons. Albino, transcrevemos, aqui, uma alocução radiofônica feita por ele há poucos anos atrás.

Ei-la:

“Srs. Ouvintes da Rádio Difusora de Catanduva.

Na comemoração do quadragésimo aniversário da elevação de Catanduva a município, a 14 de abril de 1918, como testemunha ocular dos seus principais acontecimentos, pois, a minha nomeação de seu Vigário deu-se a 28 de abril de 1918, fui convidado para contar, pelo rádio, alguns fatos importantes, que se deram desde a sua origem, até o presente.

E do meu conhecimento que o Pe. Gasparino Dante, vigário de Tabapuã, a cuja paróquia estava anexa esta pequena povoação, que tinha então o nome de Cerradinho dos maus Costumes, era que atendia a sua parte religiosa. Tinha ele sido da Ordem dos Salesianos, era de gênio irascível da família Dantas Ramalho, aqui numerosa e de bastante

influência na política por os seus membros terem alguma fortuna e preparação intelectual. Sucedeu-lhe o Pe. Mauricio Caputo, de índole pacata e bondosa, e, por isso, muito popular, como seu primeiro vigário efetivo, cuja povoação era distrito de paz e agora com o nome de Vila Adolpho, denominação tirada do Coronel Adolpho, chefe político em São José do Rio Preto e mandão nesta zona eleitoral, a cujo Município e Comarca ela pertencia. Era ele contrário a criação deste Município e, por isso, o povo, como represália, tirou o seu nome da Povoação, logo que obteve do Governo Estadual e deu-lhe o nome de Catanduva, que quer dizer “Terra Ruim”, porque, embora seja ótima para a cultura, a terra da zona rural e da cidade só produz com muito adubo.

Catorze dias depois da sua instalação, já com o nome de Catanduva, fui eu nomeado seu 2. ° Vigário, podendo ter então a cidade 200 casas. Umas de madeira, outras de barro cobertas com taboinhas e algumas de tijolos, mas sem reboque. O atual Rio São Domingos era então extenso brejo, onde os japoneses, depois de cortarem a taboa e matarem as cobras, plantavam arroz, que dava boas colheitas. No tempo seco, a água do córrego era tão pouca que, havendo na cidade dois coches ou carros de cavalos para passageiro, eles passavam de um lado para outro dela, sem ponte, e o povo pulava os pequenos regatos ou eles tinham uma pinguela ou tabua grossa onde se atravessava, sem perigo de molhar-se. Havia ainda um pequeno hotel onde eu comia, alguns armazéns de armarinhos e de fazendas; lojas de secos e molhados, duas pequenas farmácias, uma máquina de benefício de arroz, residência paroquial na esquina da Rua Brasil, onde atualmente está a Drogadada, uma tosca e pequena Capela, em cujo forro dormiam numerosos pombos e bandos de andorinhas, cujos piolhinhos, espalhando-se, enchiam intensamente as suas paredes laterais. Vivia então na cidade em constantes visitas as pessoas mais gradas, um bom velho mineiro, viúvo, muito religioso e moralista chamado Minguta, que era muito conhecido e estimado por toda a população, e tinha uma casinha e uma pequena chácara junto do córrego hoje chamado Minguta. A pequena cidade era

rodeada por matas virgens cheias de grossas perobas e de boa madeira de lei e, de longe em longe, ligadas por trilhos ou picadas tortuosas, algumas casas de pau a pique, barradas com terra e cobertas de sapé, onde moravam os bons e laboriosos roceiros que plantavam arroz, milho, feijão e amendoim que as boas terras davam em abundancia e per isso, a fartura era grande.

As casas dos colonos, meeiros e sitiantes. Estavam cheias de cereais e em volta delas grande quantidade de galinhas, patos, perus, cabritos, leitoas e vacas leiteiras.

Tudo era muito bonito: dúzia de ovos a Cr\$ 1.00, patos a Cr\$ 1,50, leitões, cabritos e ovelhas a Cr\$ 20,00, feijão e milho a Cr\$ 5,00 o saco, arroz em casca Cr\$ 15,00 o saco.

Não havia café, porque na perda desse ano de 1918 queimara-se todo o que havia sido juntado poucos anos antes.

Como a alimentação do povo era boa, havia poucas doenças. No entanto, nesse ano de 1918 houve violenta gripe espanhola que matou nesse Município muita gente, inclusive no antigo Clube 7 de Setembro, onde era o isolamento improvisado.

Havia 3 médicos; hoje há 35. Só a gripe espanhola em 1918 é que matou muita gente. O antigo Clube 7 de Setembro, então na Rua Brasil e Alagoas, servia de isolamento aos doentes. Morreram dezenas de pessoas em pouco tempo.

Nas matas havia animais ferozes. Lembro-me, de uma noite, ter visto uma onça e noutra uma vaca brava que avançou contra mim, mas a luz de uma lanterna que trazia comigo livrou-me da morte.

A luz à noite era muito precária. Um sírio em 1917 montou uma Usina elétrica a vapor que é a Companhia Nacional de Energia Elétrica S.A.

Queimavam todas as noites vários caminhões de lenhas verdes e assim as matas foram desaparecendo, não se encontrando agora mais madeira.

A luz vivia tremendo, “piscando”, apagando-se a cada momento e, quando chovia, vários dias seguidos, ou a caldeira da Usina furava, passavam-se semanas, até meses, sem luz.

O começo, pois, foi duro mas promissor, porque a terra é boa e a sua gente laboriosa e empreendedora. Por isso, atualmente a cidade está com 8.000 prédios e 40.000 habitantes e o Município com 60.000 almas, almas boas, fervorosas, progressistas e patrióticas.

A religião era muito pouco praticada, mas com as vindas frequentes de Missionários a Cidade: Jesuítas, Redentoristas e outros sacerdotes, o ambiente religioso e da população fora-se modificando e melhorando sensivelmente. (O grifo é nosso). (1)

Depois, com a fundação de várias obras sociais; com a difusão da instrução Primaria e Secundaria; Grupos Escolares, Ginásios, Colégios e Escolas Normais, o obscurantismo e o atraso foram desaparecendo, e hoje a população do nosso Município é uma das mais religiosas, moralizadas, cultas, inteligentes, fecundas e civilizadas do Estado de São

- (1) Por ai (parte grifada) se vê, claro como a luz do dia, o profundo e comovedor grau de humildade e despretensão do abnegado e santo e sacerdote da Igreja - Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva! Tudo fez e nada reserva ... por si! Não podemos negar a eficiência dos Santos Missionários, mas ... quando um sacerdote vigário não é aquilo que deve realmente ser: luz do mundo, sal da terra, inteiramente homem de Deus e do povo, digno da sua

grande dignidade sacerdotal, de vida inatacável ... a vida religiosa, na paróquia, não progride e ... às vezes retrograda!...

Paulo. É uma glória do Brasil Cristão”. (1)

Pela exposição feita, escrita e falada pelo santo sacerdote - Monsenhor Albino - acima transcrita, temos o retrato perfeito de sua pessoa invejável. O homem-sacerdote que vive, na terra, pela glória de Deus e bem dos homens, mas que tem a alma e o coração, inteiramente, unidos a Deus nos altos Céus!

Abnegado, trabalhador, despretensioso, despido de vaidades, respeitador da dignidade humana, nas suas pregações e modo de agir, e, numa palavra: o perfeito “Homo Dei”, querido de Deus e querido e admirado dos homens.

MEDALHA E DIPLOMA DE HONRA AO MERITO

O grande Sr. Assis Chateaubriand -Diretor dos Diários Associados” – quando esteve em Catanduva, tomou, pessoalmente, conhecimento da pessoa e obras de Monsenhor Albino. Tornou-se um grande admirador de tão valoroso e santo sacerdote. Por isso, voltando para São Paulo, fez questão de que - “Os Diários Associados” conferissem, ao piedoso, laborioso e patriota Monsenhor Albino, um mui merecido Diploma de Honra ao Mérito.

O CARDEAL CEREJEIRA E SALAZAR

Antonio Alves da Cunha e Silva, irmão 10 anos mais moço

-
- (1) Dores, sofrimentos e trabalhos, Monsenhor Albino coloca nos seus ombros! Mas glória e honrarias ... abnegadamente entrega a Deus e ao próximo!

do que Monsenhor Albino, foi colega de classe do Eminentíssimo Sr. Cardeal Cerejeira e do grande estadista Salazar, os quais conhecem e muito admiram o grande patricio que vive no Brasil e para os brasileiros.

AS BENÉFICAS INSTITUIÇÕES

Além da bela, rica e histórica matriz da Paróquia de São Domingos de Catanduva; Santa Casa de Misericórdia, cujo nome o povo trocara para o de Hospital Padre Albino:

Asilo dos Velhos;

Casa da Criança “Sinharinha Netto”;

Vila São Vicente de Paulo, que tem albergue noturno;

O Lar “Ortega-Josué”, para meninas órfãs;

O Ginásio “Dom Lafayette”;

O Seminário “Cesar de Bus”, dirigido pelos Padres Doutrinários;

O Santuário e Paróquia de Nossa Senhora Aparecida;

Atualmente Monsenhor Albino se constitui no líder de uma campanha gigantesca, em que há meses, empenha todas as suas forças, para dar condições favoráveis a criação da Faculdade de Medicina de Catanduva.

BELA E EDIFICANTE LIÇÃO!

O maior beneficiado, espiritualmente beneficiado, pela vida e obras de Monsenhor Albino, é o próprio autor de sua biografia. E ele se explica:

Com 62 anos de idade, 36 de sacerdócio e 29 de paroquiano, não quis mais ter responsabilidade de paróquia, por sentir-se cansado, nervoso e esgotado.

Monsenhor Albino, com 85 anos de idade, 63 de sacerdócio e 62 de paroquiato ... ainda é vigário que dirige sua paróquia: todas as suas instituições, hospital, etc. e ainda age como um jovem e ardoroso padre - verdadeiro soldado de Cristo.

UM SAMARITANO MODERNO - A LIÇÃO DE PADRE ALBINO SILVA

Transcrito de “Anais Científicos” de
Abril-Maio de 1950.

Emigrou para Catanduva pouco depois da revolução de Portugal, Padre Albino Silva, tendo sido recebido friamente pela população daquela cidadezinha do interior de São Paulo. Este sacerdote, porém, percebendo a frieza da população, e tendo tudo por fazer, procurou ganhar a confiança não com palavras mas com trabalhos e realizações de obras caritativas e educacionais.

Começou os alicerces da Casa para as preces a Deus, ele próprio servindo como servente de pedreiro.

Ao mesmo tempo viu que não seria complete limitar-se a curar somente as feridas espirituais, como moderno Samaritano, tratou da construção de casas para curar as feridas físicas.

Viu ainda que, sem a educação dos habitantes, só com tratamento das feridas espirituais e físicas, o homem seria incompleto em sua vida. Tratou então de construir alicerces para escolas e colégios educacionais.

Em todos os empreendimentos de Padre Albino, não só não houve um só fracasso, mas foram todos realizados com a máxima economia, com o máximo de aproveitamento e mínimo de desperdício.

Aproveitando a sua Casa Paroquial foi a mesma transformada em casa educacional, continuando o Padre Albino a morar em uma casinha modestíssima, com mobiliário equivalente ao de qualquer operário modesto, como continua até hoje.

Além deste colégio, com terreno que lhe foi doado construiu outro colégio para 200 escolares internos e um asilo para meninos órfãos. Com 100 alqueires de terras que lhe foram doados em Porecatu, esta formando uma fazenda de café, que futuramente poderá custear com a produção todas as obras de caridade.

Padre Albino que e Monsenhor, mas que prefere que o chamem de padre, em lugar de usar os sapatinhos afivelados prefere usar botinas para poder fazer as longas caminhadas por qualquer estrada poeirenta, atravessando cafezais a procure de donativos para suas obras, para curar as feridas físicas, morais e espirituais para dar de comer a quem tenha fome e beber a quem tenha sede.

Como o bom Samaritano de Jericó, os donativos que recebia para tratar feridas físicas humanas, nunca indagava se provinham de Judeu, amigo ou inimigo, de que religião, raça ou cor. A todos sempre tratou com o mesmo carinho e dedicação.

Entretanto, apesar da bondade desse bom Samaritano a arte da falsa mendicância em Catanduva nunca encontrou estímulo dos vadios e nem inércia dos preguiçosos porque Padre Albino sabia distinguir os verdadeiros dos falsos necessitados e não desconhecia também que dar esmolas aos falsos mendigos seria estimular os vadios e fomentar os vícios.

Do que menos falou esse Sacerdote foi de religião e justamente que mais conquistou da população daquela cidade foi o espírito religioso

da caridade, não por palavras mas pelo exemplo da religião, do trabalho, da bondade e da humildade.

Foi apenas este o segredo de que muitos não conseguem descobrir, de conquistar a confiança de todos sem distinção de classe, pobres e ricos todos contribuem aos pedidos de Padre Albino, de acordo com as suas posses e sem distinção de religião ou raça, porque sabem que um centavo dado a esse sacerdote sempre foi empregado rigorosamente ao destino a que foi dado, com a máxima eficiência econômica.

Mas a maior e inédita conquista de simpatia desse moderno Samaritano, foi a doação da própria Sede Maçônica pelos seus Diretores ao Padre Albino, para ser transformada em asilo de velhos indigentes, hoje com mais ou menos 80 velhos assistidos pela Associação Beneficente de Catanduva, fundada e orientada pelo mesmo sacerdote.

E notável também acrescentar que tanto nas obras particulares e especialmente públicas, não havia desperdício porque Padre Albino sempre foi o fiscal vigilante de qualquer desperdício o seu proprietário ou Prefeito, ficaria sabendo pelo Padre Albino, porque pedia aos mesmos as sobras para as suas obras de caridade e ninguém lhe negava qualquer pedido ou ajuda.

Catanduva, portanto, conseguiu realizar graças ao esforço desse sacerdote, não apenas uma Assistência Social, mas sim uma verdadeira revolução dos princípios da assistência social crista, não com donativos de vulto de abastados, mas pela eficiência e perseverança em aproveitamento máximo desde os mínimos donativos. Com esses exemplos de profundo ensinamento doutrinário que encerra na conduta do homem de que somente humanizado o capital pode dignificar o trabalho, mostra mais esses exemplos que, não poderá ser feliz o usuário com a sua canastra abarrotada de ouro se ao seu lado existir a miséria, a não ser que tenha seu coração abaixo do estômago.

Graças a essas obras, Catanduva, apesar de mais nova que outras cidades vizinhas, está aparelhada para não ter nenhum indigente esmolando nas ruas e nenhum analfabeto, mesmo porque outras iniciativas públicas com a contribuição e colaboração particular foram criando outros institutos de ensino.

Assim é que Catanduva foi uma das primeiras cidades do interior a criar ginásio e escola normal.

Contudo, não seria este sacerdote, que fizesse tudo isso com esperança ou intenção de esperar qualquer gratidão humana, ele sabe como apóstolo, que Cristo curou dez leprosos e um só agradeceu.

Ricardo Lunardelli

UM APÓSTOLO

Transcrito de “O Correio Paulistano” do
dia 18 de Abril de 1950.

Logo em seguida a revolução portuguesa, que deitou por terra a velha dinastia que ali reinava, emigrou da terra lusa, vindo para Catanduva, então uma cidade em plena infância, o Padre Albino Silva. Não teve a princípio recepção calorosa. Antes, foi de frieza o ambiente que o acolheu.

O sacerdote não se atemorizou. Olhou o panorama social da pequena cidade e compreendeu que havia, ali, uma obra a realizar, a espera do devotamento de quem a ela se dedicasse, de corpo e alma. Entregou-se a ela, com decisão e coragem. Lançou os alicerces da Igreja e na construção da Casa de Deus serviu, dedicado, como servente de pedreiro.

A população começou a olhar com interesse e simpatia aquele que ela acolhera, ao chegar, com indiferença e frieza. Depois da Igreja, o Padre Albino sulcou as terras de Catanduva, para lançar os alicerces do hospital e, depois, da escola. A casa paroquial, que seria a de sua residência confortável, ele a transformou em escola, mantendo sua residência em uma modestíssima morada rustica, onde a nível de

conforto não era superior ao encontrado, em seu lar, pelo mais humilde dos proletários.

Ao seu esforço passou a dever, Catanduva, a construção de um outro colégio para duzentos alunos internos e de um asilo para órfãos.

Em pouco tempo, o sacerdote vencida a frieza com que o recebera a população. É que a sua obra esplendida em frutos magníficos. No terreno da assistência espiritual, à saúde e à educação, o que Padre Albino vinha realizando era dadas as proporções das realizações relativamente ao meio em que agia, verdadeiramente, monumental.

A simpatia crescia em torno de sua pessoa, não somente pelo valor intrínseco de suas realizações como pela maneira pessoal com que as empreendia. Batia as estradas, a pé, numa verdadeira peregrinação, a recolher donativos para os seus empreendimentos. Não indagava da crença religiosa de quem os fazia, nem distinguia os doadores pela sua posição social, pela sua origem racial, ou pelo vulto, maior ou menor, do donativo.

Todos eram cooperadores bem-vindos de sua grande obra social.

Em pouco tempo, o padre emigrado conquistava definitivamente a veneração, o respeito, o afeto da gente boa e simples de Catanduva. Era uma conquista feita menos pela persuasão de um pregador, que pelos atos de um verdadeiro apostolo.

Sua maior vitória foi a atitude da Loja Maçônica local, que doou ao Padre Albino a sua própria sede, para que ele a transformasse em um asilo de velhos indigentes.

Nesse recolhimento vivem, hoje, oitenta asilados, assistidos pela Associação Beneficente de Catanduva, fundada e dirigida pelo benemérito sacerdote.

Traçamos, em pinceladas muito largas, o quadro das realizações desse benemérito ministro da igreja, com a fito de chamar a atenção do público para o que pode fazer, em benefício da coletividade, o sacerdócio exercido com sinceridade, desprendimento pessoal, humildade crista e espírito de solidariedade humana.

O que o Padre Albino conseguiu efetuar em Catanduva constitui uma obra social extraordinária, abrangendo a assistência aos necessitados, aos enfermos, velhice desamparada, a tarefa educacional.

Ele a fez à custa de tenacidade, passo a passo, apelando para o auxílio de todos, ricos e pobres, na medida das posses de cada um. É a obra de um verdadeiro sacerdote, devotado e humilde, a desse religioso que, sendo monsenhor, prefere que o-chame simplesmente de padre ...

Ricardo Lunardelli

APÊNDICE

Padre Synval Januário

Com a finalidade de perpetuar, para o bem das futuras gerações, a memória da vida benéfica de Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva, de Catanduva-SP, dois objetivos se impõem nesta segunda edição de sua biografia, escrita por Mons. Victor Rodrigues de Assis, do Clero de Rio Preto - SP e Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Natal - RN, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Belo Horizonte - MG, Membro da Associação Nacional de Professores Universitários: 1º) retificar e complementar, em apêndice, alguns dados que lhe foram informados e, 2º) completar, a pedido da Fundação Padre

Albino, como homenagem ao inesquecível patrono, e a convite do biógrafo (que muito me honra), com os fatos subsequentes, a biografia, uma vez que a obra foi escrita em 1968, ainda em vida de Monsenhor Albino, dividindo, portanto, este trabalho, em duas partes.

PRIMEIRA PARTE: RETIFICAÇÕES E NOTAS

Nesta primeira parte, a objetivo é trazer ao leitor as observações, reportando-o à página dos episódios a que se referem.

À Pág.15: -1) **DATA DO NASCIMENTO** - Foi o matutino “O REGIONAL” de Catanduva - SP que deu a público a existência de uma “CERTIDÃO DE NARRATIVA SIMPLES DE REGISTRO DE NASCIMENTO”, da Conservatória do Registro Civil de CELORICO DE BASTO, datado em 21 de Fevereiro de 1972, conservado no Museu “Gov. Pedro de Toledo” de Catanduva, que da como data do nascimento de Monsenhor Albino 22 de Setembro e não 21, como aparece em todos os seus documentos. Seria erro do datilógrafo? O jornal argumenta que não parece provável, pois o funcionário da Conservatória, que se assina “O Ajudante”, atesta que conferiu, observando que, ao transcrever o nome da mãe de Pe. Albino diz “rasurei Dona”. Isto parece razoável porque ao conferir teria visto também o erro da data, se fosse 21! Mas é possível que não tenha visto. O certo é que Pa. Albino nunca se referiu a

este assunto, nem nunca desmentiu a data de 21 de todos os seus documentos.

2) Observo também, na xerocópia que possuo desse documento, que a grafia do lugarejo, freguesia em que nasceu Pe. Albino, é Codessoso. (com dois esses “SS”) e não Codeçoso, (com Ce cedilha), como par aqui sempre se escreveu, inclusive pelo próprio Monsenhor Albino.

3) **Pe. Albino e Tiradentes:** - Em suas incansáveis pesquisas históricas, Mons. Victor. biógrafo de Pe. Albino, acena com a forte probabilidade de Mons. Albino ter laços de parentesco com o nosso grande Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, o “Martir da Independência” que, pela Lei 4.897, de 09/12/1965, assinada pelo Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, presidente da República, foi declarado - “Patrono Cívico da Nação Brasileira”. Segundo S. Revma., a mãe de Pe. Albino, Dona Ana Joaquina da Mota e Andrade, era descendente da Família MOTA, numerosa na aldeia de Codessoso. Ora, diz ele, a esta família pertenciam os parentes dos avós paternos de Tiradentes! Isto para nós é um dado novo e que merece estudos.

Às Págs. 20 e 62: **-TESTAMENTO DE MONS. ALBINO -** Mons. Albino deixou, sim, um testamento cerrado que foi dado ao conhecimento público pela imprensa, no dia 19/09/1974. Estava contido num envelope amarelado, que guardava outros dois, um capeando o outro, todo lacrado, que um dia, há muitos anos, Pe. Albino dera a seu sobrinho, residente em Catanduva, na rua Pará, pouco abaixo da Casa Paroquial, Dr Alberto Avelino da Cunha e Silva, com a recomendação: **“Guarda este papel”**. No dia 18 de Setembro de 1974, um ano após o falecimento do tio sacerdote, Dr Alberto remexia no seu cofre quando encontrou. Dirigiu-se então, em companhia do advogado Dr. Plácido Eduardo Fernandes, ao Fórum local e apresentou ao Sr. Dr. Aniz Buchalla, Juiz de Direito da 1.^a Vara da Comarca que, em audiência,

determinou a sua abertura, na presença também do Sr. Promotor Público Dr. Carlos Eduardo Jordão de Carvalho, do escrivão em servido e de outras testemunhas. Foi preciso usar uma gilete para abrir o envelope. Num momento de expectativa e emoção viu-se na caligrafia característica e difícil de Mons. Albino, o testamento:

“Achando-me são e em juízo perfeito, tomei a deliberação de fazer meu testamento e ultimas disposições, para dispor de meus bens, segundo permitem as leis do país. Declaro que nasci em Codeçoso, conselho e comarca de Celorico de Baste, distrito de Braga, província do Minho, Portugal, sendo filho legítimo de Avelino Alves da Cunha e Silva e de Ana Joaquina da Mota e Andrade, já falecidos. Estando na plena posse de estado de solteiro, e não tendo portanto herdeiros necessários, posso dispor livremente dos meus bens, e o faço do modo seguinte: Deixo a Maria Cecília Pery de Linde Guerreiro de Amorim Peixoto da Cunha e Silva, filha legítima de meu irmão doutor Antonio Alves da Cunha e Silva e de Mariana Pery de Linde Guerreiro de Amorim Peixoto da Cunha e Silva, já falecida, todos os bens por mim havidos por morte de meus pais, que devem corresponder a umas propriedades agrícolas situadas na freguesia de Infesta, concelho e comarca de Celorico de Basto, Portugal. Nomeio meu testamenteiro meu sobrinho doutor Alvaro da Cunha e Silva a nomeação do mesmo. E assim tenho concluído meu testamento que, por minha e livre espontânea vontade, e sem coação de qualquer natureza escrevi e assino do meu próprio punho, pedindo a Justiça do Paiz que o cumpra e faça cumprir tão inteiramente como nele se contem. Catanduva, Estado de São Paulo, Brasil, 16 de Maio de 1955. Padre Albino Alves da Cunha e Silva. Em tempo: no Brasil nada possuo atualmente, mas se tiver alguns bens na hora da minha morte, deixo-os todos à Associação Beneficente Catanduva, desta cidade Catanduva.

15 de maio de 1955”.

A pág. 23: A aldeia espanhola de TUI, onde residiu Pe. Albino e citada em “Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Martires”, por Frei Luis de Souza. 2.º Vol. p. 270.

A pag. 25: Mons. Victor diz que não acredita em coincidências, mas na Divina Providencia;

Pe. Albino nasceu a 21/09/1882

chegou ao Brasil. a 21/09/1912

Foi sepultado a 21/09/1973

À pág. 28: Catanduva possui atualmente (1987) uma população estimada em 110 mil habitantes.

A pag. 30: A respeito deste sacristão da igreja paroquial, o ilustre Prof. de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Catanduva, Paschoal R. Turato escreveu:

“O próprio sacristão era sou inimigo, pois o antigo cemitério de São Francisco sempre proporcionava-lhe alguns “cobres”, o que não acontecia no novo, situado perto da cerca que dividia as terras dos Rodrigues com aquelas doadas ao patrimônio, que estavam pertencendo a Rio Preto”.

A pag. 50: As telas de Benedito Calixto no interior da igreja de São Domingos.

Embora alguns artigos publicados na imprensa deem o número de 21, ate 23, na verdade, são dezenove as telas pintadas por Benedito Calixto na Igreja matriz de São Domingos: 18 bíblicas e uma de N. Sra, do Rosário, tendo aos pés São Domingos e Sta. Catarina de Sena, no centro do teto, na nave central:

Apóstolos12

Evangelistas.....	2
Profetas.....	2
São Joao Batista (no batistério)	1
São Paulo (no teto da Capela do Ssmo.) ...	1

18

Na nave central, para quem entra pela porta principal, as telas estão dispostas a esquerda e à direita, uma em frente à outra, com legenda em latim, letras maiúsculas, na seguinte ordem:

- 1) P. ELIAS (Profeta Elias)
- 2) S. LVCAS
- 3) P. EZECHIEL (Profeta Ezequiel)
- 4) S. MARCVS
- 5) S. PETRVS
- 6) S MATHIAS (O apóstolo que ocupou o lugar de Judas Iscariotes)
- 7) S. ANDREAS
- 8) S. SIMON
- 9) S. JACOBVS MAJOR
(Tiago Maior)
- 10) S. JVDAS THADDAEVS
- 11) S. JOANNES
- 12) S. JACCOBVS MINOR
- 13) S. PHILIPPVS

- 14) S. MATHAEVS
- 15) S. BARTHOLOMAEVS
- 16) S. THOMAS (S. Tomé)

Na Sacristia ficou, durante muitos anos, o Autorretrato de Benedito Calixto que, de alguns anos para cá foi recolhido por medida de precaução contra roubos. Traz a inscrição: “Autorretrato - 1923 - B. CALIXTO”. Foi doado a Paróquia pelo Embaixador Macedo Soares. E anterior as telas, pintadas em 1925.

O problema: Afinal, qual apóstolo Benedito Calixto não queria pintar? Bartolomeu ou Judas Tadeu?

Na revista “Feiticeira” de propriedade do ilustre jornalista Augusto Gimenes, Monsenhor publicou durante anos, diversos artigos, como colaborador. Algumas vezes se diz (e tenho comigo textos manuscritos do próprio Mons. Albino) que o pintor não queria pintar S. Judas Tadeu por não gostar do homônimo, Judas Iscariotes, o traidor. Por isso, pintou S. Paulo. Mas que, por insistência de Pe. Albino acabou pintando também S. Judas Tadeu, mas o pintou um pouco menor. Isto consta também da biografia escrita por Mons. Victor Rodrigues de Assis. Mas em outro lugar se diz que era S. Bartolomeu o apóstolo de que Calixto não gostava e que por isso, foi pintado menor ...

Examinando as coisas e refletindo, concluo que, na realidade, parece ser S. Bartolomeu, levando-se em conta os seguintes pontos:

1) Não parece provável que um artista como Calixto, que ao chegar fazia questão de não ser chamado pintor mas “professor”, mesmo temperamental como era, fosse criar problemas a respeito de nomes, quando sabia que não havia possibilidade de se confundir Judas Tadeu com Judas Iscariotes!

2) Para quem observa atentamente as telas, na verdade o Apóstolo que aparece em tamanho menor é de fato Bartolomeu e não Judas Tadeu, que tem as mesmas proporções dos outros!

3) Os artigos que Monsenhor publicou na “Feiticeira” foram escritos nos últimos anos de vida, quando já começava a apresentar sinais de esquecimento: as vezes, em artigos posteriores corrigia coisas escritas nos anteriores. É possível que tenha feito confusão, depois de tantos anos.

De fato, numa reportagem da antiga Revista “O SÉCULO”, edição de 29/02/1948, com fotos de Raul Vila e texto Reno Lainetti, se lê:

“Em uma tarde de sábado, no mês de Janeiro, Mozart (o proprietário) e eu fomos à Casa Paroquial de Monsenhor Albino com a propósito de ouvi-lo a respeito da vinda de Benedito Calixto a esta cidade, no ano de 1925... A propósito, contou-nos Mons. Albino que o professor da Escola de Belas Artes se negou, de início, a pintar São Bartolomeu (sic). Pintaria outro Santo, menos S. Bartolomeu! A verdade é que acabou pintando, após pedidos reiterados de Monsenhor Albino, que acrescenta:

- “Talvez São Bartolomeu não lhe agradasse... Uma questão de simpatia... Acabou fazendo, é certo, mas observem que São Bartolomeu é o menor dos quadros pintados!”.

A reportagem de Augusto Gimenes, na “Feiticeira”, de Dezembro de 1965 coincide com esta de “O SÉCULO”.

O Prof. Paschoal R. Turato, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Catanduva, no jornal diário local “OPINIÃO” edição de 24/09/1982, escreve que o “Prof. Rangel, tendo residido em Sta Adélia (de 1918 a 1928) veio a Catanduva, onde encontrou-se com Calixto, que estava medindo a Matriz, tendo Pe. Albino como ajudante.

O Prof. Rangel recorda-se que já conhecia Calixto desde 1910, mas que se não fosse a insistência de Pe. Albino, ele não viria pintar a Matriz, pois a esse tempo o pintor estava bem velhote e a viagem era grande pela Estrada de Ferro”.

Escreve ainda o Prof. Turato: “Quanto era vivo (Pe. Albino) contou-me que a aquarela que Benedito Calixto pintou nos fundos do hotel, foi escondida por ele. Hoje ela representa um alto preço, sendo uma das poucas aquarelas deixadas por Calixto. Mas Pe. Albino disse-me que fez isso porque Benedito Calixto pintou muito mato na atual Rua São Paulo e ele não concordava com isso, além da Estação de Madeira retratada pelo pintor. Ele achava que Calixto mostrou só o que diminuía Catanduva, acentuando a pinguela que servia de passagem para os que iam embarcar. Um estudo mais acurado dessa aquarela retrata o desespero do pintor pela sua permanência forçada em Catanduva, da qual, segundo Pe. Albino, o pintor não gostava. Nem sabemos porque aceitou a tarefa, uma vez que vinte e quatro mil réis que recebia não era um grande pagamento, mesmo para aquela época”.

As págs. 52 e 53: 1) Sobre MINGUTA muito se tem escrito, Chamava-se Domingos Borges da Costa. Nasceu aos 13/12/1847, em Lambari (Minas Gerais) e faleceu em Catanduva - SP aos 06/09/1921. É tido como um dos fundadores da cidade, na controvertida história de sua fundação.

2) Esta avenida se chamava mesmo MINGUTA, como o Córrego que a divide, Com Decreto de 11/09/1968, o então, Prefeito Municipal, Sr. José Antonio Borelli, denominou o treco situado “no início do acesso à Rodovia Washington Luiz, margeando o Córrego do Minguta até o cruzamento do rio S. Domingos, indo até o cruzamento da Avenida São Domingos com a rua Amazonas, “AVENIDA ENG. JOSÉ NELSON MACHADO”, como homenagem ao jovem e dinâmico engenheiro da Prefeitura, morto pouco antes, em acidente automobilístico, filho de Carlos Machado, o conhecidíssimo político e

jornalista “Carlito”, catanduvense de coração, falecido aqui aos 13/06/1985.

3) Em 1952 foi iniciada a campanha pró-estátua de Minguta em pedra, que se encontra atualmente na Av. Eng. José Nelson Machado.

4) Também é dedicada como homenagem ao Minguta a Praça fronteira ao Colégio Nossa Senhora do Calvário, mas com seu nome próprio: “Praça Domingos Borges da Costa”.

À pág. 61: - **MANICÔMIO** - Mons. Albino não chegou a concretizar este desejo. Alias, na fecundidade de seu ideal, houve outros sonhos que não pôde realizar:

Por volta de 1970 começou a pensar seriamente em conseguir fazer de Catanduva a sede de um novo Bispado, referindo-se a este desejo em várias oportunidades, pronunciamentos e escritos, ideal que obviamente não dependia de seus esforços somente.

- Em ata do Conselho de Curadores da Fundação, de 22/05/73, alguns meses antes da morte, consta que Mons. Albino tencionava criar uma Faculdade de Agronomia, insistindo muito em se conseguir para isso a Fazenda Experimental do Governo do Estado em Pindorama - SP.

- Constam ainda, em Atas da Fundação, de 1973, pedidos ao **M.E.C.** de:

Escola do Enfermagem

Curso de Arquitetura e Urbanismo

Curso Superior de Ciências Contábeis.

Vivesse ele mais um pouco e teria conseguido completar o ideal da Universidade de Catanduva!

SEGUNDA PARTE: COMPLEMENTAÇÃO DA BIOGRAFIA

Nesta segunda parte, meu objetivo é relatar, a partir de 1968, o que é do meu conhecimento, no que me foi possível colher através de informações, e testemunhos, na medida de minha participação nos fatos.

Mons. Victor encerra a biografia na época em que Mons. Albino cuidava da criação da Faculdade de Medicina de Catanduva. Retomamos a história a partir daí, dos inícios de 1968, quando Mons. Albino já contava mais de 85 anos de idade. O que ele ainda haveria de fazer, nos últimos cinco anos de vida, nos derradeiros lampejos de sua visão das coisas e do seu amor, revela a grandeza de seu coração, a força da sua vontade e a sua confiança na Providência Divina. Tao pouco espaço de tempo e tão grandes realizações! É como se quisesse correr

contra o tempo, aproveitando o pouco que pressentia restar-lhe para preenche-lo com o máximo que pudesse fazer!

1968 -1.º TÍTULO DE CIDADÃO DE CATANDUVA

Antes, porém, de entrar no relato de suas realizações, quero gravar uma das homenagens mais justas - e muito tardia, por sinal, que Catanduva prestou ao amado padre: - o título de cidadão, embora saibamos que não é o título que faz o cidadão, mas o cidadão que faz o título. Este, contudo, não deixa de significar uma justa manifestação de reconhecimento.

Por iniciativa do grande vereador Carlos Machado, com data de 23/03/1968, foi apresentado à Câmara Municipal de Catanduva, um projeto de resolução, em termos categóricos que fogem, de certo modo, dos padrões e do estilo próprios dessa Casa de Leis, completamente fora da nomenclatura Oficial desta espécie de títulos, denotando o clima especial de emoção com que era encaminhado, não pedindo, propriamente, mas exigindo o título de cidadão para Mons. Albino, como homenagem e manifestação de profundo agradecimento de toda uma população ao melhor dos seus cidadãos. Assim se exprimia Carlos Machado na exposição de motivos:

“Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Catanduva.

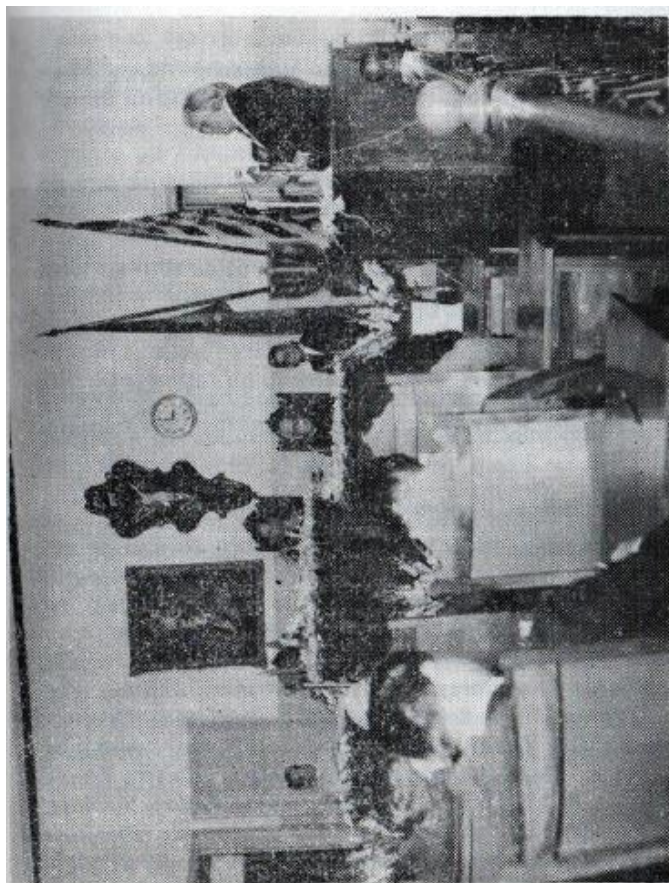
Mons. Albino Silva, a 19/4/68 completará 50 anos de Pastoreiro de Almas nesta cidade de Catanduva, merecendo o título de Cidadão Número Um (Sic), diante de sua marcante vida em favor do binômio Social e Cristão.

Muito se poderá apontar acerca da personalidade do amado Pastor; no entanto, é dispensável, porque o povo, no seu todo, a conhece sobejamente, exaltando-a e reverenciando-a.

Esta Câmara que, desde a reconstitucionalização de 1948, não concedeu títulos, fugindo a essa norma, agora, Exmo. Se. Presidente, terá de quebra-la. Sim, vamos conceder a Monsenhor Albino Silva, que está ainda lutando pela criação da Faculdade de Medicina, o título de Cidadão Número Um de Catanduva, reconhecendo todos os seus atributos.

Que essa outorga se verifique em sessão solene, à altura do significado da demonstração. Catanduva, 25 de Março de 1968”.

Subscrita por todos os edis, com o parecer favorável da Comissão de Justiça, Legislação e Redação, a proposição foi aprovada, e no dia 02/04/1968, a Câmara Municipal baixava o seguinte Decreto Legislativo n.º 2: “A Câmara Municipal de Catanduva



CÂMARA MUNICIPAL, ENTREGA DO TÍTULO DE CIDADÃO BENEMÉRITO DE CATANDUVA A MONS. ALBINO, NA TRIBUNA O VEREADOR CARLOS MACHADO, QUANDO SAUDAVA PE. ALBINO.

nos termos do Art.10. item XIII, da Lei Orgânica dos Municípios,
RESOLVE: -

Artigo 1.º - Fica concedido ao Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva, o título de “CIDADÃO BENEMÉRITO DE CATANDUVA”.

Artigo 2.º - Este decreto entrara em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Catanduva, em 02 de abril de 1968.

Ass. O Presidente, Dr. Venâncio Lima Ferreira.

O 1.º Secretario, Gregório Rodrigues Gil”.

A solenidade de entrega foi realizada no dia 28 de abril de 1968, registrada em Ata da Câmara Municipal, que transcrevo abaixo:

“Presidência Venâncio Lima Ferreira

Aos vinte e oito dias do mês de abril do ano de mil, novecentos e sessenta e oito, reuniu-se, na Sala “Washington Luiz”, a Câmara Municipal, em sessão solene. Às quatorze horas assumiu a Presidência o Vereador Venâncio Lima Ferreira. No Plenário encontravam-se presentes os seguintes vereadores: Angelo Mestriner, Antonio Frezarin, Carlos Machado, Eder Pedro Pelizzon, Gregório Rodrigues Gil, Guido Broglia, José Ribamar Souza, Lucio Carriari, Mário Bernardino de Campos, Nelson de Macedo Musa, Pedro Nechar, Ricardo Baraldi Junior, Venâncio Lima Ferreira e Libano Pachá. A seguir, o Sr. Presidente convidou para tomarem assento, em lugar de destaque junto à Mesa Diretora, os Srs. Comendador José Antonio Borelli, Prefeito Municipal, Dr. Silvério Bracio, MM. Juiz de Direito da Comarca; Padre

Synval Januário, representante de Dom Lafayette Libanio, Bispo da Diocese de Rio Preto e do Vigário Capitular Monsenhor Leibenites de Castro. Designou ainda uma Comissão composta pelos edis Lúcio Cacciari, Carlos Machado e Guido Briglia para introduzirem no Plenário o Revmo. Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva, o qual tomou assento junto ao Sr. Presidente. Depois de ouvido o Hino Nacional, a Previdência agradeceu aos representantes das entidades de classe e de serviço, autoridades, imprensa e rádio, dizendo que a Câmara Municipal estará reunida a fim de conceder o título de “Cidadão Benemérito de Catanduva” ao Revmo. Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva cuja figura, o Sr. Presidente, em eloquente oração exaltou. Procedeu, após, à entrega do título de “Cidadão Benemérito de Catanduva” ao homenageado, sob vibrante salva de palmas. Para saudar o Revmo. Monsenhor Albino ocupou a tribuna o edil Carlos Machado, que falou em nome da Câmara Municipal de Catanduva sendo ao final de sua brilhante oração entusiasticamente aplaudido. Agradecendo, usou da palavra o homenageado, após o que Sr. Presidente deu por encerrada a sessão da qual, para constar, foi lavrada a presente ata.

Catanduva, 7 de maio de 1968”.

ass. Dr. José Cassiano Prieto

Gregorio Rodrigues Gil

Finda a sessão, todos se levantaram, e a, começar pelos ocupantes da mesa diretora, formaram extensa fila para cumprimentar e abraçar, com carinho, Mons. Albino!

AS FACULDADES DE ENSINO DE MONS. ALBINO

Ao focalizar as Faculdades de Ensino como obras de Mons. albino, meu objetivo é narrar como nasceram, não como são nem como funcionam. Não é análise - o que comportaria outro enfoque e suporia outra finalidade -, e, sim, história da sua origem. A visão de Pe. Albino, ao trabalhar por elas, é circunstancial, pragmática, emergencial. Não é filosofia ou ideologia. é questão de amor, não tanto de justiça.

Hoje, temos um senso muito agudo de justiça. Na solução dos problemas do povo, não aceitamos mais o paternalismo que mantém a situação no seu “Statu quo”. Queremos que as medidas aplicadas cheguem às causas, às raízes dos problemas e não apenas à superfície; que sejam medidas radicais, não paliativas, que somente adiam as soluções. Nos problemas sociais o que se pede, e se exige, não é o mero assistencialismo, mas a promoção humana.

No caso das Escolas de Ensino Superior de Mons. albino, como de resto com toda a obra realizada pelos grandes homens do passado, não podemos julgar com a visão que temos no presente. Elas devem ser julgadas com a ótica da época, no contexto geral em que foram criadas. O contrário seria uma desonestidade intelectual. Uma traição à verdade histórica.

Um exemplo: por ordem de Pe Albino, 50 ou mais pobres, todos os dias, iam receber refeições às portas da cozinha do Hospital. Hoje perguntaríamos: por que eles estão nessa situação? por que têm fome? De quem é a culpa desse problema social? Pe. Albino não perguntava, dava comida. Se fosse perguntar, teriam morrido de fome há mais tempo! Achava que se dessa comida não precisaria dar hospital, médico e remédios! Talvez tivesse consciência de que o governo devesse fazê-lo.

Par isso é que lutava junto aos poderes públicos para que os pobres tivessem assistência! Hoje vemos mais agudamente os problemas sociais e gastamos o tempo clamando aos governos e aos ricos que cumpram suas obrigações para com o bem comum. Pe. Albino também clamava, mas não esperava: queria acudir aos problemas antes que se tornassem emergência. Muitos há que, diante deles, se acomodam; outros clamam e cruzam os braços. Pe. Albino clamava e agia.

Não podemos, porém, furtar-nos aos problemas de hoje. Uma visão não exclui a outra: complementam-se. Os reclamos da Justiça não anulam, antes exigem o cumprimento da lei da Caridade, para que não se tornem injustiça. A comunidade não pode deixar de levantar certos problemas e esperar respostas.

Quem compulsar as Atas do Arquivo da Fundação Padre Albino ou recolhe, aqui e ali, o noticiário da imprensa local sobre o andamento das providencias tomadas para a implantação das nossas Faculdades, não pode fazer ideia do que, na realidade do dia-a-dia, a instrução desses processos custou em preocupações, em sacrifícios, em desgaste físico e mental, em persistência, em paciência daqueles que, confiando na força moral de Mons. Albino, estiveram com “a mão na massa”, até dar cabo, uma por uma, das exigências legais, contornando obstáculos, barreiras, sem contar com os tremendos esforços para angariar os fundos necessários, tão difíceis nestes anos em que a situação político-econômico-social-financeira do país veio deteriorando-se assustadoramente, tornando qualquer empreendimento um desafio, se não uma aventura. E, na opinião de muitos, uma loucura.

A primeira medida a ser tomada, com rapidez, era a da transformação da Associação Beneficente de Catanduva em Fundação,

para se organizar a Mantenedora das Faculdades. Processo complicado, burocrático. Aos 29/03/1968, conforme atada 1.a Reunião do Conselho Administrativo da Fundação Padre Albino, se lê que, sob a presidência do Sr. José Olimpio Gonçalves, se compôs à mesa com Mons. Albino, Dr. Renato Bueno Netto e Dr. Lenicio Pacheco Ferreira. O presidente expos aos Srs. Conselheiros a *“transformação da Associação Beneficente de Catanduva em Fundação Padre Albino, que se consumou com a publicação e registro do Estatuto da Fundação”* e que *“foi autorizada pela Assembleia Geral Ordinária e elaboração do processo tendente a requerer ao Conselho Federal de Educação a criação de uma Faculdade de Medicina”*. Nesse dia, foi eleita a **1.ª Diretoria da Fundação**: Presidente do Conselho, Dr. Renato Bueno Netto. Secretário: Dr. Arlindo Busnardo.

Diretoria Executiva: Presidente, José Olímpio Gonçalves; Secretário, Floriano Peixoto Ferreira Lima; Tesoureiro, Mons. Albino.

Conselho Fiscal: Túlio Tricca, Aurélio Zancaner, Armando Prandi.

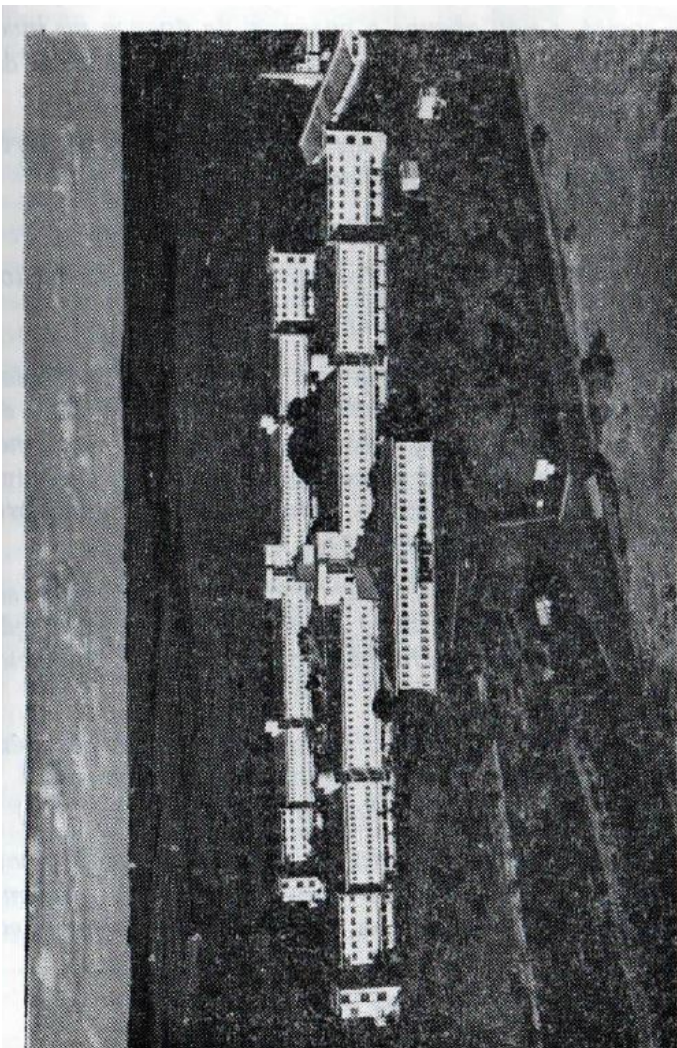
1970 -FACULDADE DE MEDICINA DE CATANDUVA

Aprovada por Decreto n.º 64.651 de 06/06/69, Reconhecida por DECRETO n.º 74.630 de 02/10/74, D.O.U. de 03/10/74.

Nas últimas décadas a função da Faculdade de Medicina tem sido questionada no mundo todo: tem ela correspondido as exigências da sociedade? É um fator preponderante para a melhoria da saúde pública? O médico moderno se forma com o ideal de viver para a saúde do povo onde vive, ou procura apenas “status” e lucros profissionais?

As interrogações têm sentido, principalmente levando-se em conta que partem do próprio meio médico, que até autoridades médicas mundiais de saúde têm levantado.

- *“A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou invalidez” (Preambulo da Constituição da Organização Mundial de Saúde).*



HOSPITAL "EMÍLIO CARLOS" E ATUAL FACULDADE DE MEDICINA DE CATANDUVA.

- “O Campo de atividade do médico abrange três setores particularmente importantes:

- diagnóstico e tratamento (medicina curativa)
- medicina preventiva (ou simplesmente prevenção)
- educação sanitária”. (1)

- “Com demasiada frequência, o objetivo das Escolas de Medicina nos países em desenvolvimento parece ser o de criar médicos à imagem do médico europeu ou americano, ao invés de formar um médico bem qualificado em medicina curativa mas ao mesmo tempo treinado em medicina preventiva e saúde comunitária”. (2)

- “Quanto mais precárias forem as condições de saúde de determinada comunidade, mais necessária será a ação conjugada de medidas curativas, preventivas e educacionais”.(3)

- “Devemos endossar o conceito de que a assistência primária integrada, permanente e ampla, constitui o ponto central prioritário de toda a atividade médica”.(4)

- “As instituições dentro do Serviço de Saúde (particularmente os Hospitais-escola) fundam-se sobre o mesmo conceito, isto é, que a saúde se obtém através da erradicação da doença. Achamos difícil falar de

(1) E. Zehnder, em “Novos Caminhos na Promoção da Saúde” - Ed. Paulinas, p. 22

(2) Idem, p. 22

(3) Idem, p. 32

(4) Idem, p. 10

doença, porque nosso conceito de saúde foi reduzido a não-doença”.(1)

- “Nossa profissão sofre as consequências de setenta anos de medida curativa hospitalar, orientada para órgãos específicos do corpo... A formação medica se tornou institucionalizada inteiramente e desvinculada do contexto comunitário, onde as causas das enfermidades se encontram e onde é sentido o impacto maior das consequências da doença... Os pacientes que não podem pagar ou que não tem uma motivação para chegar até o hospital para receber um tratamento, ficam afastados do sistema. Em muitos países isto se aplica à maioria da população”. (2)

- “Muito pouco se pensou até agora sobre o tipo de medico que deveria ser treinado. No Ocidente, o currículo da moderna Faculdade de Medicina requer um alto nível de conhecimento das ciências básicas; além disso, é um currículo altamente especializado, que utiliza instalações e técnicas sofisticadas, e é orientado exclusivamente para o Hospital. Pouca ênfase é dada à Medicina Comunitário e Preventiva, à saúde Publica e à educação sanitária”. (3)

Esta mudança de mentalidade não é fácil. Há oposição, e forte. Afirmava há alguns anos um catedrático inglês que *“atualmente, na Inglaterra, o ensino da medicina comunitária, saúde pública e medicina do trabalho, é muito reduzido e, em algumas escolas, nem existe... Apenas quatro dos doze hospitais de ensino, em Londres, tinham departamentos de medicina comunitária, quatro anos depois que essa matéria havia sido*

(1) Dr. Michael Wilson, em Mudanças de Papéis na Equipe de Saúde, Ed. Paulinas, p. 41

(2) Dra. Dorothea Sich, em Mudanças de Papéis na Equipe de Saúde, Ed. Paulinas, p. 11

(3) Kenneth R. Hill, ibidem, p.25

recomendada pelo Comitê Real de Ensino Médico... Menos de 2% dos estudantes escolheram a medicina comunitária como primeira opção profissional". (1)

Nossa Faculdade de Medicina, nestes quase vinte anos de existência, atingiu alto nível, preparando médicos que, em diversas oportunidades, obtiveram primeiros lugares em concursos realizados em grandes hospitais do país. Houve até médico formado aqui que chegou a pronunciar conferência no exterior, a convite. O que se pergunta, portanto, não é bem se nossa Faculdade é uma boa faculdade, mas se a política geral de medicina em prática atualmente é a certa para o povo brasileiro, num país tropical em desenvolvimento!

Ela surgiu dentro desta visão emergencial como resposta a uma necessidade premente: crescimento de população (e de clientes) - busca de saúde - insuficiência de Hospital - formação de médicos ...

- Durante reunião de 29/03/1968 "*Dr. Lenício apresentou os trabalhos que a Associação Beneficente já vinha desenvolvendo para a criação da Faculdade de Medicina, exibindo o vasto processo de papéis e documentos necessários, exigidos pela Lei de Diretrizes e Bases. Dr. Renato informou que o Professor Luiz Antonio da Gamae Silva, Ministro da Justiça, se propôs a encaminhar o processo da Faculdade junto ao Conselho Federal de Educação, juntamente com Dna. Yolanda Costa e Silva, esposa do Presidente Gen. Arthur da Costa e Silva, e demais membros do Governo e Conselho*"

Dr. Michel Curi coordenou a instrução do processo, buscou professores altamente capacitados, nomes de prestígio.

(1) Dr. Thomas Heller, ibidem, p. 17

contratou a importação de equipamentos, empreendeu viagens a Porto Alegre, Rio, São Paulo.

Pouco tempo depois, em reunião de 28/06/68 foram nomeados os médicos Dr. Michel Curi para 1.º Diretor e Dr. Joao Miguel Calil para Vice-Diretor.

Num depoimento publicado no jornal local "Opinião", em 29/09/82, o ilustre Dr. Michel Curi, também medico de Mons. Albino, e que o conheceu muito de perto, afirma: *“Eu me sinto profundamente gratificado por ter convivido por mais de 25 anos com uma personalidade desta t mpera, colaborando com ele, recebendo seus ensinamentos e até sendo seu médico e amigo por todo esse tempo... Este homem, que tento retratar, já com 75 anos, estava muito preocupado com o destino de sua obra. Pensou até em entregar o Hospital ao Estado. Escrevia diretamente a secretários, governadores e ministros em sua linguagem simples e objetiva. No governo Jânio Quadros conseguiu até que o governador, recebendo Padre Albino, que pleiteava um destino ao Hospital, recebeu a oferta da Faculdade de Medicina. Se o governador estava tentando agradar Padre Albino, enganou-se porque, a partir da , Pe. Albino perseguiu esta ideia com tenacidade, teimosia, convidando ao trabalho seus melhores amigos dentre os quais sempre fui honrado por ele em ser colocado”*.

Uma das dificuldades era a prédio adequado para a Escola. Havia, na Vila Guzzo, o prédio que um grupo de pessoas idealizara, em sociedade an nima, no ano de 1950, para fazer um Hospital - Hospital das Clinicas de Catanduva S/A. Foi numa reunião na Associa o Comercial que formaram a Primeira (e única) Diretoria:

- 1) Francisco Guzzo, Administrador Geral
- 2) Antonio Stocco - Presidente
- 3) Gentil de Angelo -Vice-Presidente
- 4) Prof. Giordano Mestrinelli -Secretario
- 5) Dacio Correa de Almeida -Tesoureiro
- 6) Dr. Attilio Cardarelli Cypriano - Superintendente

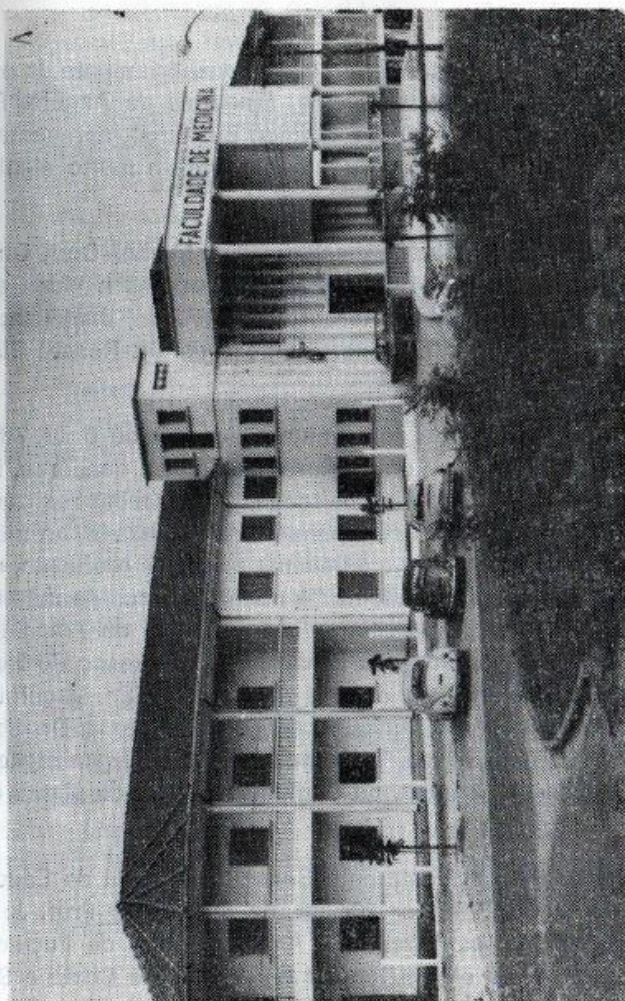
Este hospital não chegou a funcionar e se encontrava sujeito as intempéries e a depredação. Aos 06/02/70, o Conselho da Fundação nomeou uma Comissão para tratar do problema desse prédio, visando a sua utilização para a Escola, composta dos seguintes conselheiros:

Gentil de Angelo, presidente
Dr. Atílio C. Cypriano, Vice
Antonio Stocco
Tullio Tricca
Armando Prandi
Prof. Giordano Mestrinelli

Mons. Albino, entusiasmado com essa possibilidade, começou a procurar muitas vezes pessoalmente os acionistas do hospital, e foi conseguindo, aos poucos, receber da grande maioria deles, a doação de suas ações, obtendo deste modo as instalações necessárias. A sua intervenção e o seu prestígio foram decisivos.

A esta Diretoria, “primeira e única”, do Hospital dos Clinicas de Catanduva S/A, e aos acionistas doadores, a Fundação Padre Albino prestaria, aos 10/09/1975, uma homenagem: à entrada do prédio da Faculdade de Medicina, uma placa de bronze com esta inscrição: *“Da Fundação Padre Albino, homenagem a gratidão à primeira e única Diretora que construiu este prédio e aos acionistas pela doação,*

possibilitando o funcionamento da Faculdade de Medicina de Catanduva. (Seguem-se os nomes)’’.



O 1.º PRÉDIO DA FACULDADE DE MEDICINA, HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE
CATANDUVA, NA VILA GUZZO.

As solenidades se iniciaram com o descerramento da placa par Dna. Sinharinha Netto e Dna. Ernestina de Angelo. Falou, em nome da Fundação, o Dr. Arlindo Busnardo, apresentando a homenagem justa, sincera, singela, porém muito significativa”.

Em nome da Faculdade discursou Dr. Michel Curi, Diretor, dando, em rápidas palavras, os entendimentos havidos entre a Fundação e os Srs. Diretores da Sociedade, destacando, entre outros, os nomes de Mons. Albino e do Dr. Renato Bueno Netto.

Por fim, em longa e comovente oração, falou o Dr. Atílio Cardarelli Cypriano, um dos maiores acionistas doadores, fazendo o histórico dessa obra, enaltecendo a trabalho realizado e prestando homenagem a estes homens da sociedade, ao mesmo tempo em que conclamava os alunos a amar a profissão, recordando a definição de Medicina **“o poder de Deus na mão do homem”**. Emocionado, ia-se referindo aos nomes de Francisco Guzzo, **“a nosso Chico Guzzo, a alavanca do progresso do Hospital e doador do terreno”**; mestre de Obras, o Sr. Jaquinta; Contador, Armando Prandi; Encarregado do Estatuto, o Dr. Sandoval de Ávila; Tullio Tricca, **“o homem-chave da Organização”**; Dr. Mauro Alves dos Santos, de Campinas, **“autor da planta do prédio”**.

A aprovação da Escola pelo Conselho Federal de Educação saiu através do Parecer 285/69, de autoria do Prof. José Carlos Dias Milano, autorizando a funcionamento da Faculdade. Dava legalidade a ele, o Decreto do Presidente Costa e Silva, n.º 64.651, de 06/06/69. Em 1974, para a reconhecimento da Faculdade, havia grande expectativa em Catanduva.

Havia caído em diligência três pontos:

- a Biblioteca da Faculdade
- o Corpo Docente
- o Regimento.

Em entrevista radiofônica, Dr. Michel explica que tão logo teve conhecimento das diligências, reuniu imediatamente uma equipe de colaboradores que, em 15 dias de trabalho exaustivo, cumpriu todas as exigências: a Biblioteca foi enriquecida; quanto ao Corpo Docente, que tinha um número grande de titulares residido fora, fez-se um esforço no sentido de fixar um número maior de professores em Catanduva e o Regimento foi atualizado atendendo à Legislação.

Aprovado na Câmara de Ensino Superior passou ao C.F.E. que o aprovou, “em vista do esforço e cumpridas as exigências determinadas”.

Foi gratificante ouvir de alguns conselheiros a justificação do voto favorável, elogiando o esforço da Entidade Mantenedora e da Direção da Faculdade de Medicina, que reuniu um Corpo Docente formado por nomes de qualificação muito boa. O Cons. João Paulo Mendes: “Conheço bem a Instituição da Escola”.

Do Cons. Paulo Natanael: “Eu quero me associar às expressões do Conselheiro Paulo Mendes porque acompanhei desde o início a evolução deste Curso Superior da cidade de Catanduva, no meu Estado, e é com bastante satisfação que eu verifico que, apesar das imensas dificuldades... dadas as limitações naturais de uma cidade no interior, ela conseguiu vencer-las e dotar S. Paulo de uma Escola que pode envidescer o seu sistema de Ensino Superior”.

Para o 1.º vestibular, disputando as 64 vagas autorizadas, inscreveram-se 553 candidatos, de todas as partes do nosso e de outros Estados vizinhos.

A primeira turma, que em 1970 iniciara o Curso, se formaria em 1975. Paraninfo, por justo reconhecimento dos alunos àquele que fora um grande batalhador pela criação da Faculdade, Dr Michel Curi pronunciava, satisfeito, seu discurso, dizendo entre outras coisas: *“Vencida a 1ª etapa, havia outra mais importante a vencer; a implantação da Escola. Implantação de uma Escola Médica que por definição devia educar e formar médicos... Partimos todos para a luta. Ela foi árdua penosa. Fostes testemunhas, juntamente com nosso excelente, dedicado e competente Corpo Docente, artífices desta fase. O hospital de atendimento comunitário recebeu os encargos também de hospital-escola. Teve que ser refundido. Partiu-se para a sua ampliação... Coincidindo com a construção dessa unidade (o bloco de seis andares), partiu-se para o reconhecimento da Faculdade. Sabei que muitas Escolar formaram uma ou duas turmas sem estar reconhecidas. A nossa era reconhecida no meio do 5º ano de funcionamento. Isto vos deu segurança, orgulho e vos estimulou a enfrentar concursos com mais determinação e autoconfiança, sendo apreciável o resultado conquistado em concursos para estagio e residência Vossa Escola vos formou e vos educou...”*.

Iniciado o processo para a Faculdade de Medicina, abriu se o caminho para as Escolas de Ensino Superior em Catanduva. O sonho era implantar nesta cidade, a Universidade. E Mons. Albino atirou-se, com a mesma tenacidade, a criação de outras sempre com a valorosa colaboração dos Srs. Conselheiros da Fundação Padre Albino, de várias entidades e de muitos cidadãos, na cidade e fora dela.

1971 - COLÉGIO COMERCIAL

1972 - FACULDADE DE ADMINISTRACAO DE EMPRESAS

APROVADA POR DECRETO n.º 70.835 de 14/07/72.
RECONHECIDA POP DECRETO n.º 78.374, de
03/09/76. D.O.U. de 06/09/76.

Nos planos do Monsenhor Albino e da Fundação, na esteira aberta pela Faculdade de Medicina, entraram quase simultaneamente a Colégio Comercial e a Faculdade de Administração de Empresas.

- O que chamamos hoje de Colégio Comercial era antes a tradicional e famosa Escola Técnica de Comércio de Catanduva, de propriedade dos irmãos Além: Dr. Pedro Além Júnior e Prof. Cândido Pedro Além, por onde passaram grandes nomes do nosso ilustre Magistério. Funcionava com cursos ginásial comercial e colegial comercial, no turno da noite e Curso Normal no período da tarde.

Da Faculdade de Administração de Empresas, a primeira notícia que se tem surgiu na reunião da Fundação Padre Albino realizada no dia 06/08/1970, quando o saudoso conselheiro da Fundação, Armando Prandi, cidadão prestante e idealista, falou com otimismo da possibilidade de a Fundação pleitear uma Faculdade de Direito, juntamente com uma de Ciências Econômicas e uma de Administração de Empresas e a possibilidade de sua instalação ainda para o próximo ano; mostrou aos presentes um regimento interno da Faculdade de Jundiaí” e se referiu a viagem a Campinas para se informar sobre o processo. A proposta foi muito bem recebida e logo apoiada pelos Srs. Conselheiros. As providencias foram autorizadas. Menos de um mês

depois, na reunião seguinte, o Presidente do Conselho, Com. Antonio Stocco, informava que através do Prof. Paulo Henrique da Rocha Correa, dera entrada no Conselho Federal de Educação (C.F.E.) de **“um requerimento pedindo para Catanduva três Faculdades”**, devendo-se agora cuidar da instrução do processo. Essa incumbência foi entregue ao Cons. Armando Prandi, depois de rejeitada, por sugestão do Cons. José Olímpio Goncalves, apoiado por todos, proposta de um particular que se propusera trabalhar no processo mediante pagamento.

Nesse dia, preocupado, Mons. Albino usou da palavra para dizer que tinha consultado o Revmo. Pe. Cesar Cauda, Diretor do Ginásio Dom Lafayette sobre a possibilidade da cessão desse prédio para funcionamento de uma das Faculdades pleiteadas. Infelizmente, a resposta foi negativa, disse ele, em razão de ordem superior impedindo o uso da propriedade para fins estranhos ao ensino ginásial.

A falta do prédio para as Faculdades era realmente um obstáculo sério ao plano de novas escolas em Catanduva. Foi, portanto, muito providencial e oportuna a lembrança de se convidar o ilustre Prof. Cândido Pedro Além para a reunião da Fundação realizada no dia 25/11/70, com vistas a entendimentos para usa desses prédios, em comodato. Com sua proverbial atenção, Prof. Candido fez ampla demonstração das possibilidades de a Fundação Padre Albino entrar no ciclo do Ensino Superior, apresentando dados estatísticos da movimentação de alunos e de cursos, bem como da situação financeira. (Aliás, uma Comissão de Conselheiros informal, liderada pelo saudoso Cons. Iran Silva, já havia visitado o prédio e dialogado com os Irmãos Além). Nessa reunião, Prof. Cândido apresentou uma proposta que foi achada razoável e aceita pelos Conselheiros: elaborar três contratos: um de Venda e Compra da Escola Técnica de Comercio de Catanduva com um valor simbólico de Cr\$ 1,00 (um cruzeiro); um de Comodato dos bens móveis e um de locação prédios da rua Pará e da rua Brasil. esquina da Aracaju, onde funciona a Escola há muitos anos. Na reunião seguinte

(29/12/70) com a presença também de Dr. Michel Curi e do Sr. Paulo Henrique da Rocha Correa, depois de esclarecidas várias dúvidas e acertados os pormenores, os contratos foram aprovados por unanimidade.

Dessa mesma reunião saíram escolhidos e nomeados para assumirem provisoriamente a Direção das novas Escolas, os Conselheiros: Dr. Arlindo Busnardo para a Faculdade de Direito. Sr. Armando Prandi para as Faculdades de Ciências Econômicas e Administração de Empresas, além da Escola Técnica de Comércio.

Nestes inícios ajudou muito a experiência do Prof. Paulo Henrique da Rocha Correa, com suas orientações e seu apoio.

Mas, poucos meses depois, uma perda lamentável e grave lacuna para a Fundação: o falecimento do Cons. Armando Prandi, lembrado na reunião do Conselho da Fundação de 23/03/71.

Era urgente providenciar um substituto, nessa etapa do plano das novas Escolas. Convidado, o Cons. Dr. Lenício Pacheco Ferreira, declinou do convite. Após algumas consultas foram escolhidos e aprovados pelos Conselheiros, os Srs.: Prof. Milton Silva para Diretor Administrativo do Colégio Comercial e Prof. Candido Pedro Além para Diretor Técnico do mesmo. Dr. Nicolau Ricardi Pizzolanti, bacharel e economista, para Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administração de Empresas, que aceitou a indicação. Aprovado pelo Conselho e nomeado, assumiu logo o processo das Faculdades iniciado pelo falecido Armando Prandi.

Da primeira viagem que o Diretor Dr. Nicolau fez ao Rio de Janeiro, em companhia do Presidente do Conselho da Fundação, Com. Antonio Stocco, resultou, por sugestão do Conselho de Ensino Superior, a substituição do pedido da Faculdade de Ciências Econômicas (por ser dificilmente aprovada) para Faculdade de Ciências Contábeis (de que

havia poucas instaladas), cujo processo é mais rápido. Assim, o Conselho da Fundação aprovou: Escola de Ciências Contábeis, Faculdade de Direito e Faculdade de Administração de Empresas.

Dr. Nicolau fez umas quinze viagens ao Rio para tratar do processo das Faculdades. Conseguiu grangear amizades no Ministério da Educação e Cultura (MEC), onde sempre foi bem recebido e atendido. Numa das primeiras viagens, a Secretária Sra. Ana Maria de Faria Doria, examinando o processo apresentado, lhe disse com sinceridade: “Este processo tem dois erros: há dois pedidos num só processo e estas Faculdades (Direito e Ciências Contábeis) não saem porque o mercado está saturado. E, dirigindo-se a um grande mapa na parede, localizou a região e disse:- Peça Administração de Empresas, que sai, sem dúvida”. E ali mesmo, na sua escrivaninha, ajudou a desfazer o processo da Fundação, aproveitando os documentos para montar o da Faculdade de Administração.

Pouco tempo depois, o Ministério da Educação se transferiu para Brasília, aonde o Diretor passou a ir em companhia e com a ajuda do Sr. Antonio Erani Tódaro, contador da Fundação, protocolando finalmente o processo.

Na reunião de 14/03/72, do Conselho da Fundação, a Sr. Erani dava conta da sua última visita a Brasília, a fim de acompanhar o andamento do processo, informando que o mesmo havia sido aprovado na Câmara de Ensino Superior (CESU) mas, infelizmente, com diligências a cumprir:

- destinar uma sala mais ampla para a Faculdade,
- substituir quatro professores dos indicados,
- reduzir o número de vagas (de 200 para 100, em dois turnos de 50 alunos cada um).

Cumpridas estas diligências, com a colaboração dos Srs, Conselheiros, já na reunião de 13/06/72, o Sr. Presidente do Conselho, Com. Antonio Stocco, podia anunciar que finalmente o Conselho Federal de Educação havia aprovado o funcionamento da Faculdade de Administração de Empresas de Catanduva, conforme Parecer n.º 559/72. em sessão plenária de 08/06/72.

Para o início das aulas, porém, novo problema surgia: as salas de aula, totalmente ocupadas pelos alunos do Curso Técnico em Contabilidade e do cursinho para vestibulares “Pioneiro”. Dr. Michel Curi prontamente se dispôs a ceder provisoriamente, uma das salas da Faculdade de Medicina, da qual é Diretor, para possibilitar a transferência do Curso Pioneiro.

Consta dessa reunião, um voto de congratulações da Fundação ao contador, Sr. Antonio Erani Tódaro pelos serviços prestados em prol da criação dessa Faculdade.

Alguns problemas, porém, causavam apreensão: no Colégio Comercial a pedido de demissão do Sr. Prof. Cândido Pedro Além, das funções de Diretor técnico, aos 31/12/72, por motivo de estar requerendo sua aposentadoria definitiva. Uma gloriosa carreira, por sinal, com uma folha de serviços invejável no campo da formação de várias gerações de jovens, e que deixa marca indelével na história cultural de Catanduva.

Por indicação do Conselheiro Júlio Cesar Marino, foi aprovado o nome de Dr. Ary Rodrigues Alves que, tendo aceito, foi nomeado para substituir o Prof. Cândido Pedro Além, continuando o Prof. Milton Silva como professor. Por esta ocasião a Colégio Comercial já não mantinha o curso ginásial (1.º grau) bem como o curso normal. Apenas o Curso Técnico em Contabilidade. Mais tarde voltaria a organizar a ensino de 1.º grau por iniciativa o Dr. Ary Rodrigues Alves.

Na Faculdade eram 100 as vagas autorizadas pelo MEC mas, apesar da grande divulgação do primeiro vestibular, realizado nos dias 10,11 e 12/02/73, apenas 57 candidatos se inscreveram. (Já no segundo vestibular o número de candidatos praticamente preencheria as 100 vagas).

Mas, mesmo assim, o espaço do prédio era pequeno demais, provocando uma preocupação muito séria quanto ao futuro, pelo ingresso de novas turmas, situação agravada pelo fato de as aulas teóricas da Escola Superior de Educação Física, em vias de aprovação, terem de ser dadas em suas salas atualmente ocupadas pelas crianças do SESI! Era constante a busca de novas instalações, tão necessárias e urgentes, junto a Prefeitura Municipal, e a proprietários de terrenos. Um problema que Mons. Albino não chegaria a ver superado ...

Esta Faculdade foi reconhecida oficialmente aos 03/09/76 Valeu a pena tanto sacrifício, tanto esforço em prol da Faculdade de Administração de Empresas? Tem ela formado verdadeiros administradores, líderes a altura das responsabilidades perante a situação atual, capazes de influir nos rumos da presente e futura política econômico-financeira? Escola criada sob inspiração católica, está correspondendo as suas finalidades, como ensina o Magistério dos Papas, principalmente dos últimos, a partir de Joao XXIII, Paulo VI e Joao Paulo II, através das famosas e importantes Encíclicas “Mater et Magistra”, “Pacem in Terris”. “Populorum Progressio”, “Laborem Exercens”?

Gostaríamos que sim. Numa das Missas de Formatura de alunos dessa nossa Faculdade, eu dizia ao Evangelho: No pensamento da igreja, função essencial da Empresa é prestar serviço à Comunidade. Esta afirmação implica uma total inversão de perspectiva quanto a natureza da empresa: significa substituir uma concepção puramente patrimonial da empresa por uma concepção comunitária. Diz um autor especializado em economia política e em sociologia: “É profundamente anticristã, egoísta

e materialista a tendência a considerar a empresa como sendo primordialmente um instrumento de lucro, de ampliação de patrimônio”.

Na encíclica “Mater et Magistra”, é esse o resumo do pensamento do papa Joao XXIII, baseado em especialistas no assunto:

“A justiça deve ser respeitada não só na distribuição equitativa da riqueza, mas também na estrutura das empresas econômicas... É legítima a aspiração do trabalhador de participar na vida da empresa... Deve-se tender para que a empresa se torne uma comunidade de pessoas... O trabalhador não pode ser reduzido à condição de simples e silencioso executor, passivo quanto às decisões que o dirigem... É necessário que ele chegue, progressivamente, à participação na propriedade das empresas, mediante títulos ou ações, por exemplo, e igualmente na responsabilidade e nos lucros das mesmas”.

1973 - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

APROVADA POR DECRETO n.º 71.886 de 09/03/73.
RECONHECIDA POR DECRETO n.º 75.981 de 17/07/75.
D.O.U. de 18/07/75.

O histórico desta Faculdade é surpreendente, cheio de lances alternantes, não faltando a intervenção decisiva e abençoada de Mons. Albino. Do protocolamento do processo, em abril de 1972, ao Decreto Federal de reconhecimento, aos 17/07/75, teve a tramitação mais rápida que uma Escola já teve no Conselho Federal de Educação (C.F.E.) do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Por isso é de supor que foram meses e meses de um trabalho exaustivo, difícil, marcado de percalços, surpresas, altos, e baixos, euforia e decepção, até a vitória final.

A ideia da Escola nasceu em 1970 quando a Prof. Ivo, da tradicional família catanduvense Dall'Aglio, se apresentou ao Sr. Prefeito Municipal, o eng. Dr. João Righini que, pouco depois de estudar a proposta à Prefeitura Municipal, respondeu negativamente, por falta de condições, Prof. Ivo, entusiasmado pela ideia, tentou a esfera estadual, através do Instituto Isolado de Ensino Superior, numa vaga deixada por Sorocaba. Com o apoio do Sr. Prefeito compareceu a uma audiência com a Governador Laudo Natel. Mas o momento político não era favorável, na época; o tempo correu e ... nada de concreto aconteceu.

Enquanto essas primeiras iniciativas baldavam, interesses particulares estranhos tentavam encampar a ideia para transformar a Escola em “filial” de escolas de fora. Foi então que o Prof. Ivo se lembrou da Fundação Padre Albino, naquela altura a única Organização que poderia dar forma real ao projeto.

Tomando conhecimento desse ideal, o então Presidente do Conselho da Fundação, Com. Antonio Stocco convidou o Prof. Ivo para comparecer a reunião da Fundação a fim de expor sua ideia, que logo encontrou acolhida, indo plenamente ao encontro dos planos de Mons. Albino e da Fundação, já empenhados na conquista de novas Escolas de Ensino Superior para Catanduva. (Era uma época de grande atividade para a Fundação: Faculdade de Medicina, Colégio Comercial, Faculdade de Administração de Empresas, construção de um novo bloco do Hospital, Anfiteatro ...).

Ao mesmo tempo, desejoso do progresso do Município, o Prefeito, Dr. Joao Righini, em ofício datado em 09/08/71, à Fundação, hipotecava “ampla e irrestrita cobertura e colaboração” para a criação da Escola Superior de Educação Física e Desportos, e que interviria junto ao Governo do Estado e Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo, para que fosse feita a cessão, em comodato, do Conjunto Esportivo de Catanduva, localizado no Parque Iracema.

Em reunião de 17/08/71, o Conselho nomeou uma Comissão formada pelos Conselheiros Tullio Tricca, Floriano Lima e Gentil de Angelo “para verificar as viabilidades econômicas e demais vantagens” da Escola, e autorizou Prof. Ivo a iniciar o processo junto ao MEC.

Aos 23/10/71, tomando conhecimento das conclusões altamente favoráveis dessa Comissão de Conselheiros, a Fundação aprovou oficial e definitivamente a criação da Faculdade de Educação Física e, por indicação do saudoso Conselheiro Pedro Monteleone, aceita por unanimidade, foi nomeado o 1.º Diretor da Escola Superior de

Educação Física, o Prof. Ivo Dall'Aglio, “pelo seu profundo conhecimento de causa e também pelo muito que tem feito em prol da instalação da referida Faculdade, inclusive a preparação e organização do processo que instrui a criação da mesma”.

Enquanto Prof. Ivo cuidava da parte técnica do processo junto ao MEC, em sucessivas viagens a Brasília. aqui a Fundação, com o Sr. Prefeito, cuidava das condições materiais para funcionamento adequado da Escola. Dr. Joao Righini, apesar de mostrar-se cético quanto a auxílios e subvenções da Federação, mantinha firme seu ponto de vista, julgando altamente viável a instalação da Escola, que podia contar com o “excelente Conjunto Esportivo, construído dentro das técnicas mais modernas, cuja cessão, em comodato, já está quase que praticamente acertada junto ao Governo do Estado”.

Concluindo o processo, Prof. Ivo o apresentou em Brasília. Depois de examinado no MEC, foi encaminhado ao C.F.E., onde foi protocolado sob n.º 826/72, sendo mais tarde distribuído para o Relator, Dr. José Mariano da Rocha. Tudo parecia correr bem.

De repente, os primeiros obstáculos, os primeiros riscos de perigo: em Brasília o processo demorava para ser lido na Câmara de Ensino Superior (CESU) do Conselho Federal de Educação. Ao mesmo tempo, chegando de Brasília, onde tinha obtido informações, Dr. Michel Curi, em reunião da Fundação, aos 06/01/72, alertava para a existência de problemas para a criação da Faculdade, que deveriam ser sanados antes da vinda da Comissão Verificadora.

Realmente, na capital da Republica, lido o processo, caiu em diligencia em dois pontos: substituição de dois professores, por títulos insuficientes e principalmente a documento de comodato do Conjunto

Esportivo. Veio a Catanduva a Comissão Verificadora do Departamento de Assuntos Universitários do MEC (DAU), aqui permanecendo dois dias: 29/02 e 01/03/72. O relatório apresentado em ofício à Fundação continha as diligências que deveriam ser cumpridas com a máxima urgência.

Nova Comissão de Conselheiros para entrar em contato com o Sr. Prefeito, novas providências, novos ofícios de agradecimento ao Sr. Ministro da Educação Jarbas Passarinho, ao Dr. Arcélio Santim, Diretor substituto do DAU pela colaboração e brevidade das medidas tomadas em favor da Escola, e a outras pessoas. Novas viagens a Brasília!

Quanto ao problema do Conjunto Esportivo, o documento de cessão em comodato apresentava restrições em sua redação. O Sr. Prefeito, consultado, achou-se em dificuldades, uma vez que o documento devia obedecer às normas do Decreto Estadual, que transfere a Prefeitura local a administração daquele próprio do Estado.

Resolvido o problema do comodato, ao mesmo tempo se resolveu o problema dos professores substitutos, com a atenciosa ajuda do Dr. Eletro Bonini, Diretor da UNAERP de Ribeirão Preto, presente a um encontro na chácara do Conselheiro Pedro Nechar.

Finalmente, a processo, levado a Brasília pelo Prof. Ivo, foi a plenário do C.F.E.! A sorte estava lançada! Enquanto na Capital Federal o Diretor da Escola, jogava, preocupado, toda a sua esperança, aqui, a Fundação e a cidade aguardavam com grande expectativa. O Relator, Dr. José Mariano da Rocha folheava o processo dando conta do cumprimento de todas as exigências, ouvindo-se a cada passo: Aprovado! O resultado foi totalmente favorável a aprovação da Escola por 16 votos a Zero! O Prof. Ivo na galeria, já se preparava para sair e dar a notícia à Fundação, quando surge, de repente, um tumulto no plenário: a Conselheira Profa. Esther de Figueiredo Ferraz (que, ao que parece, não estava inscrita para falar) pediu a palavra. A sessão foi

suspensa por alguns minutos e, quando os Srs. Conselheiros voltaram a plenário, vários se pronunciaram, entre eles o Sr. Vice-Presidente do Conselho. Pe. José Vieira de Vasconcellos, que se mostrou contrário a aprovação, alegando que o Estado de São Paulo, em comparação com os outros Estados da Federação, estava saturado de Escolas de Educação Física! Diante disso, alguns Conselheiros, antes favoráveis, votaram contra e o processo acabou vetado: 9 votos a 7, a despeito da veemente defesa do Relator! Tudo parecia perdido; todo um gigantesco trabalho acabava em fracasso e frustração ...

Cabia recurso ao C.F.E. Sozinho, na deserta Brasília, já quase noite, o Diretor Dall'Aglio tinha apenas 24 horas para fazê-lo! No entanto, a quem recorrer? Ao Conselho Federal? Recorrer ao próprio Conselho parecia o mesmo que dar socos em ponta de faca. Prof. Ivo, depois de pensar a noite toda, redigiu logo na manhã seguinte o recurso, com vários “considerandos”, em que procurava responder as objeções dos votantes desfavoráveis; estava, porém, convencido de que só endereçando diretamente ao Sr. Ministro Jarbas Passarinho é que o processo poderia ser aprovado. Mas como chegar até ao Ministro, de uma hora para outra, naquele mundo burocrático? Só então se lembrou, providencialmente, do senador Orlando Zancaner. Foi ao Senado, procurou o Senador, contou a ele os pormenores da votação do processo no C.F.C.: Zancaner obteve do Ministro Jarbas Passarinho uma audiência para as 12 horas daquele mesmo dia e, juntos, protocolaram na mesa do Ministro o recurso. S. Excia. pediu um prazo para estudar o caso, dando esperanças ao Diretor da Escola.

De volta a Catanduva, Prof. Ivo relatou a Fundação os fatos ocorridos e as providencias tomadas ...

Mons. Albino foi sempre de pouco falar. Nas reuniões do Conselho da Fundação, a que raríssimas vezes faltou, poucas vezes intervinha. Mas sua presença teve sempre enorme força moral.

O Conselho era composto de homens decididos, líderes na Comunidade. Era fatal que houvesse reuniões agitadas, discussões fortes, acaloradas, por vezes violência verbal, divergências. Mas - um fato interessante - não deixavam de estar juntos, unidos, em torno de Mons. Albino. Ele tinha o dom de congregar em torno de si, unidos no mesmo ideal, os temperamentos, mais diversos e opostos. Bastava acenar com uma ideia, um plano, um desejo e logo a comunidade em geral e o grupo da Fundação em particular, uniam os esforços para realiza-lo! Fiéis a ele, superavam as oposições e trabalhavam juntos, com entusiasmo, para o objetivo comum. E nestes dias de apreensão, de perigo para os planos da Fundação, deve ter rezado. Mas, na hora certa, também agiu. Quando soube que, no Conselho Federal de Educação, um dos membros de maior prestígio, o Vice-Presidente, contrário a aprovação da Faculdade, era um padre, - o Pe. Vasconcellos -, (apelidado de “Polícia do Conselho”, tal a sua facilidade de argumentação), não hesitou: escreveu-lhe, aos 29/12/72, uma carta, em que procurava mostrar a grandeza e a força da Fundação Padre Albino (da qual, aliás, no Conselho de Educação, diversos oradores reconheceram a idoneidade e a capacidade), convidava S. Excia. a visitar Catanduva e lhe remetia humildemente a brochura de sua biografia, escrita por Mons. Victor Rodrigues de Assis.

Dentro de seis meses, o recurso foi a plenário do C.F.E., na sessão de 25/01/73, às 16 horas e foi aprovado por unanimidade (15 votos a Zero)! Ausentes os conselheiros Esther de Figueiredo Ferraz e Pe. Vasconcellos! Pouco depois, o Sr. Ministro da Educação Jarbas Passarinho convocava para uma reunião em Fortaleza (Ceara) os secretários de Educação de todos os Estados, inclusive o de São Paulo, Profa. Esther de Figueiredo Ferraz. Por ordem do Sr. Ministro foi incluído na pauta dos trabalhos o recurso da Fundação Pe. Albino. E a Escola Superior de Educação Física de Catanduva foi aprovada (Decreto Federal n.º 71.886)! Para surpresa nossa, o Sr. Pe. Vasconcellos não compareceu!

Publicado o Decreto, e instalada a Escola. as aulas foram iniciadas no dia 01/05/1973. Mais uma conquista da Fundação, mais uma vitória para Catanduva e Região!

Logo, o processo para reconhecimento foi encaminhado em Julho de 1975. Excepcionalmente, seis meses antes de formar sua primeira turma, a Escola, pelo Decreto Federal n.º 75.981, de 17/07/75, estava oficialmente reconhecida!

A VELHICE E A DOENÇA

A quantos de nós Pe. Albino batizou, confessou pela primeira vez, pela primeira vez deu a Comunhão? A quantos abençoou o amor, aos pés do altar? A quantos batizou os filhos, os netos, os bisnetos? parecia-nos eterno, que nunca morreria, nunca nos deixaria ... Os muitos acidentes. alguns graves, por que passou, ileso, parecia confirmar a nossa ilusão de que ele era uma exceção, uma espécie de ser superior, inatingível e inatacável pela ferrugem que, cedo ou tarde, surge da própria essência da matéria.

Mas a lei da vida é implacável. O tempo e a natureza, mesmo em blocos graníticos como Pe. Albino, vão trabalhando aos poucos, insensivelmente ...

Em Agosto de 1968. quando lhe remeti o convite para uma reunião do clero de Rio Preto, apresentou-me para justificar sua ausência definitiva, um atestado médico que revelava o que não queríamos ver: era **“cardiopata compensado com medicação permanente”**, apresentando ultimamente manifestações de insuficiência “vascular cerebral”. Na breve carta que o capeava dizia: **“Devido a minha doença, vertigens frequentes, talvez proveniente da idade avançada, 86 anos, não mais posso ir assistir a reuniões do Clero diocesano nessa cidade”**. E pedia exoneração do cargo de presidente do Cabido diocesano.

Nos últimos anos, em decorrência de moléstias e da debilidade física, passou a residir no próprio hospital, no famoso quarto 84. Estava como em casa, no Hospital que construirá há quase 50 anos atrás. Permanecia sentado na primeira sala a direita da entrada. Em lugar das pesadas botinas, passou a usar sandálias, que eram mais leves; em vez da batina preta, quente, uma espécie de guarda-pó cinza, com o colarinho eclesiástico; não mais com o tradicional guarda-chuva, mas curvado, cada vez mais, arrimado à bengala. Com dificuldade, caminhava pelos corredores do Hospital.

Os Conselheiros da Fundação, preocupados com seu estado, tiveram a gentileza e o carinho de destacar um enfermeiro que o acompanhasse mais de perto: José Henrique Mariani. Ele conta que quando Monsenhor saía do quarto para a Capela, afim de celebrar a Sta. Missa, todos os dias, às 18 horas, era levado em cadeira de rodas por causa da distância e da rampa de acesso a pediatria pela Irma Michela (que chamavam de Miguela) no início. Como a Irma fosse também de idade avançada, o dedicado José Henrique passou a leva-lo. Ao chegar ao quarto para buscar Monsenhor, já o encontrava pronto, algumas vezes na cama, outras numa cadeira, com a rosário na mão direita e a bengala na esquerda.

Mons. Albino tinha devoção a Maria Ssma. Antes da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, as missas eram celebradas de manhã. À noite, na matriz, todos os dias, lá estava ele, na reza, dirigindo o terço, quando se cantavam as inúmeras melodias da ladainha de N. Senhora.

José Henrique esclarece que o fato de Monsenhor ser achado deitado de atravessado na cama, não significa que caía, como que desmaiado no leito: é que, deitando de atravessado, achava mais fácil agarrar-se as grades para sentar-se e calçar as meias e sandálias. Não gostava de estar sempre chamando os enfermeiros, dando trabalho.

- Já está na hora? perguntava, sempre de bom humor. Alguns dias, mais alegre, chegava a brincar com o enfermeiro:

- Agora vamos brincar de carrinho!

Muitas vezes era encontrado no corredor, a pé, a caminho da Capela e se desculpava: Não precisa todo esse trabalho. Eu posso andar.

Chegava a Capela e, antes da missa, como sempre gostou de fazer, atendia a algumas confissões.

É deste tempo, Junho de 1972, o artigo de Olga Amorim, na: Revista “Feiticeira”, com fotos de Claudio Matsumura, mostrando estas missas de Pe. Albino, na Capela do Hospital: celebrava sentado, rezando baixo pelo missal, sendo necessário que José Henrique lesse para os fiéis as partes da missa, pois ainda não havia os folhetos de hoje. Era quase sempre acolitado pelo velho e fiel amigo Sr. Domingos Gregorim, que sentia uma honra especial estar ali, também ele nos últimos anos de vida. Mons. mesmo distribuía a sagrada comunhão, trazida do Sacrário por uma das Irmãs.

Voltava de cadeira de rodas para a quarto, após a missa, cumprimentando a todos pelos corredores. Pendurava a bengala na guarda da cama e oferecia chá com bolachas e torradas ao enfermeiro:

- Não quer? Então passa pela cozinha e pede a Irma Ubalda a janta. Nesta casa, não falta um prato para ninguém!

Ficava feliz quando José Henrique aceitava algo, agradecido pelo trabalho de leva-lo à Capela.

Aliás esta sua sensibilidade caridosa para com as pessoas não se limitava a Catanduva e Região. Entre velhos papéis encontrados em sua escrivaninha, há recibos de donativos feitos a instituições de Caridade, e até uma velha carta de 1923, de um sacerdote português que mantinha um Colégio de Regeneração em Braga, agradecendo *“comovido, edificando e penhoradíssimo”* *“muito e muito do coração”*, perguntando: *“Como V. Revma., lá de longe, se lembra do velho padre, dos 87 (1887) ? Que surpreende e consoladora a recepção da valiosa esmola na angustiosa situação da actualidade!”*

Exatamente por isso é que muitas pessoas em Catanduva não compreenderam porque Mons. Albino foi tão contundente para com os jovens padres nomeados para, auxilia-lo na Paróquia: Padre Sylvio Fernando Ferreira e Padre Efrém Rizzo. Jovens, dinâmicos, com a visão pastoral aberta pelo recente Concílio Ecumênico Vaticano II, passaram a fazer as adaptações necessárias na comunidade. A igreja matriz passou a sofrer algumas mudanças internas quanto ao altar e as imagens. Já bastante idoso, caminhando com tanta dificuldade, não podendo acompanhar de perto as modificações, Monsenhor não compreendeu os jovens sacerdotes e começou a publicar alguns artigos usando expressões de “desabafo”. Pessoas amigas, chegadas a Monsenhor, não lograram dissuadi-lo. Felizmente, os jovens padres, mais do que ninguém, compreenderam o querido pastor a receberam sempre com humildade essas expressões. A maioria da comunidade também.

Mons. deitava-se cedo e se levantava cedo. Madrugava, mesmo nesses tempos, fizesse trio ou calor. Algumas vezes, as 3:30 horas, conta a enfermeiro, já havia tomado seu banho.

Sua preocupação constante eram os pobres. Não gostava que esperassem para ser atendidos, e os mandava para dentro.

José Henrique lembra que um dia um andarilho entrou pelo Hospital procurando seu prato de sopa que, todos os dias, Pe. Albino mandava servir aos pobres, nas proximidades da cozinha do Hospital. Ao vê-lo, Mons. pensou que se tratasse de algum doente que não tivesse sido atendido, e o foi levando para a enfermaria. Mandou que lhe dessem banho. que Irma Bianca (hoje falecida, que cuidava da lavanderia e da sala de costura) lhe desse roupa limpa; o “doente” almoçou, descansou, tomou o café das 14 horas, jantou as 16 horas e, naturalmente, como não era doente, foi-se embora. No dia seguinte, Pe. Albino procura pelo pobre doente na enfermaria e, não encontrando ficou “bravo” com o pessoal: - Quem mandou embora meu pobre?

Era assim: elogiava, apoiava e retribuía aos que via trabalhando, cumprindo seus deveres. Mas não suportava os que ganhavam o dinheiro burlando o tempo. José Henrique diz que, num dia, de madrugada, depois de uma noite trabalhosa com acidentados, Mons. vai ao escritório e vê que o moço encarregado do PABX e da Portaria da rua Belém - a entrada - estava cochilando debruçado a mesa. Batendo forte com a bengala no balcão, disse: Você está sendo pago para trabalhar aqui ou para dormir? Abra a porta que eu tenho muito que fazer! Noutra ocasião, uma copeira, apressada para ir à missa na Capela, esbarrou na cadeira de Monsenhor a caminho e ele não gostou:

- Você esta cega? Pra que tanta pressa?

- Estou atrasada, Monsenhor.

Depois comentou com José Henrique: - Olha, amanhã você fala para a Irma Superiora mandar embora essa moça. Ela não serve: qualquer dia destes ela ainda atropela algum pobre doente. A lei maior do hospital pare ele foi sempre o doente.

Aliás, como deve ser ...

Monsenhor tinha como secretária a funcionária Vera Helena Milan Leão. Desde 1967 a servia no escritório. Monsenhor tinha absoluta confiança nela. Vera tinha uma grande capacidade de trabalho e uma dedicação exemplar, digna dos maiores reconhecimentos. Era ela que datilografava, com uma fidelidade a toda a prova, suas cartas, - algumas, correspondência de família, íntima -, artigos para jornais e revistas, que Monsenhor exigia que fossem cópia perfeita dos rascunhos manuscritos, naquela caligrafia complicada, como que arabescos, que a secretária conhecia tão bem. Era ela que preenchia os cheques que Mons. como tesoureiro assinava. Vera diz que Monsenhor não queria que ninguém o ficasse esperando. Mesmo os vendedores - que a secretária a procurasse para assinar os cheques, em qualquer lugar onde estivesse, mesmo a mesa do almoço.

A delicadeza de caráter desse homem de Deus, sua bondade, se manifestavam até em pequenas coisas. Para com a secretária também teve gestos simples e humildes: Vera conta que ele almoçava as 10 horas e jantava as 16 horas, horários de plena atividade dela no escritório. Pois todos os dias, duas vezes, não se esquecia de lhe trazer de lanche o que lhe fosse possível. Um dia, em que Vera esteve de cama, em casa, Monsenhor abalou-se até ao outro lado da cidade para fazer-lhe uma rápida visita. Nem pode entrar, porque não tinha condições de subir a escadaria da casa. Pequenos grandes gestos de um grande homem.

Monsenhor tinha olhos claros, límpidos, puros. Olhar de criança. Por isso tinha também a simplicidade delas. Naquela época, onde funciona hoje a Unidade de Queimados, era a “Enfermaria dos homens”. José Henrique narra que, perto da porta de entrada dessa enfermaria havia um viveiro de periquitos australianos. Pe. Albino, ao passar por ali, de volta das refeições, lhes trazia bolachas, que tirava dos bolsos e “conversava” com os passarinhos. “Quantas vezes, do “Postinho de Enfermagem” eu o via sorrindo; chegava perto e ele dizia: - Olha,

esses bichinhos são bonitos a bonzinhos; estão presos o contentes. Eles gostam de mim. Eu sempre dou comida para eles”.

Uma vez, ao tomar banho, caiu e não conseguiu levantar. Se nem se mexer, a água caindo-lhe no peito. Podia ter-se afogado. Gritava pela enfermeira, por alguém. José Henrique foi chamado e, cheio de cuidados e preocupação, o socorreu. Monsenhor lhe respondia que não era nada, não estava machucado, nada sentia. O enfermeiro não conseguiu fazer com que ficasse na cama. “Mas, já que estas aqui - disse Monsenhor -, calça-me as meias e as sandálias”. O dedicado enfermeiro acha que Monsenhor não teria gostado de morrer porque certamente desejava fazer ainda alguma coisa mais para os pobres.

Monsenhor sentia, diz ele também, uma preocupação muito grande pela sorte futura das Irmãs no Hospital. Tinha receio de que ficassem desamparadas, sem apoio.

Do mesmo modo, mostrava-se apreensivo com o enfermeiro amigo. Sentia reconhecimento pelo carinho com que era tratado. Desejava que ele continuasse trabalhando no Hospital, cuidando dos pobres. Chegou a lhe dizer uma vez que, se fosse Bispo, o ordenaria padre para cooperar com ele no Hospital! ...

Nos fins de Agosto de 1973, num Domingo, o inevitável aconteceu: no próprio quarto sofreu uma queda, fraturando o colo do fêmur da perna esquerda. Acudindo a Monsenhor, Irmã Analia ouviu-o dizer: **“Ai, meu Jesus, agora é o fim”**. Talvez se lembrasse, nesse momento de dor, dos tempos da fratura grave que sofrera, em 1958, quando levou meses no Hospital da Beneficência Portuguesa em São Paulo, para recuperar-se.

Recolhido ao leito do Quarto 74, foi operado carinhosamente pelo médico ortopedista Dr. José Ramiro Madeira.

Nos vinte e poucos dias em que ainda viveu, não perdeu a lucidez; recebeu muitas visitas, conversando com as pessoas, interessando-se pelos acontecimentos, pedindo providencias para certos problemas. Perguntei a Irmã Anália como reagia ele messes dias de sofrimento, diante da impossibilidade de andar, e de sair, ele que jamais parou de trabalhar: “Nunca se queixou - disse ela -, esteve sempre sereno, tranquilo, aceitando os remédios. o tratamento. Não dava trabalho”.

Do dia da cirurgia em diante, José Henrique passou a se dedicar exclusivamente a ele: higiene, refeições ... E confirma: “Monsenhor nunca reclamou de nada, nem das dores, nem se a alimentação estava boa ou ruim”. E conta que nas muitas horas em que cuidou de Monsenhor, conversava bastante com ele.

Dias antes da morte, Mons. se lembrou do Alípio, o sacristão português que viveu muitos anos com ele. Disse que o Alípio foi sempre sincero, cumpridor de seus deveres, honesto. Prestava contas de tudo, não deixando passar sequer uma caixa de fósforo!

Mas, as complicações vieram, trazendo a preocupação aos que ainda alimentavam a esperança de uma relativa recuperação: problemas intestinais e, finalmente, edema pulmonar.

Uma das últimas visitas a Monsenhor na véspera de sua morte, foi a do sr. Aurélio Bellintani, ex-funcionário municipal, morador antigo de Catanduva, seu grande amigo e colaborador na época da construção das capelas nos bairros da cidade, no plano de desmembramento para a criação de futuras novas paróquias. Ele depõe: “À cabeceira da cama, Pe. Albino me disse: “Como vão as capelas? Elas ainda vão ser paróquias e Catanduva vai ser Bispo”. Segurando sua mão tremula, beijei-a e ele, movendo os dedos, me deu a última benção”.

A MORTE

Irmã Anália, percebeu, a tarde da véspera, a progressiva decadência de Monsenhor, e telefonou apreensiva, ao Sr. Bispo Diocesano, Dom José de Aquino Pereira que, imediatamente veio a Catanduva e, acompanhado por vários sacerdotes, administrou-lhe o sacramento da Unção dos Enfermos. Este conforto da graça de Deus deve ter-lhe causado imensa paz e alegria, pois na manhã seguinte, a primeira coisa que comentou, feliz com Irma Anália, foi ter recebido essa graça com a visita do Sr. Bispo.

No seu último dia de vida Mons. tomou pela manhã, às 6 horas o desjejum: leite, pão e bolacha.

As 10:30 horas o almoço: um prato de canja, ovo cozido maçã.

Esses momentos o enfermeiro José Henrique narra assim: - "Desde a minha entrada no quarto, notei que Monsenhor estava indisposto. Fiquei preocupado com ele. Perguntei como estava. Ele foi dizendo que sentia dores no corpo, mas que era por ficar todo esse tempo sem poder andar. Sentia que o corpo parecia flutuar".

Entre as últimas pessoas que recebeu, além de sou colaborador, Conselheiro Floriano Lima, nessa manhã de seu falecimento, esteve, minutos antes de Monsenhor falecer, o velho Bispo de Rio Preto, Dom Lafayette Libanio, seu querido amigo e superior hierárquico durante muitos anos. Apesar de bastante enfermo, com quase 90 anos de idade, sabendo da gravidade do estado de saúde de Pe. Albino, veio ver o sacerdote amigo, a "alma eleita", como dizia a seu respeito. Conversaram sobre as obras do novo pavilhão do Hospital, sobre o plano de novas Faculdades para chegar a fazer de Catanduva a cidade universitária ...

Monsenhor era, realmente, um homem extraordinário: - nessa idade, neste estado de saúde, minutos antes da morte, num leito de

sofrimentos, o homem que soube responder a todas as exigências e desafios do presente, continuava com os olhos postos sempre no futuro, na luta incansável pelo bem do próximo.

Monsenhor Victor Rodrigues de Assis (a quem Pe. Albino se referia como “o bom Mons. Victor”) assistiu à morte de Mons. Albino. Já tinha estado com ele nessa manhã, sairá um pouco para andar pelo Hospital quando percebeu a agitação causada pela notícia de que Mons. Albino estava passando mal. Voltou imediatamente e pode presenciar os seus últimos momentos de vida.

Pouco depois da saída de Dom Lafayette, pelas 11 e pouco, Mons. ainda comentou com o enfermeiro: **“É um grande Bispo, de propósitos firmes, cumpridor das obrigações”**. Falou de suas virtudes como pastor de almas ...

Depois disse ao enfermeiro que desejava virar de lado para descansar um pouco da posição em que estava.

Atendendo ao pedido de Monsenhor, José Henrique o ajudou a virar-se, mas notou que ele estava perdendo a cor, Irmã Anália foi chamada e pediu que o Dr. Bento Moretto viesse imediatamente. Mons. Albino tinha sofrido uma espécie de-desmaio. Auscultando-o, Dr. Bento percebeu que a pulsação foi caindo; o coração, pulsando fraco e lentamente, ia parando ... O momento era preocupante. Os olhos de todos se fixavam nas mínimas expressões do rosto do médico, numa ansiedade aflita, respiração contida, parados ... Olhos indagadores, interrogativos ... O coração de Monsenhor foi parando ... parando ... Parou. Parou de pulsar para si aquele coração que nunca deixará de bater pelos necessitados de todas as classes, os pobres e os ricos, os cultos e os ignorantes, o preto e o branco, o cristão e o ateu. Parou de pulsar para si aquele coração que a tantos ajudou a bater com mais alegria ... Parou. O Padre Albino morreu. Era o dia 19 de setembro de 1973, uma quarta-feira, pelas 12 horas. Nada mais ninguém podia fazer. E Deus, que o

podia, certamente não quis, para dar a Pe. Albino algo melhor, que merecia: “Vinde, benditos de meu Pai, para o reino que vos foi preparado, porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber ... estava nú e me vestistes, enfermo e me visitastes ...”

Uma das enfermeiras, duas horas depois, ainda com os olhos rasos d'agua, dizia à reportagem: -Eu já assisti a muitas mortes aqui no hospital, mas assim, como a do Pe. Albino ...

Ele não soltou um gemido, nem mostrou aflição. Simplesmente fechou os olhos e passou para a vida eterna”.

O atestado de óbito apresenta como “causa mortis”: - Insuficiência cardíaca. A hora do falecimento: 12 horas.

REPERCUSSAO

A paz e a serenidade da morte de Monsenhor contrasta violentamente com o que se seguiu na Comunidade. O impacto foi grande, colhendo todo mundo praticamente de surpresa. Em poucos minutos a notícia, como um rastilho, se propagou, levando a tristeza, a consternação a todos os lares, aonde chegavam rápidas, as emissoras de rádio, a telefone e as pessoas, que, agitadas, se comunicavam por todos os cantos da cidade. A morte de Pe. Albino era um acontecimento tão grande e doloroso que, nas primeiras horas as autoridades e os responsáveis mais diretos, como a igreja e a Fundação Padre Albino, sentiram-se como que embaraçados nas providencias a tomar. É a reportagem de “O Regional” que nos dá uma ideia destes momentos angustiantes na edição de domingo, dia 23:

“ ... Todos passaram a se movimentar, e a maioria procurava as dependências do hospital, talvez esperançosos de que tudo não passasse de boatos infundados. Mas o corpo do nosso querido padre já repousava

em esquife exposto em câmara ardente no átrio da capela do hospital. Diretores do nosocômio, tendo à frente o presidente da “Fundação”, Com. Antonio Stocco, tratavam de programar as homenagens finais.

Assim, não se havia determinado a data e hora do sepultamento, e de princípio esperava-se que o féretro seria mesmo no dia seguinte, 20. Todavia, após tomarem conhecimento junto ao Corpo Clínico do hospital, que o corpo do Pe. Albino fora embalsamado, os diretores da Fundação então oficializaram o momento final para sexta-feira, dia 21, as 16 horas. Naquelas alturas dos acontecimentos, o Sr. Prefeito Municipal ainda desconhecendo esta particularidade, decretou ponto facultativo por dois dias, 19 e 20, e luto oficial pelo espaço de oito dias em todo a município.

D. José de Aquino Pereira, Bispo da Diocese, confirmara a sua presença para rezar a missa de corpo presente, ao mesmo tempo em que dirigia convite especial a todos os vigários da Diocese para se fazerem presentes as exéquias.

Já as 16 horas do dia 19, o corpo de Monsenhor Albino era trasladado para a Igreja Matriz, de onde só sairia as 16 horas do dia 21, transportado em um carro do Corpo de Bombeiros, em direção ao Cemitério Nossa Senhora do Carmo, com acompanhamento calculado para perto de 30 mil cidadãos e pessoas representativas de todas as entidades e repartições públicas do município, do Estado e da Nação.

Mas, das 11:45 horas do dia 19 -quando ele faleceu - até as últimas horas do dia 21, sexta-feira toda a cidade enlutou-se completamente. Comércio e indústria fecharam as portas, somente reabrindo no sábado, dia 22, e escolas públicas estaduais sem funcionarem na sexta-feira. Agencias bancarias sem exceção, cerraram

as suas portas desde a quarta-feira, para reabrirem somente na segunda-feira, 24.

Imprensa e rádio da região e capital do Estado, enviaram repórteres credenciados, pois o nosso Pe. Albino de há muito havia conquistado a admiração do povo paulista pelas suas obras de apostolado”.

Das páginas da imprensa daqueles dias se colhem os mais diversos e emocionados depoimentos:

Do jornalista Nair de Freitas, Diretor do mais antigo jornal de Catanduva “A CIDADE”: *“Poder-se-á perpetuar-lhe no bronze a memória. Isso seria um gesto natural, lógico de catanduvense. Mas, em verdade, o Monsenhor não morreu. Porque ele é imortal, como o Amor e o Bem que semeou, há de viver sempre no coração e na lembrança de quantos tiveram a graça de ouvir-lhe a voz, de ver-lhe a obra, de edificar-se com seus gestos e seus exemplos e de compreender, agora mais do que antes, que chamando à Eternidade, abre ele um caminho de luz, para quem se faça digno de ir revê-lo no Céu”.*

Dr. Vicente Celso Quaglia: *“Se as Religião Católica, enlutada, perdera um de seus autênticos líderes - um legítimo seguidor de Cristo - os pobres de toda esta vasta região perderam o seu mais ativo protetor, porque infindas vezes, durante a sua longa e profícua vida, as esmolas que arrecadava, a duras penas, transformavam-se, em alegrias para muitos lares e muitas famílias”.*

Dr. Warley Agudo Romao, jornalista, proprietário do diário “O Regional”: *“Sua vida significou uma doação integral de seu corpo, sua mente, seu “eu” em benefício do alheio, do próximo, no dizer bíblico ... Para o povo, os seus pobres, foi um bem-aventurado. Para aquele que, com isenção fizer um dia história da sua jornada, será ainda um cordeiro. É fácil julgar os puros. Os mansos, os verdadeiros cordeiros,*

esses são poucos, são privilegiados. Mons. Albino foi um deles. Imagem de homem, perfil de Santo”.

Jonas Amorim, presidente do Sindicato dos Bancários: *“A sala de reuniões do Sindicato vai receber o nome de Sala Pe. Albino, em homenagem mais que justa e merecida, e para que jamais o seu nome deixe de ser evocado em todas as reuniões daqui para o futuro”.*

Alguns cidadãos se mostravam inconformados pelo fato de Mons. Albino não poder ficar sepultado na bela igreja matriz de São Domingos, que ele construirá e onde fora pároco por mais de 50 anos.

Outros ainda já pensavam na necessidade de se construir para ele um mausoléu na praça da matriz.

OS FUNERAIS

1. - A Missa Exequial

As 16 horas do dia 21 de setembro, sexta-feira, em que Monsenhor completaria 91 anos, uma verdadeira massa humana se reunia para os funerais do seu amado pastor. Na praça da igreja matriz, uma multidão, que não pudera entrar por falta de espaço, aos grupos, recordava episódios e exemplos da vida de Pe. Albino. Dentro, acotovelado, cabeças erguidas, olhos e ouvidos atentos, o povo participava das cerimônias da Santa Missa, presididas pelo Sr. Bispo Diocesano, Dom José de Aquino Pereira e concelebrada por 21 sacerdotes, vindos de várias cidades vizinhas. Presente também a venerando Dom Lafayette Libanio, Bispo resignatário de Rio Preto. O esquife era guardado pelos soldados do Tiro de Guerra: respeitosos e

devotos, eles velaram a corpo de Monsenhor ininterruptamente, mesmo de madrugada, quando o número de pessoas diminuía para o descanso. Estava rodeado de grande número de coroas de flores.

A voz do comentarista convidava, pelo microfone, os presentes para a oração máxima do católico: *“Irmãos, aqui estamos para celebrar a Eucaristia em memória da Paixão, Morte e Ressureição do Senhor Jesus. O motivo deste nosso encontro é despedir-nos do nosso Irmão na Fé, Mons. Albino... Acreditamos que a vida continua. Queremos recordar a maneira de viver de nosso amigo sacerdote da Igreja de Deus. Queremos, principalmente, agradecer ao Senhor pela vida, pelos trabalhos, pelas lutas, pela sua constante dedicação aos humildes necessitados”*

Enquanto os celebrantes entram, as vozes se elevam e as palavras eram como uma lição do exemplo de vida de Mons. Albino:



O CORPO DE MONS. ALBINO, VELADO PELO POVO. NA FOTO APARECEM D. LAFAYETTE LIBANIO, OS ATIRADORES, DR. JOÃO RIGHINI, ALGUMAS RELIGIOSAS.

“O amor liberta, o amor constrói;

O egoísmo escraviza e destrói.

A liberdade é nossa vocação.

Vai, meu povo, estende a mão ao teu irmão”.

Depois de alguns instantes, era a palavra de Deus na Bíblia Sagrada que transportava nossos pensamentos e corações para Mons. Albino: *“As almas dos justos estão nas mãos de Deus, e não os toca tormento algum... Eles gozam de paz... Serão grandemente favorecidos, pois que o Senhor os experimentou e os encontrou digno dele... Os fiéis viverão com Ele no amor, pois a graça e a misericórdia são para os seus eleitos”*(Sab. 3, 1-9).

À voz de outro leitor, o texto sagrado nos levava a Mons. Albino, como se agora, finalmente imobilizado num sono tranquilo, ao final de uma longa vida de trabalhadoras extenuantes, nos estivesse repetindo, como um convite e um estímulo a fazermos o mesmo, as palavras do Apóstolo São Paulo: *“O momento da minha partida se aproxima Combati o bom combate, terminei a minha carreira. Guardei a fé. E agora está reservada para mim a coroa que o Senhor, justo Juiz, me concederá naquele dia, e não somente a mim, mas também a todos os que estiveram, com amor, esperando seu encontro”* (2 Tm 4, 6-8).

Ao Evangelho, veio a grande leitura: a síntese da Lei cristã, a Lei do amor - a síntese da vida de Pe. Albino -, a matéria do julgamento final do ser humano criado e remido por Deus, a resposta do homem aos planos e mandamentos do Senhor: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo: **“Tive fome e me destes do comer; tive sede e me destes de beber; estava nu e me vestistes; estava doente e me visitastes ...** “ (Mt. 25, 35-36). Nesse momento, na homilia a palavra oficial da Igreja se fazia ouvir através do Sr. Bispo Diocesano:

depois de historiar a vinda de Pe. Albino ao Brasil e a Catanduva, onde realizou tantas coisas para a glória de Deus e o bem do próximo, dizia:

“O sacerdote é o instrumento de Deus. Então, nossa Comunidade, empolgada pelo que este nosso irmão sacerdote fez, há de sentir-se entusiasmada para que outros lhe sigam o exemplo na dedicação e na vida sacerdotal. E o seu testemunho, o seu exemplo fica. Como um estímulo para cada um de nós. E o seu testemunho, o seu exemplo fica. Como um estímulo para cada um de nós.

A obra de Mons. Albino, quanto mais os anos passarem, mais ela vai ser compreendida, avaliada e reconhecida. Quanto mais a falta da pessoa for criando um vazio, nós vamos reconhecendo o que ele foi, o que nós precisamos ser; o que nós somos estimulados a ser; para juntarmos serviços e aumentarmos eficiência ... Irmãos, este sepultamento, esta despedida é um pouco diferente das comuns. A gente em feral chora, e nós hoje embora sentindo a ausência, estamos felizes, porque vemos a riqueza da Igreja, a riqueza da nossa Comunidade, o testamento grandioso que fica, não apenas a obra que fica, mas o testemunho que nos estimula”.

O ritual litúrgico continua. Orações se elevam ao Pai do Céu por essa alma abençoada e pelos que ela amou: “Por todos os cristãos, para que realizem com ações o que pregam com palavras... Por todos os governantes, para que procurem a justiça e paz... Por todos os aflitos e angustiados pela dor e pelo cansaço... Pelo s que não tem alegria nem esperança... Por Mons. Albino, para que Deus o acolha na luz e o estabeleça na sua paz... Pelo povo de Catanduva, para que saiba respeitar a memória de Mons. Albino, continuando com amor a obra pela qual ele deu a sua vida... rezemos ao Senhor!”

O silêncio na igreja foi completo quando se ouviram dos sacerdotes concelebrantes as palavras sagradas e solenes da Consagração do pão e do vinho: **“Isto é o meu corpo... Este é o cálice do meu sangue”.**

Mas, do íntimo de cada-coração partiam preces vivas, sentidas, saudosas: ação de graças por esta vida extraordinária; gratidão pelo que cada um, a seu modo e a seu tempo, devia a este sacerdote de Deus; para uns, tinha sido amigo; para outros, pai; para outros, protetor; para outros, perdão, ou saúde, ou comida, ou remédio, ou roupa, ou calçado; uma carta, um bilhete, uma foto; um pedido, um olhar, uma palavra. Para todos, uma grande, uma imensa saudade, um enorme vazio ... Talvez de muitas almas subissem preces ardentes de uma graça. Talvez, em muitas consciências, um remorso, um ato de arrependimento ...

A hora da comunhão, embargadas pela emoção que crescia, à medida que se aproximavam os últimos momentos de Pe. Albino entre nós, e os ritos sagrados evocavam as lembranças desse homem de Deus e dos irmãos, as vozes tentavam cantar, diante daquele corpo que parecia dizer-nos na sua entrega total:

“Prova de amor maior não há

Que doar a vida pelo irmão ...”

E, como se ele nos deixasse, a exemplo de Jesus, seu testamento:

“Como o Pai sempre me ama, assim também eu vos amei. Amai-vos, como eu vos tenho amado...”

Confrontando nossa vida com a de Mons. Albino (e, entre elas, a figura do pobre que ele amou e serviu), os versos nos soavam como reprimendas martelando as consciências:

“Como posso ter sono sossegado,

Se no dia que passou,

Os meus braços eu cruzei?!

*Como posso ser feliz,
Se ao pobre, meu irmão,
Eu fechei o coração,
Meu amor eu recusei?!”*

Mas, ao final, enquanto os celebrantes deixavam o altar para a cerimônia de encomendação, as pessoas, refeitas pelo Pão da vida, se levantavam, quais soldados despertados por voz possante de um general que além, muito além daquele corpo do Bem:

*“Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz:
onde houver ódio, que eu leve o amor;
onde houver ofensa, que eu leve o perdão
onde houver discórdia, que eu leve a união...
Ó mestre, fazei que eu procure mais consolar
que ser consolado;
compreender, que ser compreendido,
amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe,
é perdoando que se é perdoado,
e é morrendo que se vive para a vida eterna...”*

Em volta do caixão, o Sr. Bispo, cercado dos presbíteros, dava a Mons. Albino, a derradeira benção...

Na despedida, ao fim das exéquias, o folheto da missa deixava gravada esta mensagem: *“A morte não desfaz tudo. O vazio que ela deixa deve ser preenchido por cada um de nós. Mons. Albino, nosso irmão e sacerdote, continua presente em nosso meio, chamando-nos ao dever de continuarmos firmes e confiantes na comunidade de vida. Que os sentimentos de pesar sejam muito mais que uma obrigação social, para que possamos reforçar os laços de amizade e de solidariedade entre nós e de compromisso para com os demais”.*

No momento em que o Sr. Bispo começava a fazer a encomendação, uma chuvinha fina começava a cair lá fora. Numa expressão poética feliz, a reportagem de “O Regional” dizia que eram “as lagrimas de Deus”.

Por causa da ameaça de chuva, Dr. Lenício Pacheco Ferreira foi chamado a pronunciar sua oração fúnebre, em nome da Fundação Padre Albino e dos Poderes Executivo e Legislativo. Entre outras coisas dizia o ilustre conselheiro: “... *Ele cresceu junto com a sementeira que lançou, participando, ativamente, de toso os fenômenos que, durante mais de meio século, alteraram, em épocas e fases diversas, os destinos de sua gente.*

Hoje, aqui se reúnem autoridades, povo, entidades civis, religiosas e beneficentes, de toso os credos e ideologias, tomadas de um só espírito, de uma só tristeza - render a última homenagem a esse grande lutador, a esse espírito de luz cujas ações não podendo ser resumidas por demais grandiosas, oferecem ao mundo descrente, um exemplo vivo de amor a Deus e à humanidade para que ele a gastasse toda em obras extraordinárias e quando se fosse deixasse atrás de si um rumo traçado com seu sublime exemplo”.

2. - O Enterro

Narro as cenas da procissão exequial recordando os sentimentos que naquele dia me envolveram e marcaram.

Depois da missa de corpo presente, o cortejo. Os padres saíram paramentados, como estavam na missa. Eu entre eles, a caminho do cemitério N. Sra. do Carmo. Um trajeto de 10 quarteirões, que me representava a via dolorosa do Cristo, enquanto eu carregava a cruz da

minha saudade e o peso de não ter merecido o valor que Pe. Albino me atribuía. E, ao caminhar ao passo lento do cortejo, as lembranças foram tomando conta dos meus pensamentos. As pernas se movimentavam como que por si, porque a cabeça, como numa tela, ia passando as cenas do passado. E eu me via na primeira confissão com ele ... As pessoas se ajoelhavam do lado do confessionário, falando através daqueles buraquinhos da janelinha. Eu, não! Falei de frente. Ele abriu o véu da cortina do confessionário e eu, confessando face a face, com sua ajuda, abri meu coração de criança ... Será que os padres, que caminham comigo, lentamente, estarão sentindo o mesmo que eu? Vão tristes, comovidos, mas será que do mesmo modo que eu? Não, não parece possível. Sei que estiveram ligados a ele, conversaram e conviveram com ele mas não foi como a criança que cresceu junto do pai ... E o dia feliz da 1ª comunhão que recebi de suas mãos, numa festa de Corpus Christi? E a imaginação tornava a mergulhar no passado, sentindo o gosto da primeira hóstia consagrada que ele me deu!

À tarde, na procissão do Corpo de Deus, amassando as folhas de mangueira, que o povo espalhava para enfeitar as ruas por onde Jesus passava vivo, na hóstia consagrada que o Pe. Albino, a pé, levava mostrada no ostensório, eu aspirava, contente, o perfume forte de manga que subia das folhas pisadas pela gente no chão. E o farfalhar delas debaixo dos pés era como um acompanhamento para os cânticos sagrados daquela época, que a lembrança me trazia a memória, enquanto Monsenhor Albino se deixava levar:

“Cantemos ao Amor dos amores,

Cantemos ao Senhor!

Deus está aqui, oh! vinde, adoradores,

Adoremos a Cristo Redentor ...

Eu tentava voltar a realidade, mas logo outro cântico ocupava a memória:

*“À flux jorrou
O manancial da vida.
Alma sequiosa aproxima do altar.
A ti, Jesus, amoroso, convida:
Vem que seu Corpo é celestial manjar...”*

E mais outros:

*“Eis que está Jesus no Altar,
Feito pão dos anjos...”*

E outros, e outros ...

Às vezes, eu via as pessoas quietas, apinhadas ao longo das calçadas, como que formando alas para ver o cortejo passar; via o carro dos bombeiros levando, lá no alto, entre flores, o caixão de Pe. Albino; via no rosto das pessoas as lágrimas rolando, silenciosas e, perdido no meio dos padres, e mais perdido no meio das lembranças que não podia evitar, os olhos marejados, apertando, rijo, os dentes, eu sentia um certo orgulho dentro de mim ao pensar que, para o Pe. Albino eu tinha sido uma espécie de amigo predileto, como se ele, olhando-me do caixão rodeado dos padres amigos, me perguntasse como Jesus a Pedro: **“Tu me ama mais do que estes”** ... E me lembrava da Casa Paroquial e me via ajudando o Alípio, a fazer hóstias , ... O velho e fiel sacristão português, que morreu um mês depois do “Patrão” (como ele chamava Pe. Albino).

Quando eu era coroinha, já adolescente, Monsenhor não me falava, não me cumprimentava. Parecia nem tomar consciência de que eu estava ali, diariamente, ajudando as Missas. Mas eu não percebia essa estranha “indiferença” e nem sofria com ela: achava natural que um padre tão importante como ele não me desse atenção, Era tão ocupado,

fazia tantas coisas admiráveis! Até que um dia, durante uma das famosas quermesses na praça da Matriz, entre os lances de uma prenda e outra, a voz forte do leiloeiro Domingos Bellíssimo me chamou pelo alto-falante: **“Synval, queira comparecer a barraca”**. Surpreso, ouvindo meu nome no meio do povo, fui até lá, sem saber do que se tratava. Dando-me um embrulho, ele me disse: **“Leve pra casa. Pe. Albino arrematou esse frango pra você!”**

De vez em quando, algum movimento no cortejo me tirava dessas cogitações, estancando por momentos o rolar das lágrimas, como aquele quando passaram, voando baixo, os aviões que jogavam sobre o esquife, as pétalas de flores que o Artur Brussi prometeu lançar durante o trajeto. Por um triz não se chocaram no ar, na ânsia de calcular a direção exata do caixão!

Mas eu não conseguia controlar o fio das lembranças. Logo comecei a pensar o quanto devia a Monsenhor na perseverança em minha vocação. Os estudos que ele me pagou. E me lembrava dos tempos de seminário em São Paulo ... Nas férias eu o visitava no hospital. Mas nessa minha época de seminarista, ele não perdia tempo comigo. Perguntando, em poucas palavras, o suficiente para se inteirar de como eu ia nos estudos, aconselhava rapidamente, ao me ver fraquinho, franzino: **“Você precisa tomar ovos, comer queijo! ...”** E, em poucos minutos que nem davam para esquentar a cadeira, me despachava no seu sotaque: **“Antão, até logo ouviu?”** E voltava ao que estava fazendo quando cheguei ...

Mas, depois que me tornei padre, que diferença! Cada vez que vinha visita-lo, me prendia, me segurava na conversa, me contava, com o entusiasmo de criança, os planos, as campanhas, me falava da quantidade de cereais ganhos para o Hospital ... Eu sentia que ele me queria entusiasmar no amor as suas obras, para fazer de mim um sucessor ... Alguns me diziam isso. Até o fim ele queria que eu viesse para

Catanduva; mandava-me cópias das cartas que escrevia ao Sr. Bispo e aos cooperadores da Diocese, solicitando minha transferência ...

O enterro prossegue e, à medida que se aproxima do cemitério, a multidão parece crescer e se agitar. Milhares de pessoas, num enterro nunca visto! A emoção aumenta, apertando o peito. As pernas andam mecanicamente para a frente, mas o pensamento teima em voltar, como se, inconscientemente, quisesse agarrar-se ao passado para continuar pensando que Monsenhor estava vivo! E, sem querer, retomei o fio das recordações ...

Quando ele me dizia que estava cuidando de minha vinda para Catanduva, eu não dizia nada, nem que sim, nem que não, para não magoa-lo porque, no íntimo, eu não acreditava que isto se realizasse. O Sr. Bispo nunca deixará transparecer, por um momento sequer, qualquer coisa nesse sentido. Dois ou três dias antes de Monsenhor morrer, estive com ele. Quando entrei, logo me disse, pressuroso, a queima-roupa: **“Falei com o Sr. Bispo. No fim do ano você vem”**. Simplesmente sorri, incrédulo como sempre. Poucos meses depois, em Fevereiro de 1974, era criada a Paróquia de São Francisco e eu tomava posse! Como foi, por que foi, não sei ... E como disse Dr. Michel: **“Ele sempre conseguia o que pedia”**!

Fim do cortejo: Pe. Albino vai ali, carregado pelos padres, que o entregam aos Conselheiros da Fundação. Agora, é verdade; não há volta, se não a volta ao pó, de que fala a Escritura Sagrada: **“Memento homo, guia pulvis es et in pulverem reverteris”** – **“Lembra-te homem, que és pó e em pó te has de tornar”**. Vendo os homens da Fundação, seus companheiros na luta e no ideal, eu pensava: ele se vai. Catanduva agora não é mais a mesma. Ficarão, é certo, discípulos, continuadores da sua obra e de seus sonhos. Mas eles também irão, os homens que fizeram Catanduva, os heróis do nosso passado e do nosso presente, como vão indo, um a um, os grandes da nossa terra: Antonio Stocco, Pedro Monteleone, José Antonio Borelli, Carlos Machado, Iran

Silva, Gentilino, Moacyr Licht, Antonio Girol, Giordano Mestrinelli, Nair de Freitas, Prof. Rangel e tantos outros! ...

E, no cair da tarde, enquanto o corpo baixava a sepultura aberta na Capela, debaixo do silencio melancólico do povo, quebrado pelo toque plangente da Banda Marcial da Força Pública de São José do Rio Preto e pelo soluço pungente dos que não conseguem controlar-se, a mesma impressão perdurava em mim: Sem Pe. Albino Catanduva não é mais a mesma. Nunca será ... Nunca mais! ...

Foram muitos os depoimentos que, na imprensa apareceram, mesmo depois da morte, a respeito da figura de Pe. Albino, da sua importância para Catanduva e região, sinal de que não foi esquecido com o passar dos meses e dos anos.

A Revista “A Feiticeira”, com a qual Monsenhor colaborou, durante anos, em artigos inolvidáveis, de enorme importância para a história da cidade, afirmava, numa edição especial, de Dezembro de 1973:

“Se estivesse vivo nesta oportunidade Mozart da Costa Nunes, um dos nossos grandes inspiradores na vida jornalística de Catanduva, certamente diria em manchete “Morreu um homem que fez Catanduva”. É que ninguém como Mozart, focalizou e homenageou tanto pela imprensa, a vida gloriosa de Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva, o homem santo que nos deixou em Setembro ultimo e que através de mais de meio século, foi honra e orgulho de toda esta região. Da sua maravilhosa existência alicerçada no amor, no trabalho e de extrema renuncia a todos os bens materiais, permanecerão vivos todavia os seus exemplos que deverão guiar-nos os passos para o resto da vida, devendo Catanduva fazer deles, a sua grande luz em seu caminho de cidade ordeira, progressista e amante do trabalho.

Nossa, revista, também nestes quase dez anos de existência, tem procurado manter em evidência a vida desse santo homem, Mon. Albino. Orgulhamo-nos mesmo, de ter aqui, com exclusividade, agasalhado aspectos da história maravilhosa da sua vida esplendorosa, contados por ele mesmo”.

O professor Luiz Carlos Rocha, articulista de “A Cidade”, escrevia, aos 27/9/73.

“Gratos pelo suor de vosso rosto, gratos pelo carinho de vossas mãos crispadas, gratos pela abnegação de vosso amor... Contasse o mundo com muitos homens de vosso jaez, haveríamos de confiar mais na própria vida. Não lamento vossa partida, porque não partistes. Lamento a vossa ausência presente e futura...

Camões, Monsenhor, homem da vossa estirpe, parte de Vossa raça, de vossa tẽmpera, que contou as glórias de vossa pátria, como vós engrandecestes a nossa com o fruto de vosso trabalho e com exemplo de vossa probidade, imortalizou em dois versos os grandes espíritos:

*“É aqueles que por obras valerosas,
se vão da lei da Morte libertando...”*

Dr. Alcy Gigliotti: “Será preciso não esquecer dele a lição mais importante, o ensinamento de toda uma vida de desprendimento, amor e caridade em benefício dos irmãos desligado de si e na entrega total ao destino feliz de seguir, verdadeiramente, a Cristo ... São Homens com ele que constroem a grandeza verdadeira e não efêmera da Pátria comum” (29/11/73).

Até seus objetos pessoais foram devidamente recolhidos e, com veneração e carinho, são conservados no Museu Histórico e Pedagógico “Gov. Pedro de Toledo”, de Catanduva:

as vestes sacerdotais,

um dos chapéus

o lavatório antigo

a Gama onde faleceu, com o crucifixo

a escrivaninha antiga

o quadro com o Título de Cidadão Benemérito,

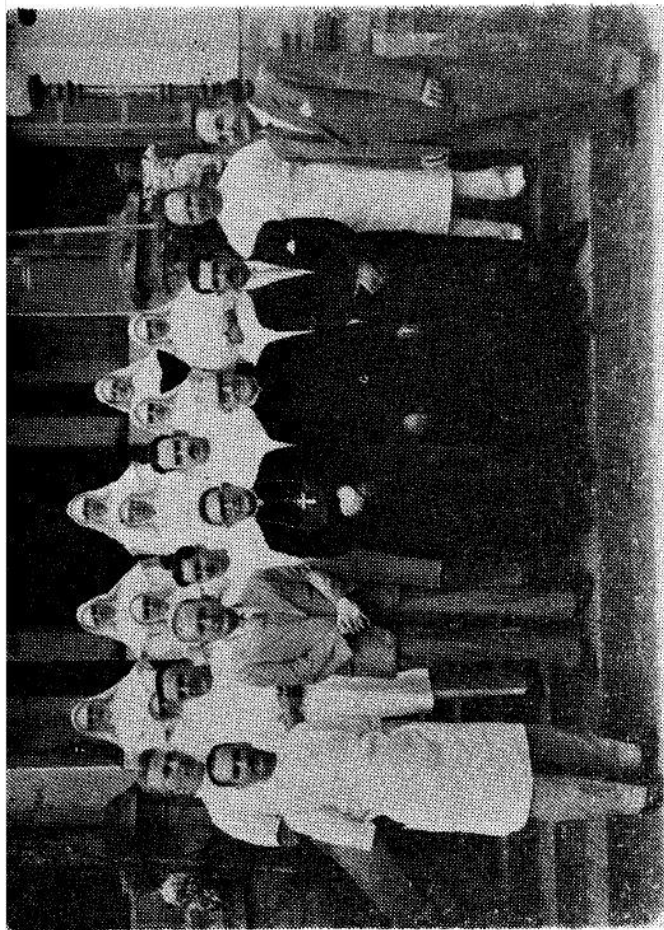
livros de oração e outros objetos.

Também os artistas catanduvenses deixaram, gravada com sua arte, a figura cativante de Pe. Albino: os pintores Oscar Valzachi, o jovem Luiz Cláudio Morgilli, João Pigon, Prof. Luiz Dotto.

1976 -CINQUENTENARIO DO HOSPITAL PADRE ALBINO E INAUGURACAO DO NOVO PAVILHAO DE CINCO ANDARES

O Hospital Padre Albino -a Santa Casa -, como a gente chamava quando criança, numa recordação tão cheia de saudades, porque era mesmo uma espécie de casa nossa, pelo seu ambiente familiar, acolhedor, onde os irmãozinhos nasciam em meio a sinais alegres, festivos, era, ontem, o centro das obras de Mons. Albino e, hoje, o das atividades da Fundação. Às vezes me pergunto o porquê dessa posição da Santa Casa no coração e nas preocupações de Monsenhor. Tenho para mim que, vindo do ambiente civilizado da Europa e de Portugal, ao passar por várias localidades do interior do Brasil daquele tempo, observando, curioso, os costumes da nova pátria, com aquele zelo de sacerdote novo que, de repente, se descobre como um missionário de coração generoso e ansioso por ser útil, deve ter sentido um choque ante a ignorância, a pobreza, a penúria, a miséria, a fome do povo, com todas as decorrentes consequências nocivas a saúde e a moral. Principalmente os colonos do interior. Ao começar a construir a igreja de S. Domingos, teve de entrar em contato com eles, na coleta de donativos e prendas para as suas quermesses. Aí pode ver de perto, penso eu, cenas dolorosas da vida dos lavradores, que o devem ter marcado profunda e definitivamente para o resto de seus dias. A atenção que lhes dedicava, a preferência, o afeto, a preocupação, o cuidado que sempre demonstrou para com eles, o levaram a pensar num hospital onde os pudesse acolher,

abrigar e socorrer. Encontrou homens de visão e decisão, companheiros a altura do seu ideal, formando com eles a Associação Beneficente de Catanduva. Contagiados por sua quase obsessão puseram mãos à obra.



ENTRADA ANTIGA DA SANTA CASA, COM D. LAFAYETTE LIBANIO, BISPO DIOCESANO, PE. ALBINO, DIRETORES: RICARDO LUNARDELLI (A DIREITA DE D. LAFAYETTE), JOSÉ OLÍMPIO GONCALVES E DR. RENATO BUENO NETTO (A ESQUERDA DE PE. ALBINO), IRMÃS FRANCISCANAS (ENTRE ELAS, IR. REGINALDA, DE ÓCULOS, AO CENTRO, NO ALTO A ESQUERDA IR. LAURA). MÉDICOS: NA FRENTE, A ESQUERDA, DR. JOSÉ MARIA COURA. NA SEGUNDA FILA, DA ESQUERDA PARA A DIREITA, DR. JOSE ROCHA, DR. JOAQUIM FAGUNDES, DR. ANTONIO BARBA, DR. ALBERTO CUNHA E SILVA E DR. VICENTE BUCQUANED.

Aos 26/6/1926 o Hospital começava a funcionar. Elegeram, então, a Primeira Diretoria:

Ricardo Lunardelli, Presidente
Coriolano de Oliveira Mello, Vice
José Venâncio Borges, 1.º Secretário
Pedro Rodrigues Bittencourt, 2.º Secretário
Pe. Albino Silva, 1.º Tesoureiro
Salomao Izar, 2.º Tesoureiro
Dr. Renato Bueno Netto, 1.º Procurador
Dr. Mayr Cerqueira, 2.º Procurador
Dr. Georgino Coura, 1.º Diretor Médico
Dr. Nestor Sampaio Bittencourt, 2.º Diretor Médico
Conselho Fiscal:
Adalberto Bueno Netto
Major Domingos Felipe
Emílio Barrionuevo
Ramón Sanches
Mário Penna
Antonio Martins Duarte

Como toda Entidade ou Associação, deveria elaborar seu Estatuto. Não foi difícil. Na verdade, tendo à frente um homem daquela integridade moral, daquela capacidade de iniciativas e de trabalho, daquela fibra, daquela honestidade, não precisavam de Estatuto. Não foram estes artigos estatutários que ditaram normas de ação e conduta: foram as atitudes humanas e cristãs de Pe. Albino que inspiraram as normas. Eles apenas cristalizaram na letra o espírito e o ideal daquele homem predestinado, cujo coração não se fechava nem nunca se fecharia ao semelhante. Na Assembleia Geral de 19/10/1926, o Estatuto era aprovado:

No Art. 2.º, falando das finalidades, reza: “Manterá um hospital, cuja instalação ultimaré, para enfermos desvalidos, sem

distinção de nacionalidade, cor, estado, nem de credos religiosos e políticos ... Criando, quando for possível, outros estabelecimentos de caridade e de assistência social, como asilos, creches, pavilhões para tratamento de moléstias contagiosas, postos profiláticos etc ... Distribuindo socorros materiais e morais, principalmente em épocas de calamidade pública e sempre que os seus recursos o permitirem, a juízo da Diretoria.

No Art. 3.º, em reconhecimento ao trabalho de Pe. Albino, reza: “O hospital referido no artigo antecedente, chamar-se-á HOSPITAL PADRE ALBINO. § Único: Essa denominação, que não poderá ser alterada em tempo algum, exprime uma justa homenagem à abnegação e ao devotamento do exemplar sacerdote católico rev. Padre Albino Silva, a cujos esforços se deve a criação da nova casa de caridade”.

Num clima de euforia, de júbilo, de gratidão, passaram os Diretores a se atribuir uns aos outros, os méritos na participação dessa obra humanitária e cristã: Dr. Odilon Nogueira propõe a aclamação, como sócios beneméritos, do Sr. João Augusto Marrar por ter doado o terreno para a construção do Hospital (aos 8/8/1921) e também o de Pe. Albino, “infatigável e heroico obreiro desta casa de caridade”. O Sr. Mario Penna, por sua vez, pediu a mesma distinção para o Sr. Ricardo Lunardelli pelos donativos que ofereceu. O próprio Pe. Albino solicitou a mesma homenagem para o Sr. Adalberto Bueno Netto.

Foi Pe. Albino que, desejoso de que o Hospital proporcionasse não só o melhor atendimento médico-hospitalar possível, mas também a melhor assistência humana e espiritual, propõe a vinda das Irmãs de Caridade. Já em 1930 (1.º de Dezembro) elas chegavam. Eram quatro Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição, vindas de Araraquara: Irmã Stefania, como 1.ª Superiora; Ir. Reginalda, Ir. Anna e Ir. Blanca, acompanhadas por Dom Lafayette Libanio, 1.º Bispo Diocesano de Rio

Preto (Diocese recém-desmembrada do Bispado de São Carlos, juntamente com a de Jaboticabal (1929).

Em pouco tempo o Bispo, também ele um pioneiro, dinâmico desbravador destes sertões, incansável como Pe. Albino, conhecendo o caráter reto do pároco de S. Domingos, sempre abriu mão de todas as taxas que a Paróquia de Catanduva, como as demais, devia, por lei diocesana, remeter ao Bispado. Sabia quanto custavam de sacrifício e fadigas ao pároco zeloso, e com quanta honestidade eram empregadas para o bem de tantos necessitados. Dom Lafayette e Pe. Albino foram dois gigantes, dois colossos que se compreenderam, se uniram e se respeitaram ...

Não havia necessidade a que não acudisse Pe. Albino com toda a exuberância da sua fibra. Não media esforços, não parava.

Certamente tinha diante dos olhos os casos tristes de mães pesadas, cercadas de filhos, cansadas e aflitas, desamparadas nos ermos de sítios e fazendas por aí, quando se empenhou na organização da Maternidade nova, onde elas pudessem receber carinho e apoio, assistência e proteção. Foi inaugurada em princípios de 1956.

Destas suas andanças pelas regiões rurais, onde se tornou conhecidíssimo, Pe. Albino trazia, na pupila, o espetáculo doloroso de muitas crianças - vítimas sempre inocentes de situações injustas e desumanas, pequeninos filhos de Deus de barrigas grandes, volumosas, de olhos tristes e remelentos -, e, no coração, a dor do seu abandono. Em 1966 era construído, carinhosamente, só para elas, o Pavilhão infantil.

Assim, o Hospital, sua grande preocupação, constantemente se adaptava, se ampliava, se aperfeiçoava, para acudir cada vez melhor a um número de doentes cada vez maior ... Desde 1970 se vinha sentindo a necessidade urgente de ampliar o espaço físico do Hospital, cada vez menor para satisfazer a demanda de pacientes de uma região que

abrangia mais de 20 municípios circunvizinhos. Mons. Albino começou a apoiar e incentivar as ampliações, concordando com as demolições, adaptações e construção de um novo bloco para internações. Com o apoio da Fundação e o inestimável trabalho e a dedicação plena de Dr. Michel Curi, Diretor da Faculdade de Medicina e ajuda de Irmã Maria Celeste Fernandes, Administradora do Hospital, o projeto começou a concretizar-se. Foram anos de luta, de sacrifícios, renúncias, preocupações; falta de recursos, intermináveis viagens, apelos, tudo na ânsia de dar ao Hospital condições modernas, suficientes e eficientes para um atendimento a altura dos atuais recursos da Medicina e condições condizentes para torna-lo Hospital-Escola da nossa Faculdade de Medicina.

É Dr. Michel Curi que, em discurso, descreve o histórico desse plano de ampliação do Hospital: *“Era enorme o “déficit” de leitos hospitalares de Catanduva e Região, que se previa agravar em decorrência da Faculdade de Medicina e do grande progresso que se antevia para a Região denominada Média Araraquarense. Em memorável reunião previa entre o Prof. Odair Pacheco Pedroso, Irmã Maria Celeste e Dr. Michel Curi, analisando e projetando o Hospital para o futuro, figuraram duas opções:*

1. Construção de um novo Hospital em terreno livre

2. Subir verticalmente na área atual.

Optou-se pela 2.ª alternativa... A ideia inicial foi levada a Pe. Albino que, já ancião e adoentado, tendo passado por grave fratura de colo do fêmur e suportando já uma cardiopatia de há alguns anos, acolheu-a com o mesmo entusiasmo de um jovem e estimulou a todos para a luta com o mesmo condão mágico que fazia com que os homens acreditassem no quase impossível. A ideia era basicamente erigir, num prazo de dez anos, três unidades verticais interligadas, desmanchar a

parte velha para parque amento, até atingir um hospital de 550 leitos e sua infraestrutura adequada: lavanderia e cozinha.

Na reunião extraordinária de 11/10/1971, o Conselho de Administração da Fundação aprovou o projeto por unanimidade e deu plenos e totais poderes para o Dr. Michel Curi e Irmã Maria Celeste, Superiora, para terminarem os estudos, darem entrada e entabular as conversações necessárias para a execução da obra”.

As Irmãs Franciscanas, trazidas por Mons. Albino, desde 1930 trabalhavam e residiam no Hospital, sempre junto aos enfermos, numa ala reservada a sua Clausura. Mas agora, diante do problema de espaço, precisavam desocupar o Hospital. Para abriga-las, como mereciam, Dr. Michel Curi propõe a compra da casa da Rua Belém n.º 647, esquina da Ceara, de propriedade do Sr. Ataulpa de Oliveira Pinto e Outros, o que foi feito aos 23/11/70, onde funciona hoje a Coordenadoria da Fundação Padre Albino. O Sr. Ataulpa havia adquirido do Dr. Antonio Moreno Gonzales, Juiz de Direito.

A Comunidade Catanduvense e a da Região, principalmente a Comunidade católica, sentiu, com tristeza, a saída das Irmãs. É verdade que continuaram a trabalhar no Hospital mas, de uma parte, com a morte de Mons. Albino, seu grande protetor, e a falta de vocações e, de outra com a expansão do Hospital, sua transformação em Hospital-Escola, a crescente legislação sanitária e a política previdenciária, as Irmãs, aos poucos, foram deixando de ocupar os postos-chave do hospital, foram envelhecendo, foram morrendo, foram saindo e, hoje, restam apenas quatro, das quais três na enfermagem: Irma Candida, há muitos anos responsável pela Maternidade; Irma Deolinda, há bastante tempo dedicada ao pavilhão da Pediatria; Irma Leonor, no Posto do 4.º andar; na Pastoral da Saúde, Irma Joana. Saíram, uma após outra, Irma Maria Celeste, da Administração Hospitalar; Irmã Ester, do Centro Cirúrgico; Irma Gertrudes, da Farmácia; Irma Ubalda, da Cozinha; Irma Blanca, da Lavanderia e Costura; Irma Olga, do Departamento de Pessoal; Irma

Perpétua; Irmã Ildefonsa, Irmã Rosária, Irma Tarcísia (que ainda se dedica com abnegação aos velhinhos); ultimamente, Irmã Anália, para servir ao Lar dos Velhos e outras ...

Mons. Albino, não teria a ventura de ver as obras concluídas. Mas o bastão dos seus ideais e da sua tenacidade não caíram das mãos daqueles que, ao lado dele, trabalhavam. Aos 26/6/1976, exatamente no dia em que se comemorava o Cinquentenário de existência da Santa Casa de Misericórdia e Hospital Padre Albino e como celebração dessa data histórica, solenemente inaugurava-se o novo Pavilhão, um bloco formado de subsolo, térreo, e mais cinco andares, do melhor acabamento possível. Várias solenidades assinalaram o importante acontecimento: às 10:30 horas houve Missa de Ação de Graças, na Capela do Hospital, concelebrada pelos Srs. Pe. Sylvio Fernando Ferreira, Pe. Synval Januario e Pe. Vicente Bortolato, com Assistência do Sr. Bispo resignatário de Rio Preto, Dom Lafayette Libanio que, ao Evangelho, em comovente alocução, salientou aspectos da personalidade e da obra de Pe. Albino.

Foi comovente o pronunciamento do venerando Bispo:

“Cinquenta anos estas Almas que lá estão (no céu) em volta de Mons. Albino, agradecem a Deus Nosso Senhor...

Aqui, sem haver distinção, espírito da Igreja sempre foi a orientação daquele velhinho> chamar as almas, inflamar as almas ao amor de Deus”

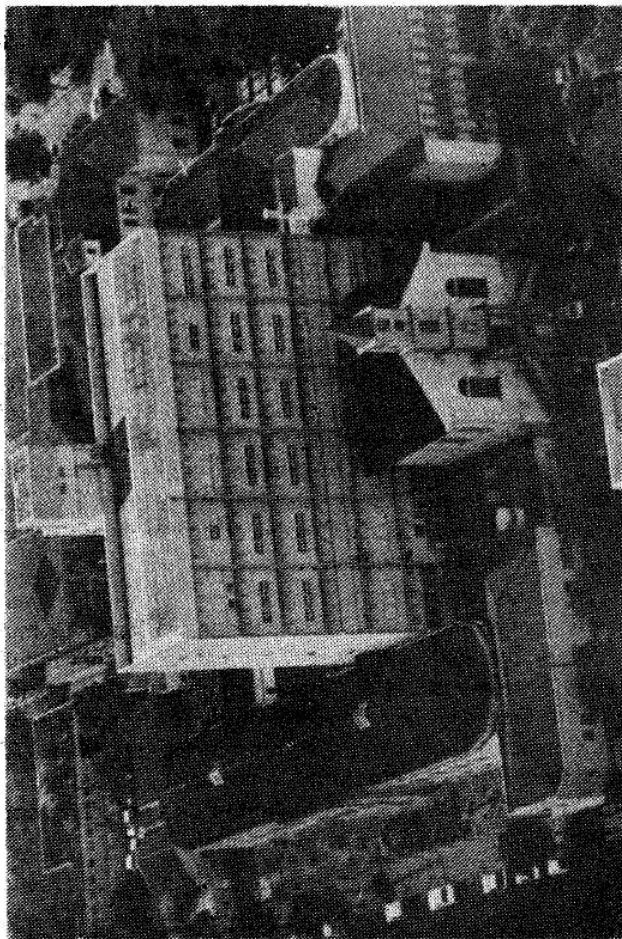
Aqui, nesta Casa, não eram somente os habitantes de Catanduva mas de quase toda a Diocese de Rio Preto... E hoje, a Casa cheia, encontraram um lugar onde podem descansar depois do seu trabalho, na doença; alguém que tenha carinho por eles: a Santa Casa...

Mons. Albino morreu e lá de cima, ele contempla aqueles que o acompanharam, de uma maneira especial, e vê a alma eleita de Dr

Michel, de Irmã Celeste, e pede ao grande Deus que inflame estas almas representando a Fundação, escolhidos pelos elementos da Fundação, para levantar o grande edifício que aí está. Se há alegria, aqui nesta Casa, se há alegria nas almas, há alegria no céu em continuar a grande obra. E o que é extraordinário é encontrar almas com o mesmo espírito, com a mesma dedicação, com a mesma preocupação ... Hoje, cinquenta anos” É não faltou também auxílio do Brasil ... E vós ireis ver, daqui a pouco, que não apenas esta pavilhão subiu, mas subirão mais dois pavilhões para completa a obra do velhinho trôpego que andava nas estradas a busca de auxílio do pobre também para construir a maior glória de Catanduva” ...

Em seguida, no saguão do novo prédio, iniciavam-se as solenidades de inauguração, com o descerramento da placa que denomina o novo bloco “Pavilhão Governador Laudo Natel”, feito pelo Sr. Dr. Mário Machado de Lemos, representante do Sr. Governador e o Sr. Prefeito Municipal, Pedro Nechar.

Manifestando sou reconhecimento, a Fundação Padre Albino ofereceu cartões de prata e mimos as pessoas que, na construção do novo prédio e na história do Hospital, tiveram papel de destaque. Ao Prof. . Dr. Odair Pacheco Pedroso, Irmã Maria Celeste entregou um cartão de prata com a inscrição: **“Ao Prof. Odair Pacheco Pedroso. Homenagem da Fundação Padre Albino por sua permanente colaboração no desenvolvimento deste Hospital”**. Ao Sr. Dr. Michel Curi e a Irma Maria Celeste, outro cartão de prata, com a mesma mensagem: **“Inaugurando o novo prédio do Hospital Padre Albino, construído em seis andares, expressamos**



O PAVILHÃO GOVERNADOR LAUDO NATEL, DE 5 ANDARES, INAUGURADO NO
CINQUENTENÁRIO DO HOSPITAL PADRE ALBINO, AOS 26/06/1976.

nosso reconhecimento por sua total e abnegada dedicação”. Numa entrega emocionada foram homenageadas a Secretaria Vera Helena Milan Leao, que assessorou Irma Maria Celeste no projeto, e Irma Stefania que, desde 1930 serviu o Hospital e, na sua pessoa todas as Superiores das Irmãs: Irmã Laura, Irmã Reginalda e outras. Homenagem mais que justa por esse serviço de amor.

Um momento de saudade para recordar principalmente Irma Laura, que, de temperamento forte, decidido, comandava toda a vida interna do Hospital, enfrentando momentos difíceis de decisão, acostumada a lutas ferrenhas, mas que carregava no coração um respeito e um carinho especiais para com Mons. Albino, zelando, vigilante, por sua saúde, seu bem-estar, sua alimentação, suas roupas. Durante muitos anos foi de uma paciência infinita para com a maneira ao mesmo tempo simples e “teimosa” de Monsenhor viver: seu senso de economia, que o fazia andar a pé a fim de poupar para os pobres o dinheiro da condução; de não querer roupas novas, que custavam dinheiro e davam despesas ... Mandava dar aos pobres. Queria a todo o custo conservar apenas duas mudas ...

Os aplausos dos presentes estouraram quando foi anunciada homenagem a uma pessoa especial que, ao longo de muitos anos de serviço ao Hospital, serviu igualmente com humilde dedicação diretamente a Pe, Albino, acompanhando-o por todos os sítios e fazendas da redondeza, de dia e de noite, recolhendo mantimentos, aves, ovos e outras ofertas que Mons. Albino saía pedindo: Armínio Venturini, o motorista da conhecida camionete de Pe. Albino ... Foram instantes de verdadeira confraternização de família: a família do Hospital.

Em seguida, diante do grande número de pessoas presentes, representativas das autoridades Cívicas, Militares, Religiosas, Sanitárias, Dr. Michel Curi, pronunciava seu discurso, historiando a vida do Hospital, e a trajetória do projeto que hoje se tornava, em parte, uma realidade; e agradecia: *“Hoje, o Hospital se inaugura. O 1º dos três*

blocos. No subsolo já funcionam o SAME e a parte do Ambulatório. Hoje ocupamos um andar de enfermaria e a cada vinte dias ocuparemos progressivamente um andar. 108 novos leitos ... um moderno Centro Cirúrgico com cinco salas de operações e uma de recuperação, 12 apartamentos para pensionistas e neste bloco, muito brevemente, funcionara uma moderna cozinha para um Hospital de até 550 leitos ... Em reunião extraordinária, o Conselho de Administração da Fundação Padre Albino, realizada no dia 20/10/1974, ficou deliberado que o 1º bloco de seis pavimentos levaria o nome de PAVILHAO GOVERNADOR LAUDO NATEL, em justa homenagem ao grande homem público que tanto fez em prol desta Fundação. O que teria feito Laudo Natel para receber esta homenagem? Ele era Governador do Estado de São Paulo. Só por isso? Para receber mais verbas? Não! Laudo Natel impressionou-se pelas informações de seu Secretário de Saúde. Gostosa coincidência, eu diria providencial coincidência, Dr Mário Machado de Lemos (ex-Secretário e ex-Ministro) e meu particular dileto amigo, que hoje representa nesta festa ao seu fraterno amigo Laudo Natel. Mário Machado no seu entusiasmo por qualquer problema de saúde relatou a Laudo o que a Fundação fazia em termos de Assistência Médico-hospitalar. Laudo se impressionou. Homem do interior, e pobre, que se fez em árdua luta até atingir a governança do Estado por duas vezes, com sua visão e sensibilidade de estadista altamente humano, antecipava em quatro ou cinco anos a reversão do benefício econômico de nosso desenvolvimento para subvencionar o benefício econômico social ao homem brasileiro ... Seguramente 60% do valor desta construção ao longo destes quatro anos foram dados à Fundação pelo Governo Laudo Natel. Talvez o Hospital não estatal que maior verba recebeu de seu governo para a construção ...”.

A expectativa era palavra do Sr. Dr. Mario Machado de Lemos, ex-Ministro da Saúde. Foram suas palavras principais:

“... Emocionado, estou aqui representando o Governador Laudo Natel, nessa honrosa incumbência, à qual adiciono minha satisfação pessoal de ex-Secretário da Saúde de Estado, e principalmente as vinculações sentimentais que me ligam a esta Casa. Esta é a homenagem que presto a Pe. Albino, numa evocação aos anos de 1947-1948. Sou nordestino. Chegando a São Paulo, com o propósito de implantar aqui uma repartição do Ministério da Saúde, uma das primeiras visitas que recebi foi a de Pe. Albino. Nem os jornais publicaram a minha chegada e ele um dia apareceu no meu gabinete com o propósito de fazer o primeiro pedido para a Sta. Casa, e nós, nos anos em que permanecemos à frente deste órgão Ministerial em São Paulo ajudamos a Sta. Casa de Pe. Albino, com muita parcimônia em virtude da precariedade da situação deficitária dos recursos orçamentários disponíveis.

Depois voltei inúmeras vezes a esta terra... Aqui estive como amigo, como Secretário da Saúde e agora representando o ex-governador do Estado de São Paulo ...

O Hospital Padre Albino, permitam-nos a expressão é, assim o vejo, em sua expressão simbólica, um pedestal de amor e benemerência à memória de Pe. Albino, para o qual peço uma salva de palmas ...”

Como ato final das solenidades, o Sr. Bispo Dom Lafayette Libanio procedeu a benção das novas instalações e os presentes foram convidados a visitar as dependências do Pavilhão, enquanto era servido um “Cock-tail” a todos. As comemorações se encerraram na “Casa Grande”, com um almoço festivo oferecido as autoridades e visitantes.

1977 -O MONUMENTO A MONS. ALBINO

Não é fácil, para o povo que conheceu de perto Mons. Albino, esquecer a figura daquele que foi um verdadeiro pai para todos, ricos e pobres, católicos ou não. Fatalmente haveria de começar a manifestar-se o desejo de perpetuar sua memória, já nas primeiras horas do seu falecimento. Menos de uma semana após seu sepultamento, o Conselheiro da Fundação, Dr. Arlindo Busnardo apresentava, como vereador, um projeto de lei à Câmara Municipal propondo a mudança do nome da Praia 9 de Julho, onde se localiza a igreja Matriz de S. Domingos, construída por Pe. Albino, em Praça Mons. Albino, o que de fato se realizou muito breve.

Meses depois, aos 30/7/1974, interpretando as aspirações populares, o Prefeito Municipal, Sr. Pedro Nechar, encaminhava ofício a Fundação Padre Albino sugerindo uma campanha pró-monumento. No mesmo sentido, alguns dias depois, aos 5/8, o ex-Prefeito, Sr. José Antonio Borelli, hoje falecido, oficiava à Fundação. Aos 8/10/75, o Conselho da Fundação se congratulava com o Conselheiro e vereador Dr. Arlindo Busnardo, apoiando a indicação que fez a Câmara Municipal, para a construção de mausoléu a Mons. Albino.

Avolumando-se os pedidos e as sugestões, o Prefeito Municipal, Sr. Pedro Nechar, convocou para uma reunião em seu gabinete, no dia 23/10/75, os Conselheiros da Fundação e representantes das Entidades de Classe e Clubes de Serviço da cidade, para as primeiras providencias. Dessa reunião inicial saiu constituída a Comissão Executiva:

Presidente: Sr. Pedro Nechar, Prefeito Municipal.

Vice: Comendador Antonio Stocco, Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Padre Albino.

1.º Secretario: Sr. Walner Pellizzon

2.º Secretario: Pe. Synval Januario, Presidente da Diretoria Executiva da Fundação.

1.º Tesoureiro: Pe. Sylvio Fernando Ferreira, pároco de S. Domingos.

2.º Tesoureiro: Sr. Davi Barreto.

Outros membros: Waldemar Barato, Dr. Luis Olavo, Dr. Wester Chimelo, Aurélio Zancaner, José Carlos Marino, Dr. Altino Rossi, Floriano Ferreira Lima.

Na 2.ª reunião, aos 28/10/75, cinco dias após, mais os Srs. Comendador Gentil de Angelo, Dr. Arlindo Busnardo e Fuad Bauab. Com a ajuda de muitas outras pessoas representativas da Comunidade, aos 4/11/75, iniciava-se a Campanha. Queriam todos uma Campanha de participação popular, através de urnas distribuídas por todos os cantos da cidade: acreditava-se que a população acorreria, com gratidão e generosidade, a essa convocação de amor ao querido padre, e os trabalhos começaram. Dois escultores foram convidados a apresentar o projeto, recaindo a escolha sobre o Sr. Renato Brunello, italiano, residente em São Paulo. Por que ele? Quando o Prof. . Walter Lourenção esteve em Catanduva, aos 27/5/76, como emissário do Secretário de Cultura, para uma avaliação das potencialidades artístico-culturais da cidade, soube, através de um diálogo com o Prefeito, Sr. Pedro Nechar, da campanha pró-monumento ao Mons. Albino. Alguns dias depois, na capital, apresentou Pedro Nechar ao escultor. Brunello estudou em Veneza, de 1966 a 1970, na “Scuola D'Arte”, com exposições em Veneza, Verona, Trento, Vêneto, Padua, etc..., e prêmios em Verona, Trento, Veneza . . . Ao regressar a Catanduva, o Sr. Prefeito trouxe consigo o artista a fim de entrar em contato com o projeto do monumento. Aqui, o escultor recolheu dados, estudou fotos de Monsenhor, e apresentou alguns exemplares em miniatura de gesso que agradou a todos pela fidelidade dos traços, mas a posição da figura de Mons. Albino sentado, já não foi bem vista por alguns



MONUMENTO EM HOMENAGEM A MONS. ALBINO, PELO
ESCUPTOR RENATO BRUNELLO, DE SÃO PAULO.

membros da Comissão. O escultor, no entanto, foi categórico: não faria nem busto, nem corpo de pé, porque dizia que, vista de longe por causa da batina, não passaria de uma coluna. Opinava que, sentado, seria mais original. E acabou sendo autorizado a executar a obra, com imensa boa vontade de todos. Até eu tive de me desfazer de uma batina velha emprestando-a para o escultor que, pela primeira vez, esculpia um sacerdote!

Entretanto, o resultado financeiro das urnas não correspondia e, diante dos compromissos com Brunello, foi preciso lançar mão de outros meios de arrecadação: listas para particulares, listas no comércio, na indústria, nas cidades vizinhas, sorteios de carros e televisores, até um jantar. Momentos de alegria e momentos de decepção para os que estavam mais à frente da campanha, finalmente, começou-se a preparar o local para a estátua. O ideal seria no meio da praça, defronte à igreja, mas houve objeção. Ficou ali mesmo, onde se encontra hoje, quase na esquina das ruas Brasil e Minas Gerais. Houve críticas, tanto quanto a forma como quanto ao local. Aos 25/1/1977 foi inaugurado, pelas 11:30 horas, num horário impróprio, dado o calor sob um sol causticante. Ao lado, a placa de bronze alusiva, com dizeres da autoria do Conselheiro da Fundação Padre Albino e ex-Diretor da Faculdade local de Filosofia, Ciências e Letras, Dr. Lenício Pacheco Ferreira, desenvolvidos a partir do Art.1.º do Estatuto da Fundação, que o ilustre Conselheiro tinha elaborado: *“A inesquecível memória de Padre Albino Alves da Cunha e Silva, natural de Codeçosos, Conselho de Celorico de Basto, Província do Minho, Portugal, vindo para Catanduba aos 28/4/1918, aqui falecido aos 19/9/1973, e onde, com fé inabalável e perseverante labor, deixou monumental obra de benemerência: Igreja de São Domingos, Hospital Padre Albino, Lar dos Velhos, Colégio N. Senhora do Calvário, Casa da Criança “Sinharinha Netto”, Lar Ortega-Josué, Faculdade de Medicina, Faculdade de Administração de Empresas, Escola Superior de*

Educação Física e Desportos, Colégio Comercial - a merecida homenagem de Catanduva e Região. 25/1/1977”.

Usando da palavra, em nome da Comissão Pro-Monumento, assim me expressei com emoção na oportunidade:

“Senhoras e Senhores:

Este monumento não é propriamente para Padre Albino que, certamente, não o queria. Nem tampouco é para nós, que temos vivo na memória o monumento da monumental vida que esse homem viveu. Este monumento é para os filhos futuros desta terra que ele amou, a fim de que não se esqueçam, então no seu presente, o que deveram a este homem no passado.

Não é justo que as gerações futuras, que gozarão, talvez mais do que as presentes, os frutos das obras de Pe. Albino deixou, não sabiam que a ele deveram tantos benefícios”

Este monumento se tornou realidade graças a uma campanha difícil e penosa. Nas decepções da luta por esta realidade, não queremos guardar a triste lembrança dos muitos que poderiam ter dado mais e deram tão pouco, mas, sim, dos poucos que tiveram a generosidade de dar muito. Como que poderiam ter trabalhado e se omitiram, mas, sim dos poucos que souberam pagar com gratidão, os préstimos de Pe. Albino.

Diz Jesus no Evangelho: “Eu sou o bom pastor, que dá vida por suas ovelhas”. E esta foi característica marcante de Pe. Albino: foi o pastor de seu povo. O povo que ele amava. A história de Catanduva se confunde com a biografia dele. Por isso, ele aí está sentado, como quem se sente no meio de seus, à vontade, disponível para fiar. Se ele, que procurou realizar, a exemplo do Mestre Divino, o pastoreio entre nós, não o conseguiu no aspecto da verdade de uma só fé, um batismo, conseguiu, contudo, a unidade do rebanho sob o cajado do Amor, pois

Catanduva, aprendendo de seu gesto caritativo, bem poderia, em lugar de “Cidade-Feitiço”, ser chamada, daqui para a frente, “Cidade-Beneficência”, tanta generosidade anda espalhada por aí, graças a Deus”

Amigos e conterrâneos: Quando a Igreja autoriza a cerimonia de benção das imagens de seus heróis - os Santos -, ela reza: “Deus eterno e todo poderoso, não reprovais a pintura ou a escultura de imagens dos santos, para que, à sua vista, possamos meditar os seus exemplos e imitar as suas virtudes ...”

Aí está a figura veneranda de Pe. Albino: Oxalá que, todas as vezes que passarmos por ela nesta praça, possamos “meditar os seus exemplos e imitar as suas virtudes”, de modo especial sentir-nos aprendizes de sua inesquecível caridade!”

1982 -CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

Todos os anos, religiosamente, a imprensa catanduvense recorda o vulto e as obras de Mons. Albino e a população católica não deixa de mandar celebrar missas por sua bela alma. De modo especial, em Setembro de 1982, foi celebrado o primeiro centenário de seu nascimento. Nas emissoras de rádio houve entrevistas com várias personalidades de nossa cidade que conviveram com ele.

Como parte das homenagens prestadas a ele, deu-se no recinto da Empresa de Correios e Telégrafos local, numa solenidade significativa, o lançamento do carimbo comemorativo de seu 1.º Centenário, com a colaboração e desenho do catanduvense Prof. Luiz Sérgio Paiva Bolinelli, secretário do Clube Filatélico e Numismático de Catanduva, desde a sua fundação em 14/3/75.

Também como homenagem ao seu Patrono, a Fundação promoveu um concurso para escolha de seu logotipo, premiando o autor do melhor desenho, que foi de autoria do jovem catanduvense Júlio Cesar Minervino, em solenidade realizada no salão do Coleginho da Paróquia de S. Domingos, contando com a presença do Sr. Diretor Regional da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, Diretores do Clube Filatélico e Numismático, da Fundação Padre Albino e outras pessoas presentes.

A imprensa escrita - jornais e revistas - dedicou artigos e reportagens especiais, com a participação de vários e abalizados articulistas, que destacaram inúmeros aspectos da personalidade rica e

dinâmica de Mons. Albino. O matutino “O Regional”, divulgou um suplemento especial, no dia 19/9/82, em homenagem a Mons. Albino.

Destes artigos e reportagens colhemos alguns depoimentos, que transcrevemos:

Prof. Dr. Vicente Celso Quaglia: *“Cada uma de suas obras, que seria ocioso enumerar agora, permanecerá como patrimônio desta cidade, cujos interesses ele soube tão bem — e com tanta humildade — e com tanta devoção — preservar e desenvolver. Suas obras permanecerão também como monumento eterno à glória do homem que as construiu e que se tornou, inquestionavelmente, a maior figura de nossa história. Um servidor extremado, despretencioso e humilde, que, através do altruísmo, teve sua figura e o seu nome inscritos na memória dos contemporâneos e dos pósteros, nesta passagem festiva de seu primeiro centenário de nascimento”.*

Do Prof. Paschoal R. Turato, Prof. de História, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Catanduva; sempre enriquecendo nosso patrimônio histórico com subsídios novos, **frutos** de sua curiosidade de historiador, nos conta que, ao chegar Pe. Albino a Catanduva, não foi bem recebido também porque **“existia divergência entre os habitantes do lado de cá e os do S. Francisco, onde a capela era tão antiga como aquela administrada pelo Minguta”** e como eram constantes os vendavais que avariavam a capela do S. Francisco, **“esse foi um dos motivos da transferência de muita gente para o Largo da Igreja nova, isto é, a atual Matriz”** (de S. Domingos).

Aliás, existe no Museu Histórico e Pedagógico “Gov. Pedro de Toledo” de Catanduva, que tem como Diretor o prof. catanduvense Brasil Procópio de Oliveira, esse apaixonado pela nossa história e enamorado das nossas coisas e tradições, um mapa da cidade, de 1919-1920 assinalando a existência dessa capela entre as ruas Acre-Piauí e S. Francisco-Paraná.

Dos poetas Maurílio Lubeno e Profa. Anna Bolinelli:

Maurílio Lubeno:

“Homem de Deus

Homem por Deus

Homem divino

Viveu pela paz

viveu pelo amor

viveu pela fé

viveu pela esperança

viveu para Deus

viveu para Catanduva

Sempre fazendo o bem

Sempre fazendo tudo que estava ao seu alcance para ajudar o próximo.

Padre Albino

Monsenhor Albino

Um homem que não viveu em brancas nuvens...”

Anna Bolinelli:

“É a 21 seu . . . centenário ..

Para quem tanto amou seu irmão, Doando-se de forma total,

Ao catanduvense, em especial,

De Fé, Caridade e Amor, fez sua profissão. Coincidência ou não . . .

Eis aí bela questão...

*Até a primavera lhe sorriu...
Quando o “menino Albino” os olhos abriu . . .
E a 21 é seu “Centenário”... Dia 12, o povo provou sua Fé, Ao
Mestre que foi: pai, irmão e missionário...
Desta cidade Feitiço, foi e é,
Pastor cuidadoso, levando o aprisco a seu Deus,
Esperando assim, encontrá-lo nos céus . . .”*

Do Côn. Oscar Serra de Amaral, pároco de S. Judas Tadeu, em Catanduva (recentemente falecido): *“Como é agradável recordar aquele zeloso sacerdote que, de plagas longínquas, aporta em terras brasileiras, trazendo em seu sacerdotal coração, indizíveis tesouros a serem compartilhados pelos seus paroquianos do Cerradinho, seu novo campo de trabalho . . . Seguiu o Mestre e tornou-se ele também na difícil arte de amar, de sacrificar-se, o emérito imitador de Cristo; soube sempre levar Deus às almas e muitas, incontáveis almas a Deus Mons. Albino partiu . . . Mas ficou conosco na perene recordação de sua figura de asceta, nas peregrinas obras realizadas, marcos brilhantes hoje, cem anos de seu nascimento, uma lágrima de saudade sobre sua tumba, um agradecimento a Deus por nos ter dado um Mons. Albino: UM FORTE . . . UM SANTO!”*

Do Dr. Michel Curi: *“Paradoxalmente, o homem que tento descrever, sabia ouvir, aceitava ponderações, sabia aguardar, mas principalmente quando pedia era sempre atendido. Era um homem profundamente conservador em alguns aspectos. Dizia com frequência: “Precisamos estar com o governo. É lá que vamos buscar dinheiro, auxílio e convênios quando precisamos”. Ao mesmo tempo, antevia, praticava e idealizava lances de âmbito social avançados, socializantes; até pragmaticamente procurava resolver a cada dia os problemas grandes e pequenos, principalmente referentes a doenças e de cunho religioso . . . Feliz da Comunidade que teve um Padre Albino!”*

Mas a Comunidade Católica de Catanduva, mais que todos, sentiu-se na obrigação de promover uma semana de comemorações, que a imprensa falada e escrita divulgou, cujo tema e finalidade eram “De Paróquia em Paróquia, vamos reviver a Vida e Obra de Monsenhor Albino”. A programação, com missa diária, foi a seguinte:

Dia 7/9 — Paróquia de S. José. Tema: Histórico de sua vida e vinda para o Brasil. Pregador: Côn. Oscar S. Amaral.

Dia 8/9 — Paróquia de S. Judas Tadeu. Tema: Virtudes humanas de Mons. Albino. Pregador: Pe. Adélio Vian.

Dia 9/9 — Paróquia de S. Francisco de Assis: Tema: A Vida de Caridade de Mons. Albino. Pregador: Pe. Valdecyr do Espírito Santo.

Dia 10/9 — Paróquia de Sto. Antonio. Tema: O Sacerdote Albino. Pregador: Pe. Synval Januário.

Dia 11/9 — Paróquia de N. Sra. Aparecida. Tema: As Obras de Mons. Albino. Pregador: Pe. Sylvio F. Ferreira.

A Semana culminava no dia 12/9 com procissões das cinco paróquias de bairro, cada uma trazendo o andor de seu respectivo Padroeiro, concentrando-se na paróquia mãe, — S. Domingos —, para a celebração campal da Santa Missa Presidida pelo Sr. Bispo Diocesano, Dom José de Aquino Pereira que, ao Evangelho focalizou a vida de Mons. Albino. Segue abaixo, na íntegra, a pedido de Mons. Victor Rodrigues de Assis, a palestra que pronunciei na Paróquia de Sto. Antonio, no dia 10 da referida semana, por ter focalizado aspectos da vida especificamente sacerdotal de Pe. Albino, ainda não bem conhecidos, e que constou do Suplemento especial do jornal “O Regional” acima citado:

MONS. ALBINO — SACERDOTE

Monsenhor Albino sempre foi louvado pelas obras que realizou. Todas as pessoas, mesmo fora do ambiente católico, reconhecem seu valor, sua grandeza de homem, de cidadão.

Mas, apreciar Mons. Albino como padre, como sacerdote, só para quem tem fé. Só dentro de um contexto de fé esse aspecto de sua figura e de sua vida será visto como não só o maior, mas o que, na verdade, dá sentido aos outros aspectos. Monsenhor foi grande pelo que fez, mas foi maior pelo que foi: um sacerdote da Igreja de Deus.

Em Outubro de 1910 é proclamada a República Portuguesa. Os primeiros governos, formados por anti-clericais, passam a perseguir os possíveis inimigos do novo regime. Padre Albino, ordenado somente há cinco anos, pela Arquidiocese de Braga, se vê obrigado a fugir, clandestino e disfarçado, por entre grandes perigos e enormes sacrifícios, chegando a atravessar a fronteira da Espanha, onde passou a viver numa vila, até que, em 1912 embarca para o Brasil, num navio de refugiados. Tinha 30 anos. Com a ajuda de um sacerdote jesuíta amigo, que, também fugitivo, se encontrava no Brasil, vem para a Diocese de São Carlos. Durante seis anos trabalhou, sucessivamente, como Vigário Coadjutor do pároco de Jaboticabal, como Vigário Coadjutor de Jaú e como Vigário de Barra Bonita, donde veio para Catanduva.

Quando ele veio, encontrou uma cidade sem fé e sem moral. Num discurso que fez em 1958 declarou: *“Foi a 28 de abril de 1918 que eu fui nomeado Vigário desta Paróquia (de São Domingos, de Catanduva), por D. José Marcondes Homem de Melo, Arcebispo-Bispo*

de São Carlos, a cuja Diocese ele pertencia. A minha posse assistiram umas 3 ou 4 pessoas . . . D. José Marcondes ofereceu-a antes a outro sacerdote, mas ele recusou-a, alegando que ela era refúgio de assassinos e ladrões”. De fato, Catanduva, nessa época, era chamada “Cerradinho dos Maus Costumes” e Pe. Albino, dois ou três meses depois de chegado, foi roubado, em plena casa paroquial, por um indivíduo que numa noite chuvosa, para entrar na casa, fez um grande rombo na parede da cozinha! Continua ele: “D. José Marcondes insistia para eu começar a igreja paroquial. Mas, como iniciá-la se o povo dizia que padre não vale nada? se não havia para estímulo igreja alguma neste recanto e vasta região do Estado de São Paulo? Se os homens passavam por mim e cuspiam acintosamente para o lado; e se até inventaram a construção de uma Santa Casa para eu não pode arranjar donativos para o levantamento da igreja?” “No entanto, consegui, com muito esforço, energia e trabalho, construí-la em seis anos, inclusive fazer com que o célebre professor Benedito Calixto lhe pintasse 19 quadros maravilhosos . . .”

A última e mais abalizada palavra a respeito do verdadeiro significado e valor do padre está no Concílio Ecumênico Vaticano II, encerrado em 1965. Quero salientar alguns pontos importantes do documento sobre o Ministério e a Vida dos Presbíteros e, confrontando-os com palavras e fatos da vida de Mons. Albino, mostrar como, em muitas coisas, ele preencheu quase totalmente as exigências da Igreja para com os seus ministros, a fim de que os adultos aqui presentes se recordem, com saudade, do grande sacerdote que conheceram, e as crianças e adolescentes conheçam o Homem de Deus que não tiveram a felicidade de ver.

1 . “Cooperadores da Ordem Episcopal”

A primeira catequese que o Concílio propõe é a de que, na Igreja, o Sacramento da Ordem, na verdade, se encontra plenamente no Bispo. Sacerdote, no sentido pleno, total, é o Bispo: **“Tendo enviado os**

Apóstolos, assim como Ele próprio fora enviado pelo Pai, Cristo, através dos mesmos Apóstolos, tornou os sucessores deles, os Bispos, participantes de sua consagração e missão”. Os padres participam, em grau subordinado, do sacerdócio do Bispo; seu sacerdócio vem do Bispo. Por isso, o Concílio diz que eles são **“Cooperadores da Ordem Episcopal”**.

Mons. Albino tinha perfeita consciência desta verdade: em 4 de Agosto de 1968, quando D. José de Aquino assumia a Diocese de Rio Preto, em lugar de D. Lafayette Libanio, Mons. Albino lhe dirigiu uma saudação, como Presidente do Cabido Diocesano, dizendo: *“Nós, clero desta Diocese de Rio Preto, regozijamo-nos com a nomeação de V. Excia. Revma. para nosso Pastor, porque V. Excia. tem qualidades magníficas de bondade, trabalho, organização e energia para desempenhar nobremente essa espinhosa missão, mas — e ele acrescenta com firmeza — ainda que V. Excia. tivesse a fama de enérgico mas brioso, nós o aceitaríamos da mesma maneira caridosa, pois no Cristianismo, todo Bispo é um sucessor dos Apóstolos e é nomeado pelo Santo Padre, o Papa, a quem, na ocasião da nossa ordenação sacerdotal, juramos obedecer pontualmente. Nós preferimos o divino ao humano e, por isso, reprovamos todas as inovações nos atos litúrgicos que não sejam antes aprovadas pelos respectivos Bispos”*.

2. Ministério dos Presbíteros

Ensinando sobre os Ministérios, as tarefas dos presbíteros, o Concílio, depois de dizer que eles têm como tarefa primeira anunciar o Evangelho de Deus a todos (e Mons. tinha um modo tão simples de fazê-lo), diz que eles são consagrados por Deus, pelo ministério dos Bispos, feitos de modo especial participantes do Sacerdócio de Cristo, para, nas celebrações sagradas, agirem como ministros d'Ele, a fim de nos santificarem, trazendo Deus aos homens e conduzindo os homens ao

encontro de Deus, principalmente através da Santa Missa, que é o centro da nossa vida espiritual: é fonte, ponto de partida para a nossa vida no mundo, e o cume, o ponto de chegada, para onde trazemos e oferecemos as nossas pessoas, o nosso trabalho, as nossas lutas e realizações, para louvor e glória do Senhor, nosso Deus.

A esse respeito, como coroinha vários anos de Mons. Albino, posso dizer que guardei sempre a lembrança de sua maneira de celebrar a Santa Missa: o grande respeito, a grande fé e devoção revelados pela concentração de sua alma na celebração do Mistério da Eucaristia.

Todos conhecem também o carinho e zelo de Monsenhor pela Casa de Deus, que o levaram a procurar sempre o melhor para ela. Naquele tempo, numa população tão insignificante, numa cidadezinha tão acanhada, levantar um templo tão grande e tão belo era um desafio digno da grandeza do sacerdote que era.

3. Governo e formação da Comunidade

Diz também o Concílio que os Sacerdotes são **educadores na Fé**, e que lhes compete cuidar, por si ou por outrem,

“que todos os fiéis cheguem no Espírito Santo a cultivar a vocação pessoal segundo o Evangelho, numa caridade sincera e operosa e a liberdade, pela qual Cristo nos libertou ... Sejam ainda os cristãos treinados a não viverem só para si mas, segundo as exigências da nova lei da caridade, a porem uns a serviço dos outros, a graça recebida” ... “Exercendo a função de Cristo Cabeça e Pastor ... os presbíteros reúnem em nome do Bispo, a família de Deus . .. tendo como tarefa própria, a formação de uma autêntica comunidade cristã . Os presbíteros aceitam como confiados a si de modo particular os pobres e mais humildes . .. mostrem enfim a maior solicitude para com os doentes e agonizantes . . . sejam defensores de Bem Comum . . . tenham especial

solicitude para os que abandonaram a prática dos sacramentos” até mesmo a fé ... não se esqueçam dos irmãos que não têm a nossa mesma fé.

Mons. Albino disse, no discurso de saudação a D. Jose de Aquino: “Os nossos filhos, portanto, são os nossos paroquianos e o povo em geral, a quem nós devemos procurar harmonizar e dar assistência espiritual e até material, ensinando os ricos a cuidar dos pobres em obras sociais, e os pobres a auxiliar os ricos com seus honrados trabalhos manuais, sem recursos a greves, agitações e passeatas, que trazem intranquilidade à nação, exceto no caso de algum mau patrão recusar-se a pagar no tempo devido, os honorários dos seus empregados, ou lhes quiserem pagar salários irrisórios, que não dêem para sustentar decentemente as suas famílias, e que, portanto, não são os estipulados na lei do país”.

Tenho em meu poder um exemplar do jornal “A Cidade”, de 1.º de Janeiro de 1938. Eu tinha nessa época quase três anos de idade. O Diretor do jornal era meu padrinho de Batismo, João Celestino da Costa. Um dos redatores era Nair de Freitas. Já naquele tempo foi escrito: “Falando de Catanduva e de seus feitos, não pode ficar à margem o nome de Mons. Albino Silva, eis que ambos identificaram-se quase que numa simbiose de trabalho e altruísmo. Aqui reponta por todo lado o seu bondoso espírito de peregrino do Bem. O seu apostolado religioso, a sua vigilante assistência social, a sua bondade simples, fizeram dele a individualidade mais querida, a mais representativa desse povo”.

—Missões

Como bom Pastor, a exemplo de Jesus, Mons. preocupava-se com o rebanho: por isso, patrocinava a vinda freqüente de missionários para Catanduva. Diz ele num discurso na Rádio Difusora, em 11 de abril de 1958, que *“a religião era muito pouco praticada mas, com a vinda freqüente de missionários à cidade, Jesuítas, Redentoristas e outros sacerdotes, o ambiente religioso da população foi-se modificando e melhorando sensivelmente . . .”*

—Busca de Novos Sacerdotes

Sentindo a cidade crescer e, com o crescimento surgirem maiores problemas morais e religiosos, pela impossibilidade de atender e assistir a todos, seu zelo de pastor o levou à Europa, à procura de padres que o ajudassem, uma vez que na Diocese e mesmo no Brasil, a falta de sacerdotes era premente: *“Em 1949 . . . fui a Roma . . . Por intermédio do bondoso e culto Reitor do Seminário português em Roma, onde fiquei hospedado, fui apresentado pessoalmente ao EmO Cardeal Mazzella que, depois de quatro audiências, e depois de 23 dias de minha estadia naquela linda e histórica cidade, me indicou os Padres Doutrinários para virem para aqui”*.

—Capelas nos Bairros

Mons. Albino cuidou também de que os católicos tivessem, em cada canto da cidade, locais onde se reunir para celebrar os mistérios da Fé: em 1971, em artigo publicado na Revista “A Feiticeira”, disse: *“Na parte religiosa, entre igrejas e capelas rurais e na cidade, mandei construir treze . . . No dia 15 de janeiro foi instalada com grande solenidade a nova Paróquia de Santo Antonio . . .”*

—Vocações

O Concílio diz ainda, neste Documento, sobre os Presbíteros, que Jesus, o Bom Pastor, quis que a Igreja, o Povo que Ele escolheu e conquistou com seu sangue, sempre e até ao fim dos séculos devesse ter os seus sacerdotes, para jamais os cristãos estarem como ovelhas sem pastor. Daí o grave e urgente problema das vocações na Igreja. Ensina o Concílio que é dever dos Presbíteros participarem desta preocupação de toda a Igreja.

Neste sentido, a vida e o exemplo de Mons. Albino mostram como ele foi fiel a esta exigência, porque despertaram vocações sacerdotais e religiosas em Catanduva. Algumas perseveraram, outras não. Para a minha vocação Monsenhor deu todo o apoio. Filho de numerosa família, não tínhamos recursos materiais para o Seminário; através da Associação de São José, ele custeou todas as minhas despesas de manutenção, nos meus sete anos de Seminário Maior e Faculdade de Teologia Além disso, recebi dele muito incentivo. Quando de férias, ia visitá-lo em seu escritório à entrada do Hospital: ao me ver, nessas ocasiões, sempre magrinho, fraquinho, Mons. chegava a me aconselhar o que comer, para ser mais forte, ter mais forças para suportar o trabalho sacerdotal.

Uma vez, num banquete realizado para ele, em 29 de abril de 1958, celebrando seu 40.º aniversário de posse como Vigário de Catanduva, em discurso, Mons. disse: **“A renda deste banquete tem uma aplicação muito nobre. Ela servirá para auxiliar o Seminário dos Padres Doutrinários”**.

Côncio do valor da vida religiosa para o crescimento espiritual de uma Comunidade, sempre desejou trazer religiosas para Catanduva, sobretudo para a educação das crianças, dos adolescentes e dos jovens, como também para o cuidado dos doentes e idosos. “As primeiras religiosas a chegarem a esta cidade — disse ele —, foram quatro Irmãs Franciscanas para a Direção do Hospital, a 2 de dezembro de 1930... Em 1932 vieram as Irmãs de N. Sra. do Calvário ... Em 13 de julho de 1954, as Irmãs Missionárias de Santo Antonio” (que hoje dirigem o Educandário S. José).

4. Santidade dos Presbíteros

No capítulo 3 deste mesmo Documento conciliar, se ensina que, para cumprirem sua missão sacerdotal de santificar o Povo de Deus, os próprios Presbíteros devem “avançar na santidade”, pois que representam Aquele que é “santo, inocente, imaculado” — Jesus Cristo.

Para mostrar que Mons. Albino foi um homem de Deus quero lembrar uma expressão do nosso prezado amigo, jornalista Nair de Freitas, logo após a morte do grande sacerdote, e que considero uma expressão fiel e feliz: *“Nunca nada e ninguém me abalará a convicção de que o sacerdote e homem Mons. Albino Alves da Cunha e Silva não era um predestinado. Creio que ele mesmo assim se sentia, e o sentia na sua franciscana simplicidade, naquela apostólica humildade que sempre serão a marca inapagável dos verdadeiramente bons e grandes”*. (Jornal “A Cidade”).

Nair estava certo: Dom Lafayette Libanio, o Bispo Diocesano, que o conheceu tão de perto e por muitos anos, dizia que era “*uma alma eleita*”, “*instrumento de Deus*”. E o próprio Pe. Albino confessava, em discurso já citado: “*Na minha vida, por algumas vezes, estive para ser assassinado, não porque seja briguento, mas por ter propugnado pela defesa dos direitos alheios. Perguntará alguém por que tenho eu resistido a tantos sofrimentos, trabalhos, injustiças, canseiras, desgostos e perigos de toda espécie? Eu sinto duma maneira bem palpável uma mão invisível que me encoraja, protege, auxilia e alenta. Por que será que Deus me protege em tudo duma maneira tão sensível, até escandalosa?*”

Falando de suas andanças pelos sítios e fazendas, ao longo de tantos anos, angariando prendas para suas obras de caridade, Mons. dizia: “Naquele tempo, nas roças, havia cobras venenosas, principalmente nas beiradas dos córregos e brejos, mas eu me lembrava do pedido que o Pe. Anchieta fez a Deus, de não permitir que elas mordessem os sacerdotes que, antigamente eram poucos, e elas eram muitas, e mesmo em noites escuras, pisava em denso capim nas margens dos regatos, onde elas são freqüentes, e nunca fui perseguido e nem avistei nenhuma”.

5. Virtudes sacerdotais

O Concílio mostra que os Presbíteros, vivendo a santidade, devem cultivar e desenvolver, de modo especial, certas virtudes: **Humildade, Obediência, Castidade, Pobreza.**

Nestes dias, Côn. Oscar, Pe. Adélio e Pe. Valdecyr falaram tão bem de sua bondade, humildade e caridade. De sua humildade, peço licença para lembrar apenas como era verdadeira. Recordo-me de uma passagem de Sto. Agostinho, nas suas “Confissões”, quando dizia: “Este

é o fruto que tiro das minhas confissões, em dizer não só qual tenho sido, mas também quem sou agora” . . . “Entre os meus iguais, e companheiros, tinha vergonha de ser menos desonesto do que eles, quando os ouvia louvarem-se das suas desonestidades . . . E eu, cego, por não ser vituperado, me fazia mais vicioso”.

A santidade de Agostinho o levava à humildade dessa confissão pública de coisas tão inconfessáveis!

Pois em discurso também público, perante o Bispo, outros sacerdotes, autoridades e povo, Mons. Albino dizia: *“Eu não sou, infelizmente, um inocente. Não tenho essa glória. Fui-o até à idade de 11 anos, mas depois que me tornei um estudante de ginásio, as más companhias levaram-me a conhecer e a gozar de todos os prazeres do mundo. Hoje enojo-me ao lembrar-me dessas imundícies asquerosas”.* Convenhamos: — é uma lição de profunda humildade. E isto que falou, também publicou. Normalmente, escondemos **nostros erros e** fraquezas, para não diminuir nosso conceito nem comprometer nossa personalidade perante a opinião pública!

Sobre sua obediência, além do que ouvimos no seu discurso de saudação ao novo Bispo de Rio Preto, quero recordar o episódio do local da construção da igreja matriz de S. Domingos. Em artigo da Revista “A Feiticeira”, lemos o seguinte: *“A planta da igreja já existia. Pe. Albino consultou D. José Marcondes, Bispo de São Carlos, que determinou o local. Muitos achavam loucura construir uma igreja tão grande para uma cidade tão pequena. O próprio local não era do agrado de todos. Pe. Albino não cedeu. Antes de tudo, como soldado de Cristo, devia obediência ao Bispo”.* E respondia: *“Onde o Bispo mandou, aí vamos construir”.*

Bens materiais e pobreza

Em julho de 1951, no jornal “Gazeta Farroupilha”, de Londrina, saiu um artigo violento, depois publicado na “Gazeta Brasil” do Rio de Janeiro, acusando mentirosamente Mons. Albino de “grileiro, ladrão, assassino e latifundiário”, por causa da fazenda de 103 alqueires que ganhou de Ricardo Lunardelli, no Paraná, e que passou, por escritura, em nome da Associação Beneficente de Catanduva, hoje Fundação Padre Albino. Na defesa que publicou, Mons. Albino deixou-nos um edificante testemunho de seu desprendimento e de sua pobreza, escrevendo: *“Eu não tenho terras no Paraná, e nem em qualquer parte do mundo, a não ser a de minha cova no cemitério desta cidade, a única que está em meu nome e, portanto, a única que é minha”* . . . *“É verdade que meus pais deixaram-me em comum, alguns bens de raiz: fiz doação deles a uma sobrinha minha. Se os doe, já não são meus”*.

Aos 18 de outubro de 1974, quando as Autoridades Judiciárias abriram o Testamento deixado por Pe. Albino num envelope cerrado, apresentado por seu sobrinho, Dr. Alberto, estava escrito: *“Deixo a Maria Cecília ... filha legítima de meu irmão Dr. Antonio Alves da Cunha e Silva, todos os bens por mim havidos por morte de meus pais, que devem corresponder a umas propriedades agrícolas situadas na freguesia de Infesta, Concelho e Comarca de Celorico de Basto, Portugal . . .”* E, no final do testemunho ainda escreveu: *“Em tempo: no Brasil nada possuo atualmente, mas se tiver alguns bens na hora da minha morte, deixo-os todos à Associação Beneficente de Catanduva”*. Data do testamento: Maio de 1955.

No citado discurso de 40 anos de Vigário em Catanduva, em 1958, Mons. afirmou: *“Eu sempre e em tudo confiei na Providência divina. Trabalho continuamente e com paixão para as obras sociais, mas nunca desejei ser rico pessoalmente. Pelo contrário, sempre desejei ser pobre honrado . . . Eu desejo, com toda a sinceridade, morrer inteiramente pobre, sem dinheiro, sem bens, sem dívida e sem pecado”*.

Castidade

Sobre sua vida de pureza e castidade, conheço dois testemunhos de Mons. Albino que me impressionaram e comoveram: o primeiro, tirado de um discurso de 1958: *“Duas coisas a que eu atribuo sinceramente a proteção e a ajuda de Deus nos meus empreendimentos sociais e religiosos: castidade e desprendimento dos bens terrenos . . Quando me ordenei sacerdote em 1905, tendo 23 para 24 anos de idade, fiz, de livre e espontânea vontade, perante o meu Bispo diocesano, voto de castidade perpétua. Apesar de ter sido solicitado, algumas vezes, diretamente para violá-lo consegui em 53 anos de vida sacerdotal, guardá-lo e conservá-lo integralmente. Estou profundamente convencido de que Deus protege, abençoa, defende e encoraja os puros de coração, porque eles preferem-no aos prazeres da carne, tão ardentes, sedutores, enganosos e nocivos”*. O segundo testemunho foi na saudação a D. José de Aquino, em 1968. Naquela ocasião, disse Monsenhor: *“Repudiamos também o casamento de sacerdotes católicos, pois durante os nossos estudos nos Seminários, fomos avisados pelos nossos professores de que seríamos sempre solteiros e, na ocasião de nossa ordenação, igualmente juramos por toda a nossa vida, guardar castidade perfeita”*.

6. Oração

O Concílio ensina ainda que *“para cumprirem com fidelidade o ministério, (os Presbíteros) tomem a peito o colóquio diário com Cristo Senhor na visita e no culto pessoal da Asma. Eucaristia . . . De muitos modos, especialmente pelos métodos da oração mental e pelas diversas formas de preces . . . procurem os Presbíteros, e de Deus implorem com insistência, aquele espírito de verdadeira adoração, se unam intimamente com Cristo . . .”*

A propósito deste ponto, posso dizer que sempre vi Mons. Albino, logo após a Missa, longos momentos junto ao sacrário. Seu livro de oração pelo povo, — o breviário — era muito velho e muito gasto, sinal de ter sido um companheiro inseparável de um velho sacerdote que sempre cumpriu seu dever de oração pela Comunidade.

Quero encerrar com as palavras de D. José de Aquino, nosso Bispo diocesano, em 1973 na missa de Corpo presente de Mons. Albino: *“O seu testemunho, o seu exemplo, fica. Como um estímulo para cada um de nós . . . reconhecendo o que ele foi e o que nós precisamos ser; o que nós somos estimulados a ser”.*

Se é verdade, como está no profeta Isaías (cap. 55), que a Palavra de Deus é como a chuva que desce do céu e não volta para lá sem ter produzido no solo algum bem, a vida física de Mons. Albino é como a semente que se perde na terra para fazer suscitar em nós frutos de vida cristã, que um dia possamos apresentar, em virtudes, em bens, para o louvor e glória de Deus Nosso Senhor!

1986 -- SEMANA DE MONSENHOR ALBINO:

É neste sentido de preservar para as gerações futuras desta terra o modelo edificante e nobre de Pe. Albino, que o Sr. Prefeito Municipal, Dr. José Alfredo Luiz Jorge, por Lei n.º 2.265, de 30 de julho de 1986, instituiu a “SEMANA MONSENHOR ALBINO” e dá outras providências:

“O DOUTOR JOSÉ ALFREDO LUIZ JORGE, Prefeito do Município de Catanduva, Estado de São Paulo, no use *de* suas atribuições legais, sanciona e promulga a seguinte Lei, aprovada pela Câmara Municipal, em sua sessão de 19 de julho de 1986, conforme Resolução sob n.º 2.372.

ARTIGO 1.º — Fica instituída a “SEMANA MONSENHOR ALBINO” a ser comemorada, anualmente, no período de 1.º a 8 de agosto.

ARTIGO 2.º — A coordenação dos festejos e atividades da “SEMANA MONSENHOR ALBINO” fica a cargo do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura e também por clubes de serviços, escolas civis, militares e entidades religiosas de Catanduva.

ARTIGO 3.º — Durante a “SEMANA MONSENHOR ALBINO” serão desenvolvidas atividades de benemerência, culturais, religiosas, artísticas e esportivas, obedecendo a programação elaborada pelas entidades enumeradas no artigo anterior.

ARTIGO 4.º — As despesas decorrentes da aplicação da presente Lei, correrão por conta de dotações do orçamento vigente.

ARTIGO 5.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL “DOUTOR TANCREDO DE ALMEIDA NEVES”, AOS 30 DIAS DO MÊS DE JULHO DO ANO DE 1986.

Ass. Dr. José Alfredo Luiz Jorge, Prefeito Municipal Publicado neste Departamento na data supra.

Ass. Walner Pellizzon, Diretor do Dep. de Administração.

Na Fundação Padre Albino é ainda o seu exemplo que continua a inspirar e animar os Conselheiros a desenvolver sua obra, apesar das tremendas dificuldades advindas da situação por que passa o país todo. É principalmente a lembrança do amor e do cuidado que Pe. Albino sempre teve pelos pobres que mantém acesa, para os que assumiram a Fundação, a chama do seu ideal.

Nós, que o conhecemos e o amamos, esperamos que ele nunca seja esquecido nem desamado.

Í N D I C E

NASCIMENTO	15
NA ESCOLA	17
O JOVEM SACERDOTE	18
VIGÁRIO NA TERRA NATAL	20
A GRANDE TEMPESTADE	21
PADRE ALBINO NA ARENA	22
A FUGA	22
A BANDEIRA BRASILEIRA	23
CHEGA AO BRASIL	25
O VALENTÃO	25
CATANDUVA	27
O 2.º VIGÁRIO DE CATANDUVA	28
O SACRISTÃO	30
VIA DOLOROSA	31
AS OBRAS DA MATRIZ	32
ANGARIANDO DONATIVOS	32
OS INCIDENTES	33
O MENINO MISTERIOSO	34
LIVRE DOS ASSALTANTES	35
ONDE A VACA MORREU	36
O JEEP	37
IMITADOR DE CRISTO	37
A CAPELA DO SANTÍSSIMO	41
EFICIÊNCIA DO AMOR	42
JESUS REDIVIVO EM MONSENHOR ALBINO	45
SUA VIDA NA PARÓQUIA	45
PINTURA E DECORAÇÃO DA MATRIZ	49
BENEDITO CALIXTO EM CATANDUVA	49

FEITURA E COLOCAÇÃO DOS QUADROS	51
BORRASCAS INOPORTUNAS	52
PERENE MOCIDADE	53
O HOMEM INALTERÁVEL	55
PROMOÇÃO E REMOÇÃO	56
OS QUERIDOS POBRES DE MONSENHOR ALBINO	56
A CASA PAROQUIAL	58
O HOSPITAL PADRE ALBINO	60
O COLÉGIO NOSSA SENHORA DO CALVÁRIO	62
ARTIGO DA LAVRA DA IRMÃ ANA MARIA	63
ESTILO DE MONSENHOR ALBINO	67
MEDALHA E DIPLOMA DE HONRA AO MÉRITO	71
AS BENÉFICAS INSTITUIÇÕES	72
BELA E EDIFICANTE LIÇÃO	73
UM SAMARITANO MODERNO	74
UM APÓSTOLO	78
APÊNDICE	81
RETIFICAÇÕES E NOTAS	82
1.º TÍTULO DE CIDADÃO DE CATANDUVA	91
AS FACULDADES DE ENSINO DE MONSENHOR ALBINO	96
FACULDADE DE MEDICINA	98
COLÉGIO COMERCIAL E FACULDADE DE ADM. EMPRESAS	109
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	116
A VELHICE E A DOENÇA	123
A MORTE	130
REPERCUSSÃO	133
OS FUNERAIS	136
CINQUENTENÁRIO DO HOSPITAL E INAUGURAÇÃO NOVO PAVILHÃO 150	163
O MONUMENTO	169
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO	169
SEMANA DE MONSENHOR ALBINO	187